



MORRER NÃO É O FIM

ADMIR SERRANO

Vamos, homens, coragem!
De uma vez por todas, lançai para longe todos os
preconceitos e idéias preconcebidas.
Entrai na nova senda que diante dos passos se vos
abre.

SÃO LUÍS

AGRADECIMENTOS

A Deus... Pelo que sou e o que tenho e por Sua suprema justiça; pois o que sou é o que faço de mim e o que tenho é a colheita do que planto em cada uma de minhas existências - nada poderia ser mais justo!

À minha querida esposa Mary Lúcia, minha amiga e parceira evolutiva. Mas agradecer de que maneira? Como se agradece alguém que, nos momentos difíceis, é capaz de tirar alimento de seu próprio prato para que me sustente melhor?

À Ana Kelly, por privar-se dos deleites que certamente desfrutava nos jardins de Deus e vir a este plano reunir duas almas que necessitavam se encontrar e dar novo rumo à nossas vidas.

À minha doce Gabriela, companheirinha de jornada, por ter-me honrado com a oportunidade e a confiança de ser seu pai nesta vida.

À Juliana Ibelli, pela primeira leitura do texto deste livro, por suas correções, opiniões inteligentes e críticas construtivas. À todo o pessoal da Petit Editora que participou na transformação de um sonho em realidade.

SUMÁRIO

Prefácio do autor

1. Morrer não é o fim
2. Por que tememos a morte
3. O que veremos na hora da morte
4. O que as crianças vêem na hora da morte
5. Como a alma se desliga do corpo
6. Para onde vamos depois da morte
7. As incontáveis esferas do Além
8. O "morto" que voltou para casa
9. Os "mortos" voltam para mostrar que vivem
10. Nenhum adeus é para sempre
11. Anjos em nossa vida

12. Muitas vidas, muitas voltas

13. Mamãe, voltei! Lembranças espontâneas de vidas
passadas

14. Marcas de outras vidas!

Epílogo

PREFÁCIO DO AUTOR

Há 150 anos Allan Kardec escrevia: "Diz-se, freqüentemente, falando da vida espiritual, que não se sabe o que lá se passa porque pessoa alguma dela retornou; é um erro, uma vez que são precisamente os que lá se encontram que vêm dela nos instruir, e Deus o permite hoje mais que em nenhuma outra época, como última advertência dada à incredulidade e ao materialismo".

Os espíritos de ordem elevada foram, obviamente, os espíritos de homens e mulheres que um dia habitaram a Terra, portanto, "mortos" que retornaram para falar da continuidade da vida após a extinção do corpo material e designados para trazer à Terra a Doutrina Espírita para ajudar a humanidade a se compreender e a evoluir.

Pela mediunidade das jovens irmãs Julie e Caroline Baudin, de 14 e 16 anos de idade, respectivamente, de sua mãe Clémentine Baudin e, posteriormente, com o auxílio de Ermance Dufaux- médium psicógrafa desde os 14 anos de idade – e outros médiuns, esses espíritos responderam a mais de mil perguntas a eles propostas sobre os mais

diversos temas da verdadeira natureza humana e das características da vida e do mundo espiritual. Dissertaram, magnificamente, muitíssimo além da capacidade intelectual das médiuns, sobre variados temas religiosos, filosóficos e científicos. Os ensinamentos espíritas estão disseminados em cinco livros as chamadas Obras Básicas - compostas de O Livro dos Espíritos (1857), O Livro dos Médiuns (1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864), O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).

"O Espiritismo", disse Kardec em A Gênese, "é uma ciência de observação, e não o produto da imaginação. As ciências não tiveram progresso sério senão depois que o seu estudo se baseou no método experimental; mas, até esse dia, acreditou-se que esse método não era aplicável senão à matéria, ao passo que o é igualmente, às coisas metafísicas".

As verdades, caro leitor, são atemporais, isto é, resistem ao tempo e a todas as artimanhas elaboradas para refutá-las. Permanecem com o mesmo frescor, tão recentes agora quanto no tempo de sua revelação, ou seja, há 150 anos, no caso da Codificação Espírita, ou há dois mil anos, caso das verdades reveladas pelo Cristo.

Antes de ler O Livro dos Espíritos, a espinha dorsal da Doutrina Espírita, e de conhecer o Espiritismo, eu já

estudava fenômenos paranormais que a ciência vinha investigando, tais como experiências fora do corpo (as quais tenho com freqüência), que no Espiritismo conhece-se também por desdobramento ou emancipação da alma; as visões no leito da morte; comunicações após a morte; reencarnação etc, ou seja, tudo o que se relacionava "às coisas metafísicas" a que Allan Kardec se refere naquela passagem de A Gênese. Acompanhava (e acompanho) também os desenvolvimentos e descobertas da cosmologia e da astronomia no que tange à existência de vidas em outros planetas etc.

Três fatos impressionaram-me sobremaneira quando li O Livro dos Espíritos pela primeira vez. Um foi sua contemporaneidade com os relatos que encontrava nos trabalhos acadêmicos atuais sobre os fenômenos acima citados. Outro foi o teor do texto, a inteligência com que os "mortos" responderam às mais de mil perguntas a eles propostas. E o terceiro, e que me deixou boquiaberto, foi quem intermediou a maioria da comunicação – duas meninas, uma de 14 e outra de 16 anos, na França, na década de 50 dos anos 1800!

E por que esse último fato impressionou-me tanto? Os pesquisadores acadêmicos, sobretudo os céticos, não

acreditam nem em espíritos e, obviamente, tampouco na possibilidade de comunicarem-se por intermédio de médiuns. A explicação lógica que dão sobre as comunicações ditas vindas de espíritos é que nada mais são que produtos do subconsciente dos chamados médiuns.

Mas como explicar tamanho conhecimento e intelectualidade, ainda que fora do subconsciente, de duas meninas com limitada escolaridade e pouquíssima vivência e experiência? Tivesse sido Allan Kardec o médium, ainda poderia haver argumento, pois ele era sábio e possuidor de vastos conhecimentos em várias áreas das ciências exatas e humanas, mas as garotas não.

Bem, então, se foram mesmo espíritos que escreveram, eles existem! E se existem, haveria como provar sua existência cientificamente?

E se houver como prová-la, não podemos mais duvidar de nossa imortalidade e devemos dar como fato que existe vida após a morte!

E se existe vida após a morte, como é essa vida e onde vivemos depois que morremos?

Certa vez falei ao então presidente de centro espírita em Miami, o qual frequento e onde colaboro, da importância de provar cientificamente a existência de espíritos e da vida póstuma.

– Por quê? – indagou-me ele. – Você ainda não acredita nisso?

– Não é para mim – respondi –, mas para aqueles que não conseguem acreditar intuitivamente na continuidade da vida, e, nesse caso, a ciência poderia oferecer provas mais "concretas".

E esse foi o motivo que me levou a escrever este livro – comparar o que a ciência vem descobrindo e afirmando sobre a sobrevivência da alma após a morte do corpo físico com o que nos ensina o Espiritismo.

Aqueles que já acreditam ser imortais, que aprenderam com o Espiritismo que não morrerão, encontrarão aqui mais provas para reforçar a sua crença.

E os incrédulos, ou aqueles que ainda têm dúvidas, encontrarão aqui subsídios científicos e práticos para repensar sua posição e descobrir que também viverão para sempre.

E todos aqueles que, independentemente de sua crença, ainda vêem a morte como um monstro aterrorizador saberão, de uma vez por todas, que a vida continua, e que, quando chegar sua hora de deixar a vida física para retornar ao verdadeiro lar, estarão preparados para, nas palavras de Emmanuel, "sua nova modalidade de existência, que continua, sem milagres e sem saltos". Os

capítulos que seguem estão repletos de relatos extraordinários que não deixam dúvidas de que a morte do corpo não é o fim do espírito. Nossos parentes e amigos que deixaram esta vida, aqueles que chamamos de "mortos", seguem vivíssimos, intactos e prontos para nos prestar ajuda se estiverem na condição de auxiliar quando necessário.

Muito difícil será aos que desconhecem a verdadeira natureza da vida e de sua eterna e sagrada continuidade deixar de aceitar sua imortalidade após ler tais relatos. E aos que já sabem que são imortais, espíritas ou não, encontrarão neles subsídios adicionais para certificarem-se de que definitivamente a ciência e os fatos comprovam o que o Espiritismo ensina: morrer não é o fim!

Muita paz!

ADMIR SERRANO MIAMI, FLÓRIDA - 2007

1. MORRER NÃO É O FIM

Por favor, sente-se, senhor Smith – disse o oncologista, apontando a cadeira vazia em frente à sua mesa.

O senhor Smith, um ex-capitão da marinha mercante americana, estava fraco. Além de seus longos 85 anos de vida, o câncer que lhe carcomia os ossos lhe doía e o fazia caminhar vacilante. Ajeitou-se na cadeira com dificuldade e manteve seu olhar atento à pasta bege de cartolina, que seu médico estava prestes a abrir para dizer-lhe sobre os resultados de seus últimos exames.

– O câncer se espalhou, senhor Smith, e não há muito mais a ser feito.

O velho marinheiro engoliu em seco e, seus olhos, já miúdos pelo tempo, encheram-se de lágrimas. Tentou falar, mas não conseguiu. Respirou fundo e pigarreou com força para desatar o nó que havia se instalado na garganta.

– Quanto tempo, doutor? – sua voz era trêmula.

– Não muito, sinto em dizer-lhe – retrucou o médico. Quero dizer-lhe que tomei a liberdade de passar o senhor ao nosso programa de hospice.

A palavra hospice penetrou-lhe a alma como uma lança afiada. Ele sabia que hospice era um programa paliativo para doentes terminais, cuja doença não tem mais cura e cujos pacientes têm no máximo seis meses de vida. Portanto, com sorte, era esse o tempo que lhe restava neste mundo.

A morte lhe batia à porta com um estrondoso ruído, mas ele não estava preparado para abri-la. Tudo o que havia aprendido navegando pelos mares da Terra, por tantos anos, de nada lhe servia nesse momento tão crucial. Ele estava morrendo, e à sua frente via apenas águas turbulentas e desconhecidas, prestes a engolfar-lhe o ser e remetê-lo impiedosamente às profundezas de um nada negro e desesperador.

O sinistro prognóstico lançou-o ao fundo do abismo da depressão e do medo. A morte era algo em que ele, assim como quase toda a humanidade, jamais havia pensado. Durante todos aqueles 85 anos, ele tinha tido outras coisas mais urgentes e mais agradáveis com que se preocupar.

Mas agora chegara a sua vez, como chegará a de toda a humanidade e, apesar de ter ultrapassado a média de longevidade da maioria da população mundial, ele não estava preparado para morrer. E, nesse momento, quando as crenças religiosas deveriam trazer um auxílio consolador,

a que o velho marinheiro seguia, pouco ou quase nada lhe falava sobre sem futuro após a morte.

Mas ele queria saber: "Existe vida após a morte e, se existe, como é essa vida, o que me espera, para onde irei?", -indagava-se o ex-capitão.

Além de empenhar-se em aliviar as dores físicas de seus pacientes, os programas de hospice empenham-se também em dar-lhes apoio emocional, psicológico e espiritual. Na busca de respostas a seu possível futuro além do túmulo e para aliviar um pouco a angústia que o iminente fim de seu corpo físico lhe causava, o senhor Smith pediu a presença da capela para conversar.

Abrindo o Novo Testamento, em Atos dos Apóstolos, 2 Coríntios, 4: 16-18, a reverenda leu-lhe essa passagem:

"É por isso que não desfalecemos. Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia. A nossa presente tribulação, momentânea e ligeira, nos proporciona um peso eterno de glória incomensurável. Porque não miramos as coisas que se vêem, mas sim as que não se vêem. Pois as coisas que se vêem são temporárias, e as que não se vêem são eternas."

O senhor Smith ouvia com atenção, mas sua mente, exasperada, vagava: "De que será que ela está falando?", indagava-se.

Terminada a leitura, a reverenda complementou:

- Talvez seja isso que Deus está reservando para o senhor.

Reservando o quê? O que vai ser do senhor Smith após a morte? Ele ainda não fazia a menor idéia.

A intenção, tanto da reverenda como a de Paulo, o apóstolo que proferiu essas palavras, é louvável, mas o sentido é obscuro e confuso. Para trazer algum tipo de alívio ao moribundo e dar-lhe esperança, sobretudo a alguém que durante toda sua vida jamais parou para refletir sobre a realidade da morte, são necessárias palavras claras, objetivas e diretas.

Sem dúvidas, a passagem que a reverenda cita é muito curta para elaborarmos alguma idéia sobre a vida após a morte. No entanto, mesmo que investiguemos as milhares de páginas dos vários textos sagrados de diferentes religiões - a Bíblia entre eles - não encontraremos explicações do que nos espera após a morte, além das três clássicas possibilidades: o céu para os bons, o purgatório para os mais ou menos e o inferno para os maus.

A morte batia à porta de uma outra paciente dessa bem-intencionada reverenda. Dona Clara, de 74 anos de vida, estava igualmente com seus dias contados. Ao refletir sobre a vida que estava para findar-se, tinha certeza de seu destino: ia direto para o inferno!

Sua religião lhe havia ensinado isso. Esse era o destino de todos aqueles que se rebelassem contra Deus. E era seu caso.

De menina, ela e sua mãe haviam sofrido abusos do pai alcoólatra. Inconformada com a complacência de Deus diante de seu sofrimento e o de sua mãe nas mãos do homem que deveria provê-las e protegê-las, passou a rejeitar ambos – o pai e Deus.

Católica, havia crescido no preceito do céu, do purgatório e do inferno. E calculando a extensão de seus pecados, iria diretamente para o inferno! A pobre senhora estava aterrorizada.

Juntas, reverenda e moribunda, folheavam, em vão, as centenas de páginas de suas Bíblias em busca de um consolo. Quem sabe encontrariam a tempo uma brecha nas leis divinas que lhe pudesse dar um habeas-corpus, ou alguma outra opção menos cruel que o inferno, para ajudá-la a morrer com um pouco de paz.

A reverenda tinha mesmo seus dias cheios. Muitos pacientes pediam sua presença em busca de um alento, um fio de esperança contra o fim que tão breve chegaria. E dentre as tantas perguntas que lhe faziam, havia uma em comum: que me esperará após a morte?

– Reverenda – exclamou-lhe dona Ruth, uma paciente de meia-idade, a primeira vez que a viu –, minha cristandade simplesmente desapareceu. Que vai ser de mim após a morte? Sinto-me envergonhada por não encontrar em minha fé o conforto de que tanto necessito nessa hora

– confessou ela.

Essa senhora havia sido protestante praticante toda lua vida adulta. Mas apesar dos tantos sermões que ouviu, dos tantos salmos que havia decorado, de seu orgulho em saber de memória os capítulos e versículos de passagens bíblicas, nada sabia de seu destino após a morte.

A CLAREZA DO ESPIRITISMO

E o que diria um bem informado espírita a tantos senhores Smiths, Josés, Antonios e Joãos; donas Claras,

Ruthes, Marias e Aparecidas que recebem semelhantes prognósticos diariamente a fim de prepará-los para a transição da morte, sem rodeios, direta e firmemente?

Diria:

- Meus irmãos, não há que temerem a morte, porque a morte não é o fim. A morte do corpo não lhes extinguiu a vida. Ao contrário do que aprendemos, não viemos do pó e não retornaremos a ele. O corpo sim, volta ao pó, mas o espírito, não. O corpo é perecível e mortal, enquanto o espírito, o que verdadeiramente somos, é imortal e eterno. Para experimentar a vida na Terra, precisamos de um traje que nos permita interagir com as coisas da Terra. Nosso corpo físico é esse traje. E assim como vocês continuavam sendo as mesmas pessoas todas as manhãs após se despojarem de seus trajes de dormir, vocês serão as mesmas pessoas após a morte despojar-lhes o corpo físico.

"Vocês continuarão vivendo! Mesmo que se apaguem as luzes de seus olhos físicos, os olhos de sua alma ainda verão. Mesmo que se desfaçam as redes neuronais que os ajudam a pensar e a sentir, vocês continuarão pensando e sentindo - mesmo sem elas! Vocês não são esse corpo que ora habitam e que estão prestes a deixar. Vocês estão usando esse corpo temporariamente!

Vocês continuarão ouvindo, sentindo e pensando tão lucidamente como o fazem agora e até mais. Vocês não serão aniquilados. Quando seu corpo físico der seu último suspiro, ou quem sabe antes mesmo disso, vocês estarão em outro corpo, em outra realidade; mas seguirão vivos, mais vivos que agora; e não estarão sós, seus parentes e amigos que partiram antes de vocês virão para ajudá-los a desvencilhar-se da prisão do corpo físico e os acompanharão à sua nova morada.

O trabalho de vocês aqui na Terra está por terminar, li chegada a hora de deixarem a vida física e regressarem para seu verdadeiro lar, onde continuarão seu progresso. De volta ao mundo dos espíritos – e espírito é o que todos nós verdadeiramente somos – vocês analisarão a vida que acabaram de deixar, examinarão os erros cometidos e verão o que ainda lhes falta melhorar; serão orientados, amparados e amados; descobrirão por si próprios que a morte nada mais é que um renascer, é o despertar de um pesadelo angustiante e o retorno à pátria-mãe de onde partiram temporariamente para a grande escola da Terra, e se conscientizarão de que, ao contrário de ser um ínfimo lapso entre o nascimento e a morte, seguirão vivendo e verão que morrer não é o fim".

E, para encerrar, nossa irmã ou irmão espírita poderia até utilizar as palavras da dedicada reverenda. Excluindo o "talvez", complementaria enfaticamente: "É isso que Deus está reservando para vocês!"

"Pelo Espiritismo", encontramos em A Gênese, item 30, "O homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê, por toda parte, a justiça de Deus".

Mas infelizmente poucos são os que conhecem essa verdade, e quando a morte bate à sua porta, vêem o mundo desabar a seu redor. Desesperam-se, buscam freneticamente desvencilhar-se dela, mas como é do desígnio de Deus que deixem este mundo, a morte sai vencedora, isto é, vence o corpo orgânico, pois este é mortal, mas não vence o espírito.

A morte do corpo, que é matéria orgânica, portanto perecível, é a realidade mais inequívoca com a qual o ser humano deve conviver. Ao mesmo tempo que começamos a viver a vida física quando nascemos, começamos também a morrer. A cada momento de nossa vida, os trilhões de células que compõem nossos órgãos físicos morrem e renascem em desenfreado frenesi, mesmo que disso não nos apercebamos. Esse processo é parte das leis que regem a vida da matéria orgânica. Compor-se, organizar-se,

desorganizar-se, reorganizar-se, perecer, renascer... A cada expiração, a cada banho que tomamos, lançamos na atmosfera e lavamos de nossa pele partes mortas de nosso corpo.

Já desencarnamos vezes incontáveis, e mesmo assim continuamos vivos! Intactos! Como se nada tivesse acontecido! Mas mesmo assim fugimos da idéia da morte com todas as nossas forças.

Somos mais sensíveis à morte dos nossos entes queridos. A desencarnação daqueles a quem não conhecemos não nos incomoda tanto. Ao contrário, muitas vezes até deliramos com a morte alheia. Ao ver um filme de ação, por exemplo, ou nas novelas, vibramos com a morte dos vilões, e quanto mais violenta e cruel, mais emocionante.

Mas quando se trata da nossa própria morte, ainda que já tenhamos ultrapassado a média de longevidade e estejamos gravemente adoecidos, quanto desespero, quanto malabarismo para esconder ou negar sua realidade.

No final de janeiro de 2007, um tio querido meu foi internado em um hospital do interior de São Paulo. Ele tinha 72 anos de idade. Fizeram-lhe uma cirurgia e retiraram-lhe do intestino um tumor maligno de três quilos. Descobriram também que o câncer havia se alastrado a outros órgãos, e não havia como deter a metástase. Seu

estado era terminal. Mas ele nunca soube disso, desencarnou sem saber de quê. Com a conivência do médico, disseram-lhe que havia sido operado de uma hérnia e que logo estaria bem! Mas ele mostrava grande dificuldade em entender por que tantas sondas em seu corpo, por que não lhe davam comida e por que tantos semblantes chorosos, tristes e sombrios dos parentes que iam visitá-lo, por conta de uma simples hérnia!

E este caso está longe de ser um exemplo isolado. Muitos parecem ainda crer que se não pronunciarem a palavra morte ou esconderem de entes queridos sua iminência, como no caso desse tio, conseguirão, se não evitá-la, pelo menos adiá-la por tempo indeterminado.

Mas isso é um grande engano. Temos de estar sempre conscientes de que morrer é da natureza de nosso corpo, e quando não mais servir para nosso trabalho na Terra, independente de sermos jovens ou velhos, perecerá. Isso é uma lei de Deus!

Mas se é a morte algo tão natural, por que a simples menção do termo é capaz de lançar muitos ao desespero?

Eis por quê:

O não saber, o não querer saber ou o não crer se há vida além da vida física – a falta de fé em nossa imortalidade causa essa dor. A ignorância de nossa

verdadeira natureza – de que somos espíritos eternos – torna-se um veneno para a alma quando a morte bate à porta. Esse veneno corrói as entranhas do ser até o feliz momento em que o corpo perde suas forças e permite ao espírito entrever sua vida futura, pois na passagem desta vida à outra, como veremos nos capítulos seguintes, todos reconheceremos nossa verdadeira natureza e saberemos sem nenhuma sombra de dúvida de que seguiremos vivos. "Depois da morte física, o que há de mais surpreendente para nós é o reencontro da vida", elucidou André Luiz.

Poderíamos saber disso antes, se não encarássemos a morte com tanto horror, e se nos empenhássemos em educar-nos para ela, uma vez que morrer é nosso destino e a maior certeza que o ser humano pode ter ou conceber. E uma vez preparados, sabendo que a morte nada mais é que a liberação do espírito encarcerado na prisão do corpo, e que a vida continua ininterrupta mesmo sem o corpo físico, em lugar de angustiados, ficaríamos felizes.

Os indígenas norte-americanos, por exemplo, acreditam que a morte nada mais é que uma mudança de um mundo para outro, e para um mundo melhor. Portanto, como eles dizem, "hoje é um bom dia para morrer", não importa se jovem ou velho, pois eles sabem que continuarão existindo em outra realidade; crêem que sua

vida não cessará. A extinção do corpo orgânico, para esses chamados selvagens, é um processo natural da vida. Mas não é seu fim e não há por que temê-la.

Osceola, cacique da tribo dos Seminoles na Flórida, pressentindo sua morte, pediu à sua esposa preferida que lhe trouxesse seu traje de guerra completo – mocassins, cinturão, balas para o rifle, facas, três penas de avestruz, seu turbante e esporas de prata. Vestiu-se a caráter e pintou o rosto como se fosse a uma importante cerimônia. Minutos antes de morrer, deu a mão a cada um dos presentes; em seguida, deitou-se ao chão, em silêncio, repleto de serenidade e confiança em sua imortalidade, e esperou a morte, que não tardou a vir.

Mas poucos sabem que são imortais. Ninguém, ou quase ninguém, se preocupa em educar-se para a morte. E quando ela bate à sua porta, ao contrário do bravo Osceola, são coibidos totalmente desprevenidos, e em lugar de serenidade,

o desespero vem e lhes dilacera a alma.

Agora vêm as perguntas inevitáveis: como pode o espírita ter tanta certeza de que o que ele diz a respeito da vida após a morte é verdade? Por que pode ele ou ela falar com tamanha autoridade sobre algo que adeptos de

crenças milenares não conseguem? De onde vem esse conhecimento?

As respostas são simples: os ensinamentos espíritas são claros, modernos e seu linguajar não confunde o adepto. E aqui cabe repetir novamente a passagem de A Gênese, que vimos há pouco: "Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê, por toda parte, a justiça de Deus".

O Espiritismo nos esclarece também sobre os diferentes mundos, físicos e extra-físicos, ou espirituais; revela o que é a alma, o espírito e como ele sobrevive à morte do corpo físico; explica-nos a natureza da vida no mundo espiritual, se seremos felizes ou infelizes, se sofreremos ou se nos regozijaremos quando lá estivermos ou quando retornarmos novamente à vida terrena; ensina-nos os "cornos" e os "porquês" dessas experiências.

Os ensinamentos espíritas tiram as quimeras do encontro com Deus após a morte e do ócio eterno a Seus pés e nos mostram uma realidade não muito diferente da vida que acabamos de deixar, tudo de acordo com o estágio de nossa evolução e de nossa capacidade de entendimento.

Uma vez libertos da matéria, não seremos apenas, como dizem os próprios espíritos, "um ponto, uma

abstração, mas um ser limitado, ao qual falta apenas ser visível e palpável para ser igual aos seres humanos".

Mas mesmo que se saiba desta verdade, por que à imensa maioria da humanidade a morte ainda causa tanto terror?

2. POR QUE TEMEMOS A MORTE

Há tempos Rita vinha sentindo umas pontadas na região do fígado. Não era sempre que dava e, como a dor logo passava, não tinha motivos para se preocupar. "Devem ser gases", deduzia. Três anos depois, percebeu que as pontadas se tornavam mais intensas e mais frequentes. Às vezes até gemia de dor. Percebeu também que seu abdômen estava um pouco inchado e decidiu procurar um médico.

Imediatamente o médico percebeu a gravidade do caso e disse que havia suspeita de câncer. Rita tremeu ao som dessa temível palavra. O médico deu-lhe uma lista de exames para fazer e pediu para voltar uma semana depois.

À noite antes do retorno ao médico foi um horror. Rita não conseguia dormir. Rolava na cama e rezava a Deus para que os resultados não fossem positivos. Mas ela mesma já suspeitava o pior.

A dor e o desconforto já haviam piorado desde a semana anterior.

E ela não estava equivocada. Desabou a chorar assim que o médico pronunciou as primeiras palavras sobre a precária condição de seu fígado. E, para piorar, já havia células cancerígenas em outros órgãos também. O médico lhe disse que não havia como operá-la e, por isso, a submeteria a sessões de quimioterapia. Mesmo assim, seu prognóstico era desconsolador.

Rita tinha pouco mais de 40 anos, havia feito aniversário pouco tempo antes, porém não chegaria ao próximo. Mas isso ela não podia aceitar. O médico e os exames certamente estavam equivocados. Ela não podia estar morrendo.

As reações antagônicas do ser humano à iminência da morte são comprovadas sistematicamente. Ainda que a morte traga a libertação do sofrimento físico e conduza o ser de volta à sua verdadeira origem, ele ainda reluta em aceitá-la e trava contra ela uma batalha feroz para livrar-se dela.

O exemplo de Rita é típico nos casos em que a pessoa vê-se face a face com a realidade da morte física e não pode fazer nada para impedi-la ou procrastiná-la.

A doutora Elizabeth Kübler Ross (já desencarnada), psiquiatra suíça radicada nos Estados Unidos, trabalhou por mais de quatro décadas com pacientes terminais. Em 1958, quando veio para a América percebeu que os médicos relutavam em falar para o paciente, às vezes omitindo até mesmo de seus familiares, sobre sua verdadeira condição. E ela queria saber o porquê. Seria para o bem-estar emocional dos pacientes ou de suas famílias? Ou seria porque os próprios médicos temiam a realidade da morte? Desafiando os tabus, ela atacou de frente a questão da morte e do morrer e começou a conversar franca e diretamente com centenas de pacientes terminais e seus familiares. A partir daí, desenvolveu uma série de palestras voltadas a médicos, alunos de medicina, enfermeiros e enfermeiras e, nessas palestras, levava consigo seus pacientes terminais para que eles próprios compartissem com a classe médica suas necessidades, seus medos, suas esperanças, enfim, tudo o que se passava na cabeça de uma pessoa que sabia que estava morrendo.

A doutora Kübler Ross publicou o resultado desse trabalho pioneiro em seu livro *Sobre a morte e o morrer*,

lançado nos Estados Unidos em 1969 e traduzido para o português em 1987, um best-seller e um clássico nessa área. Em seus vários anos de trabalho com pacientes terminais, ela identificou cinco estágios emocionais ou psicológicos que o ser humano atravessa ao saber que sua vida física está se findando.

OS CINCO ESTÁGIOS DO MORRER

O primeiro estágio é a negação. Nesse estágio, quando o paciente descobre que seu estado é terminal, ele nega veementemente a aceitar a veracidade do diagnóstico.

"Não, isso não está acontecendo comigo. Esse médico não sabe nada", contesta.

Ou então: "Não estou doente coisa nenhuma, eles trocaram os resultados com o de outro paciente".

É normal, também, e com razão, procurar uma segunda opinião. E quando esta confirma o diagnóstico, ele luta contra a morte, busca alternativas, muda hábitos alimentares e comportamentais na esperança de continuar vivo por mais tempo.

Passado esse primeiro impacto, vem o segundo estágio, a indignação. Não há mais como negar: ele está morrendo e não há nada que possa fazer.

"Por que isso está acontecendo comigo? Que foi que eu fiz a Deus para merecer tal castigo? Que injustiça é essa? O João 'da Esquina', aquele inútil, está saudável, por que Deus não o leva em vez de mim?", questiona, indignado.

Mas nem sua negação ou ira é capaz de reverter seu cruel prognóstico. A verdade é nua e crua. Sua hora está chegando.

Então ele entra no terceiro estágio – a negociação.

"Deus, dai-me outra chance, ajude-me a sair dessa. Afaste de mim esse cálice e prometo ser a melhor pessoa do mundo. Redimirei todos os meus erros, serei o ser mais caridoso da Terra, prometo dedicar o resto da minha vida louvando-O", ou algo nesse sentido.

Mas a morte tem de arrebatá-lo o corpo. É seu trabalho na evolução e crescimento espiritual do ser humano. Terminado nosso tempo na Terra, temos de partir; e não adianta negar, indignar-se ou negociar.

Certo de que a morte o espreita de bem perto, ele entra em depressão – o quarto estágio. Ele se dá conta de que não há melhora em seu quadro de saúde. O tratamento

não tem resultado. Está ficando cada vez mais fraco, seu corpo está definhando. Não tem mais fome. A dor e o desconforto são Intensos. "Parece que não tem jeito mesmo", ele se dá conta e se conforma. Então...

Entra no quinto estágio, a aceitação. "Bem, já que não há nada mais a fazer mesmo, estou pronto, seja o que Deus

quiser; livrai-me deste sofrimento". Aqui começa a prostração do corpo e o renascimento do espírito (os estágios podem não

ocorrer nessa ordem: há a possibilidade de se intercalarem ou até mesmo ocorrer dois ou três ao mesmo tempo).

AS DUAS NATUREZAS DO SER HUMANO

O Espiritismo nos ensina que o ser humano possui duas naturezas: a do corpo e a do espírito.

Pelo corpo, ele participa da natureza dos animais cujos instintos lhes são comuns; e pela alma, participa da natureza dos espíritos.

Em nosso atual estágio evolutivo, ainda participamos da vida mais pela "natureza dos animais", pelos instintos,

do que pela natureza dos espíritos. A "natureza dos animais" traz em si o instinto de preservação, que é um componente necessário para a evolução física das espécies. Nosso corpo físico evoluiu de espécies inferiores. O corpo físico do ser humano já atingiu o cume de sua forma, mas sua consciência ainda está em evolução. Por isso ainda conserva boa parte dos instintos primitivos de sua era animal.

Muitas existências ainda lhe serão necessárias para seu despertar consciencial, para a obtenção da maturidade espiritual que lhe permitirá reconhecer em seu íntimo que não é um corpo mortal, mas sim um espírito eterno.

O objetivo final de cada um de nós é atingir a angelização, um estado de perfeição espiritual que nos desprendera totalmente da natureza física e, conseqüentemente, dos instintos. Nesse novo estado passaremos a nos identificar com a nossa essência, que é o nosso espírito, e nos livraremos do medo da morte, pois já não habitaremos mais corpos orgânicos perecíveis. Mas isso poderá levar muito tempo, inúmeras encarnações e muito sofrimento, até que possamos compreender o que verdadeiramente somos – seres imortais a caminho da luz.

Apesar de já haveremos progredido muito na intelectualidade desde os primórdios dos tempos, pouco

progredimos moral e espiritualmente. Por essa razão ainda participamos da vida mais pela natureza dos animais do que pela natureza dos espíritos. E isso é muito fácil de ver. Basta analisarmos o comportamento geral da humanidade, as guerras, os ataques terroristas, os seqüestros, os homicídios, os estupros etc.

A violência é a mais animalesca de nossas atitudes. É com esse instinto que os animais preservam seus territórios, protegem sua prole e, no caso dos carnívoros, obtém seu sustento. Para eles, os animais, esse instinto é um instrumento necessário para sua sobrevivência. O homem já não precisa mais dele para sobreviver, mas ainda não conseguiu despojar-se dele e usa-o com freqüência, um claro sinal de que em muitos aspectos ainda mantém um pé tenazmente fincado em seu primitivismo, a uma época quando ainda precisava recorrer à força bruta para sua sobrevivência.

O medo da morte faz parte desse primitivismo ancestral, do instinto de preservação prevalente na natureza animal. A esse instinto primitivo, próprio da natureza dos animais, Freud denominou id. O id é a manifestação dos desejos primitivos, animalescos. A fome, a sede, o desejo sexual, a ira e todas as paixões inferiores relacionadas aos desejos carnis são próprias do id. O id é

hedonista, irracional e quer continuar gratificando seus prazeres a qualquer custo, pois ele não quer morrer.

Vê-se claramente a manifestação do id no estágio da negação – aquele em que o ser humano mergulha ao saber que é portador de uma doença terminal –, identificado pela doutora Kübler Ross como a primeira reação contra a iminência da morte. O id não quer deixar de existir e ele nega veementemente a realidade do nefasto prognóstico. Mirando severamente aquele médico que acaba de dar-lhe a terrível notícia, ele pode vir até a afirmar: "Certamente o senhor está enganado, esse resultado é de outro paciente, não é o meu!" Muitas pessoas reagem: outro paciente, não importa quem seja, pode morrer, mas elas não!

No segundo estágio, o da indignação (que pode ocorrer juntamente com o da negação), o id começa a conscientizar-se, muito contra sua vontade, da realidade da morte que se aproxima. Mas ele não a aceita, obviamente, e enfurece-se, sendo Deus quase sempre o primeiro alvo de sua ira. O id não admite culpa e, além do mais, é orgulhoso. Mesmo sabendo que seus excessos podem ter sido os causadores dos distúrbios que ora lhe arrebatam a vida física, ele os nega.

Certa senhora que morria de enfisema pulmonar, culpava os ácaros no ar que respirava ou alguma doença

que teve em sua infância pelo doloroso mal que a matava, inocentando assim o seu vício de fumar exageradamente por várias décadas.

Todos são culpados – o meio ambiente, a família, o trabalho, Deus... Menos a sua imprevidência e excessos. Se Deus fosse realmente justo, contesta e protesta, isso não lhe estaria ocorrendo. Mas o id astuto. Percebendo que nem a negação ou a indignação foram capazes de mudar o rumo de seu destino, ele entra no terceiro estágio, o da negociação. Ele passa a negociar com Deus ou com qualquer outra força oculta que acredita ser capaz de interceder a seu favor. Humildemente ele faz promessas de reforma , será uma pessoa exemplar, vai se dedicar a caridade, a melhora do mundo em troca de uma prolongação de vida, de mais tempo na Terra. Esse já é o – primeiro sinal de que o id está perdendo força, seus laços com a matéria já estão afrouxando. Mas quando o id percebe que suas súplicas negociadoras não estão dando resultados, ele entra em depressão, quarto e penúltimo estágio. Ele já se deu conta de que perdeu a batalha pela preservação do corpo físico que comandava, e ao qual tão tenazmente se apegava: está jogando a toalha, por assim dizer. Não é mais possível recuperar seu vigor físico para

continuar vivendo. Suas forças se desvanecem apesar dos esforços para manter-se neste lado da vida.

Ele sabe que está morrendo e nada mais pode fazer para impedir seu fim.

Aqui, a primeira das naturezas do ser humano, a do corpo, está obedecendo a uma das mais sagradas leis da criação – a da renovação. Mesmo que o corpo se desintegre, nenhum átomo que compõe os trilhões de células que o formam será perdido. Todos aqueles diminutos centros de energia que se desprenderão delas farão parte de outras formas de vida.

E o espírito sabe disso. Portanto, no quinto e último estágio, da aceitação da morte iminente, essa parte primordial da natureza do homem ganha proeminência – o espírito começa a preparar sua libertação dessa jornada que se finda. Dá-se o início à sua saída da prisão corporal.

Uma ou duas semanas antes da morte, o moribundo dorme a maioria do tempo. Os olhos parece que se recusam a permanecer abertos. Com o corpo quase exaurido de energia vital, as frequências das ondas cerebrais baixam para alfa e teta, aguçando assim seus sentidos psíquicos. Nesse estágio, a pessoa já começa a "ver" com os olhos da alma.

PASSANDO AO MUNDO DOS ESPÍRITOS

E o que veremos na hora da morte? Na maioria das vezes, alguns dias, horas ou momentos antes da morte, a pessoa vê e conversa com os espíritos de parentes e amigos já falecidos, que se fazem presentes ao seu redor. Esses espíritos estão ali para auxiliá-la em sua transição. Com a ajuda destes, ela é também capaz de vislumbrar o lugar no mundo espiritual para onde irá assim que deixar o corpo físico.

"Nossos parentes e amigos vêm algumas vezes ao nosso encontro quando deixamos a Terra?"

"– Sim, eles vêm ao encontro da alma que estimam. Felicitam-na como no retorno de uma viagem, se ela escapou dos perigos do caminho, e a ajudam a se despojar dos laços corporais. E a concessão de uma graça para os bons Espíritos quando aqueles que amam vêm ao seu encontro, enquanto o infame, o mau, sente-se isolado ou é apenas rodeado por Espíritos semelhantes a ele: é uma punição."

Mas seria tal fenômeno verdade, ou apenas uma quimera, um consolo para aliviar o temor à morte? E se for verdade, haveria como comprovar o que veremos na derradeira hora?

Não só há como comprovar, mas já o foi, e é comprovado – 'diariamente. '

3. O QUE VEREMOS NA HORA DA MORTE

Como ele está, doutor? – perguntou a filha ao médico antes de entrar no quarto para ver seu velho pai.

O médico franziu a testa e meneou a cabeça: – Sinto dizer-lhe, mas não creio que ele passe de hoje.

Quando a filha entrou no quarto, viu o pai com o olhar fixo em uma cadeira vazia e solitária em um canto da parede. O velho abriu um sorriso em seu rosto cansado e sussurrou:

– Ah, você está aqui!

A filha, que queria estar com o pai em seus últimos momentos de vida, tomou-lhe a mão magra e enrugada.

– Sim, papai, eu estou aqui.

– Não, filha – ele respondeu, sorrindo, sem tirar os olhos da cadeira vazia. – É o tio Jerônimo (seu irmão); jamais pensei que fosse vê-lo novamente.

A filha olhou atentamente para a cadeira vazia, mas tudo o que viu foi à cadeira vazia. Ela estranhou, mas não achava que o pai estivesse endoidando, pois estava lúcido, e sua fala era coerente.

A filha viu o sorriso do pai ampliar-se ainda mais; sua face velha e sofrida parecia iluminar-se:

– Meu Deus. A mamãe também está aqui, e a tia Lucila... Estão me dizendo que vieram me buscar. Você não os vê, filha? Eles estão maravilhosamente bem!

Voltando-se à filha, o pai deu-lhe um sorriso; seus olhos murchos encheram-se de lágrimas. Ela sentia que o pai estava dizendo adeus. Aproximando-se para dar-lhe um beijo de despedida, viu seus olhos se fechando devagar, o sorriso se desvanecendo de seu rosto sofrido.

O velho soltou um longo suspiro...

E foi juntar-se a seus entes queridos que o esperavam na entrada do mundo dos espíritos.

Sheila Mendonza é enfermeira-chefe da unidade de terapia intensiva (UTI) de um grande hospital do Texas. Certa noite ela cuidava muito atentamente de um paciente

que havia sido internado alguns dias antes. Embora estivesse na UTI, seu caso não era considerado de muita gravidade. Por volta de 20 horas, o homem começou a conversar sozinho, mas lucidamente, com uma pessoa querida de quem aparentava ter saudades. Sheila não sabia com quem o homem conversava, mas pareceu-lhe óbvio que não se viam havia muito tempo. A impressão que ela teve foi de que se tratava de alguém que já havia falecido. Em seguida, o paciente adormeceu. Por volta de uma hora e meia mais tarde, ele voltou a falar sobre aquela pessoa novamente, e seus sinais vitais começaram a deteriorar-se.

Uma junta médica socorreu-o imediatamente, mas ele entrou em coma. Logo depois recobrou os sentidos e mostrou-se extremamente lúcido outra vez, um caso comum entre muitas pessoas que se aproximam da morte. Dirigindo o olhar a um lado onde não havia ninguém, fixou-o no vazio. Era como se alguém estivesse ali, uma presença que só ele via. De repente, seu semblante iluminou-se e um radiante sorriso demonstrava que se tratava de um ser querido que regressava.

O amor e a serenidade que seus olhos irradiavam comoveram os médicos e as enfermeiras que o atendiam, a ponto de arrancar-lhes lágrimas de emoção. "Não havia dúvidas. Alguém estava ali para mostrar-lhe o caminho",

disse Sheila. O homem desencarnou pouco depois dessa visão, em um estado de sublime paz e felicidade.

Lady Barret foi chamada às pressas; Doris B., sua paciente, estava prestes a dar à luz. Quando chegou à maternidade, o trabalho de parto já havia se iniciado. Sem tempo a perder, pôs-se a ajudar a jovem a ter o seu bebê. Terminado o trabalho, lady Barret foi visitar outras pacientes e, antes de retornar à sua casa, voltou ao quarto de Doris.

O bebê estava bem, mas Doris estava tendo seríssimas complicações cardíacas, mais exatamente encontrava-se à beira da morte.

Vendo lady Barret a seu lado, Doris levantou as mãos à médica e disse:

– Obrigada, muito obrigada pelo que fez por mim... por ter me ajudado a dar à luz o meu bebê.

Lady Barret tomou a sua mão e Doris, que ainda não havia visto o bebê, indagou:

– E menino ou menina?

Doris agarrou a mão de lady Barre! Com firmeza e implorou:

– Não me deixe, não vá embora, por favor!

O cardiologista chegou para examiná-la, e Doris sentou-se na cama. Passados alguns minutos, ela se deitou.

Em seguida, fixando atentamente o olhar em um canto bastante iluminado do quarto, disse:

– Oh, não deixe escurecer; está escurecendo tanto... Está cada vez mais escuro.

Desviou o olhar por alguns momentos e logo voltou a fixá-lo novamente no mesmo vazio; e agora um radiante sorriso iluminou todo o seu semblante.

– Oh, que lindo, que lindo! – dizia.

– O que é lindo, Doris? – indagou lady Barrei.

– O que vejo - respondeu, em tom baixo, mas intenso.

– E o que você vê?

– Um brilho lindo – seres maravilhosos!

Lady Barret impressionava-se com o senso de realismo que Doris demonstrava ao descrever aquelas visões que mais ninguém percebia.

Doris voltou o olhar a outro lugar no quarto, seu semblante irradiou-se ainda mais, e uma espécie de grito de felicidade saltou-lhe dos lábios:

– É o papai! Oh, ele está tão feliz que estou indo... Ele está tão feliz. Seria perfeito se o Walter pudesse vir também! – disse, referindo-se ao marido.

Doris pediu para ver o bebê e o trouxeram.

– A senhora acha que devo ficar com o bebê, para o bem dele? – perguntou Doris a lady Barret.

Doris não esperou resposta e voltou o olhar novamente para a visão naquele ponto do quarto.

– Mas não posso ficar, não posso ficar; se a senhora pudesse ver o que vejo, saberia que não posso ficar.

Voltando-se ao esposo que acabara de chegar, suplicou:

– Você não deixará o bebê ir com ninguém que não o amar, deixará?

Novamente, sem esperar resposta, empurrou-o gentilmente a um lado e disse:

– Deixe-me ver essa linda luz.

De repente, um ar de surpresa tomou o semblante de Doris.

– Vida está com o papai! – exclamou. – Eles estão vindo ao meu encontro.

Vida era sua irmã, inválida, falecida 18 dias antes. Devido à saúde precária de Doris, a família decidiu não revelar sobre a morte da irmã para poupá-la do choque que a notícia poderia lhe causar.

Doris B. faleceu uma hora após ter essas visões.

**VISÕES NO LEITO DE MORTE – A CIÊNCIA
COMPROVA O QUE O ESPIRITISMO ENSINA**

Visões no leito de morte foi a denominação que sir William Barret, esposo de lady Barret, deu para essas visões que aquele senhor, e os pacientes de Sheila Mendonza e lady Barret tiveram pouco antes de morrer. Ele foi também o pioneiro no estudo sistematizado de tais experiências. O que levou esse professor de física e co-fundador da Sociedade para Pesquisas Psíquicas da Inglaterra a dedicar-se à averiguação desse fenômeno foi justamente o relato de sua esposa sobre a experiência de Doris B. Mas de todo o relato, um aspecto em específico chamou sua atenção, e foi isso que o intrigou e o motivou a levar a cabo tal estudo.

"Como pôde Doris B. ver sua irmã, de cuja morte não tinha conhecimento, junto do pai, este sim morto? E por que ela viu a irmã, a quem acreditava estar viva, mas não viu outro familiar vivo? Que tipo de alucinação era essa, ou não era alucinação, mas sim a presença verdadeira de espíritos que teriam vindo, como nos ensina o Espiritismo, a seu encontro quando deixavam a Terra? E seria o caso de Doris B. um caso isolado, ou outras pessoas que deixam a Terra diariamente por ocasião da morte física também teriam tais visões?"

Em 1926, sir William Barret publicou o resultado de seus estudos sobre o fenômeno em seu livro *Death-bed visions* (Visões no leito de morte). Suas descobertas mostraram um fato inequívoco: as visões no leito de morte são experiências comuns em pessoas que estão próximas a retornar ao mundo dos espíritos.

Mas quão comuns e... Quão universais?

Quem fez essas perguntas foi o doutor Karlis Osis, eminente psicólogo e parapsicólogo da Universidade Duke nos Estados Unidos, após ler *Death-bed visions*, de sir William Barret, 30 anos após a sua publicação.

Para melhor responder às questões, o doutor Osis acreditava que era necessário estudar uma quantidade maior de casos, utilizando métodos científicos e sistematizados modernos. Com esses métodos modernos e um considerável número de relatos, ele achava que poderia determinar se tais experiências eram mesmo universais, ou seja, se em todas as partes do mundo as pessoas próximas da morte teriam tais experiências e se poderia ainda comparar a semelhança entre elas.

O doutor Osis e sua equipe elaboraram um questionário e o enviaram, entre 1959 e 1960, a dez mil médicos e enfermeiras em vários estados americanos. O retorno foi menos que o esperado: apenas 640 respostas,

possivelmente em razão da natureza sobrenatural do fenômeno. Mas o número de observações relatadas por esses médicos e enfermeiras foi impressionante: 35.540 casos.

Aqui cabe um importante esclarecimento. Nem todos os desencarnantes têm (ou relatam) essas visões. Estudos recentes sugerem que apenas dez por cento aproximadamente dos moribundos estão conscientes no momento da morte e, destes, uma média de 60 por cento relatam visões de lugares espirituais ou de espíritos de parentes e amigos.

Muitos dos pacientes inconscientes podem estar assim devido aos fortes efeitos de medicação, mas e os outros, que não estariam sob os efeitos de medicação, por que não estão conscientes na hora da morte?

Uma pergunta feita por Allan Kardec aos espíritos de ordem elevada (O Livro dos Espíritos, questão 156) pode explicar-nos o porquê:

"A separação definitiva da alma do corpo pode ocorrer antes da completa cessação da vida orgânica?", foi-lhes indagado.

"- Na agonia", responderam eles, "a alma, algumas vezes, já deixou o corpo. Nada mais resta nele do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si

mesmo e, entretanto, ainda há nele um sopro de vida orgânica. O corpo é uma máquina que o coração faz mover. Existe, enquanto o coração faz circular o sangue em suas veias, e não tem necessidade da alma para isso".

Dentre as 35.540 observações anteriormente citadas, o doutor Osis encontrou 753 casos de exaltação de ânimo; 884 de visões de lugares espirituais; e 1318 casos de aparições, e dessas, 90 por cento eram de entes queridos – pais, mães, cônjuges, irmãos e filhos.

E que faziam esses espíritos ali?

A resposta que os próprios pacientes davam era unânime: para ajudá-los na transição e acompanhá-los ao mundo espiritual!

Entusiasmado com os resultados, o doutor Osis quis ampliar as pesquisas e buscar mais dados para comparações. De 1961 a 1964 enviou mais um lote de cinco mil questionários a médicos e a enfermeiras de cinco estados americanos. Desta feita, 1004 questionários foram respondidos, relatando em torno de 50 mil observações de desencarnes!

Os resultados dessas novas observações foram semelhantes às primeiras: exaltação de ânimo pouco antes do desencarne, visões de paisagens espirituais e presença de espíritos de entes queridos e amigos.

Finalidade da presença deles?

A mesma respondida na primeira pesquisa: nas próprias palavras dos desencarnantes, seria ajudá-los na transição e acompanhá-los a seu novo mundo.

Mas exaltação de ânimo na iminência da morte?

Como poderia alguém sentir-se exaltado sabendo que em alguns instantes "deixará de existir"? O que levaria Doris B., por exemplo, a querer "morrer" para acompanhar seu pai e ir para aquele lugar que só ela conseguia ver?

Atente para essa pergunta de Kardec aos espíritos (O Livro dos Espíritos, questão 157):

"No momento da morte, a alma tem, às vezes, um desejo ou um êxtase que lhe faz entrever o mundo em que vai entrar?"

A resposta:

"- Muitas vezes a alma sente desfazerem-se os laços que a prendem ao corpo, então, faz todos os seus esforços para rompê-los completamente. Já em parte despreendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se à sua frente e desfruta, por antecipação, do estado de Espírito".

Eis aqui a explicação. Ironicamente, na hora da morte, todos descobriremos nossa imortalidade!

Como ambas as pesquisas haviam sido levadas a cabo nos Estados Unidos, um país tradicionalmente cristão, onde

a Bíblia é seu livro sagrado, o doutor Osis quis saber se moribundos em alguma cultura não-cristã também teriam tais experiências. Em parceria com outro eminente estudioso e pesquisador de fenômenos paranormais e da vida após a morte, o islandês Erlendur Haraldsson lançou um projeto de investigação em uma cultura totalmente diferente da americana – na Índia, onde o doutor Haraldsson havia vivido durante um ano. Entre 1972 e 1973, eles estudaram os relatos obtidos em 704 questionários de desencarnantes indianos e os compararam com os 1004 da segunda pesquisa americana.

Conclusão: a frequência e a natureza das visões dos moribundos indianos era marcadamente semelhante às relatadas pelos norte-americanos prestes a desencarnar.

"E por que esses espíritos estavam lá?", foi a pergunta feita pelos pesquisadores.

As respostas dos indianos foram unânimes e exatamente iguais ao que nos ensina a Codificação Espírita:

Ajudá-los na transição da morte e acompanhá-los de regresso ao mundo dos espíritos!

COMPROVANDO POR NÓS MESMOS

As visões no leito de morte são comuns e diárias. E cada um de nós poderá também comprovar isso pessoalmente; basta prestar atenção aos nossos entes queridos ou amigos que estão em fase terminal e conscientes pouco antes ou até mesmo na hora da morte. A grande maioria tem tais visões.

Em minha família houve três casos nos últimos quatro anos. Um primo que padecia de câncer de garganta, poucos dias antes de falecer, via minha mãe, que foi sua madrinha, falecida em 1990; via também nossa avó materna, falecida em 1996. Ambas estavam presentes em sua casa, a quem somente ele via. No hospital, momentos antes de falecer, ele via um lugar lindo e pessoas vestidas de branco, "médicos", que, segundo disse à sua esposa, o esperavam no outro lado da vida.

O segundo caso foi o de outro primo, este padecendo de câncer pulmonar. Acamado em sua casa, disse ter visto dois "anjos" pairando à sua frente. Como eu já o havia alertado para tais presenças, ele me perguntou se isso significava que estava para morrer. Eu disse que se fosse sua hora, sim; mas, se não, eles poderiam estar lá para ajudá-lo em sua cura.

Alguns dias depois, ele precisou ser internado, pois sua saúde se deteriorava rapidamente. Seus últimos dias

foram de muito sofrimento, especialmente por estar longe de seus filhos. Quando chegou o momento de seu desencarne, ele falava de um lugar lindo para onde iria, e assim como meu outro primo, falou dos "médicos" vestidos de branco que o esperavam.

O caso mais recente foi em 2006. Um tio querido em estado terminal, pouco antes de desencarnar, sentava-se à cama de braços abertos dizendo que o filho, seu primogênito que havia falecido em um acidente automobilístico em 2002, estava ali para buscá-lo.

Os três personagens reais que vimos no primeiro capítulo, o senhor Smith, e as donas Clara e Ruth desencarnaram sem medo e em paz após terem sonhos com o mundo espiritual e visões semelhantes ao que acabamos de ver.

E as crianças, teriam tais experiências? O que elas vêem na hora da morte?

E o que veremos a seguir...

4. O QUE AS CRIANÇAS VÊM NA HORA DA MORTE

A pequena Hattie estava morrendo e ela sabia disso. Mas, antes de despedir-se deste mundo, tinha algumas providências a tomar: queria dividir seus pertences com suas primas e amiguinhas – suas bonecas, seus livros, seus brinquedos etc.

Sentando-se na cama, chamou a mãe para perto de si e começou a dar-lhe instruções para a divisão de suas coisas. No meio da conversa, Hattie fez um repentino silêncio e fixou seu olhar em um ponto próximo ao teto de seu quarto; sua expressão era de que estava vendo e ouvindo alguém que só ela era capaz de ver.

Meneando a cabecinha, ela disse:

– Sim, vovó, já estou indo, espere só mais um pouquinho, por favor.

– Hattie, você está vendo a vovó? - indagou o pai.

A pequena mostrou-se surpresa com a indagação.

– Sim, papai, estou. Por que você pergunta, você não está? – Levantando o bracinho enfraquecido, apontou com o indicador um lugar próximo ao teto: – Ela está lá, esperando por mim.

Hattie voltou-se à mãe e continuou suas instruções para a distribuição de seus pequenos tesouros de criança. De repente, parou de falar e olhou novamente para aquele

mesmo lugar. Franzindo a testa, falou para a visão, com voz firme e um tanto impaciente:

– Sim, vovó, eu já estou indo. Dá para a senhora esperar eu terminar, por favor?

Terminada suas instruções, olhou para as pessoas que ali se encontravam, mãe, pai, irmãos e amigos. E com a voz fraca e a vida já se extinguindo do seu corpinho, despediu-se de cada uma delas. Acomodando-se novamente na cama, passou rapidamente o olhar em cada um dos presentes, depois o fixou naquele ponto do teto. Suas pálpebras começaram a descer sobre seus olhinhos já quase sem vida. Antes de dar o derradeiro suspiro, pronunciou suas últimas palavras:

– Pronto. Vamos, vovó.

E assim desencarnou.

A avó de Hattie havia falecido algum tempo antes, e naquele momento estava lá para ajudar a netinha a desprender-se do corpo físico e acompanhá-la à sua nova morada. As duas eram muito apegadas, e certamente continuariam assim também do outro lado da vida.

Anna tinha apenas dois aninhos de idade quando descobriram que tinha leucemia. Os dolorosos tratamentos aos quais se submetia às vezes faziam a doença desaparecer, renovando as esperanças de que talvez

permanecesse nesta vida por mais tempo. Mas, em seguida, a cruel doença voltava.

Essa agonia da pequena e de sua família durou cinco anos. Aos sete anos de idade, já não havia mais como controlar a leucemia. A única opção era deixar que tomasse seu curso até que extinguisse a vida do corpinho sofrido e, assim, libertar o espírito imortal que o usava para aquela experiência na Terra. Sua curta missão na vida física já estava terminada e havia chegado a hora de retornar à sua verdadeira pátria-mãe.

Mas certamente não iria só, pois Deus jamais desampara Seus filhos, sobretudo na hora de seu regresso à pátria espiritual após uma difícil jornada de aprendizado e crescimento espiritual, que é a característica de nossa experiência na Terra. Ao encontro da pequena Anna, Deus mandaria seus anjos para trazê-la de regresso ao mundo dos espíritos.

Com esforço, sentou-se na cama do hospital onde estava internada, apesar das dores que sentia. Seu olhar subiu a um ponto vago do seu quarto. Um sorriso abriu-se em seu rostinho magro e pálido. A voz já quase não lhe saía. Falava baixinho e com muito esforço. Com o olhar fixo em algo que somente ela via, Anna sussurrou:

– Os anjos, eles são tão lindos! Você os vê, mamãe? Você os ouve cantar? Jamais tinha ouvido músicas tão lindas!

Anna deitou-se novamente; o sorriso ainda adornando-lhe os lábios; seu semblante envolto em luz e paz; dando seu último suspiro, seguiu os anjos que aí estavam para escoltá-la.

Para a família de Anna, a visão do que esperava sua filhinha no outro lado da vida depois de tanto sofrimento foi uma consolação, vinda diretamente de Deus.

Daisy Irene tinha dez anos de idade quando sua missão na Terra se encerrava. Quatro dias antes de atravessar a fronteira invisível deste mundo ao mundo dos espíritos, fixou seu olhar em um ponto sobre o batente da porta.

– Que foi, Daisy? – indagou seu pai. – O que você está olhando, filha?

– É um espírito, papai; é Jesus. Ele está me dizendo que eu vou ser um de seus cordeiros.

– Claro, querida! – confirmou o pai. – Espero que você seja mesmo um de seus cordeiros.

– Oh, papai! – exclamou a pequena. – Eu vou para o céu, vou a Ele.

Apesar da pouca idade, a pequena Daisy, assim como sua família, era muito religiosa. Quando saudável, todos os domingos participava das aulas de evangelização de sua igreja. Mas agora, impedida de se locomover, costumava pedir à família que lhes lessem a Bíblia. Certa vez, a mãe leu-lhe aquela passagem do Evangelho de São João que nós, espíritas, tanto temos ouvido: "Se me amais, guardareis meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco".

Finda a leitura, Daisy olhou para a mãe com um semblante angelical e lhe disse:

- Mamãe, quando eu partir o Consolador virá até a senhora; e quem sabe Ele me deixará vir junto também algumas vezes. Allie está dizendo que eu posso vir, mas a senhora não vai saber que eu estou aqui, somente me ouvirá falar em seu pensamento.

Para essa mãe, o Consolador já se fazia presente. Allie era seu filho, que havia falecido quando tinha apenas seis anos de idade e que agora estava ali para ajudar a irmãzinha a desvencilhar-se dos laços da matéria. A presença de Allie naqueles últimos dias era constante.

Dois dias antes de sua passagem, Daisy recebeu a visita de sua professora de evangelização e conversou com ela franca e abertamente sobre sua morte iminente.

– Bem, Daisy - disse ela antes de deixar a pequena -, logo, logo você estará atravessando o "rio escuro".

– Que ela quis dizer com "rio escuro?" – indagou ao pai depois que a professora se foi.

O pai começou a explicar-lhe e, assim que entendeu o significado, ela o interrompeu dizendo:

– Ela está errada; não tem rio nenhum, nem cortinas, nem sequer tem uma linha que separa esta vida da outra.

Levantando as mãozinhas, Daisy fez um gesto e disse:

– Está aqui e está ali; eu sei que é assim, pois consigo ver

todos vocês aqui, e os vejo (os espíritos) ao mesmo tempo.

– E como é esse mundo, Daisy? – indagou a mãe.

– Não sei como descrever; é diferente, difícil de explicar com palavras.

Quando seu desencarne se aproximava, Daisy fixou seu olhar ao longe e perguntou a seu pai:

– O senhor está ouvindo, papai?

– Ouvindo o quê, Daisy?

– Os anjos cantando. O senhor precisa ouvi-los; estão todos aqui; eu os vejo todos; são tantos...

Voltando-se à irmã, disse:

– Não é estranho, Lulu? Nós sempre achamos que os anjos tinham asas! Mas estávamos enganadas; eles não têm asas.

– Mas eles têm de ter asas – contestou a irmã. – Senão como fariam para voar do céu até a Terra?

– Não, eles não voam; eles apenas vêm. Basta eu pensar em Allie – disse referindo-se ao espírito do irmão – e ele está aqui.

– E como você vê os anjos, filha? – perguntou a mãe.

– Não os vejo toda hora; mas quando os vejo, parece que as paredes da casa desaparecem, e eu consigo ver muito longe; nem dá para contar quantas pessoas eu vejo; algumas estão bem perto e eu as reconheço; mas, outras, nunca as vi.

Daisy pediu à mãe que lhe trouxesse um espelho. Quando ela o entregou, segurou-o com ambas as mãos e pôs-se a olhar o rosto pálido e magro com calma e tristeza, dizendo enquanto se olhava:

– Este corpo já não me serve. E como o vestido velho da mamãe pendurado no guarda-roupas, já não lhe tem serventia. Eu não vou mais usar este corpo; um corpo

espiritual (perispírito) vai substituí-lo. Eu já estou nesse corpo, pois é com os olhos do espírito que eu vejo o mundo para onde vou.

Daisy falava sobre sua morte com imensa naturalidade. Para ela não havia mais mistérios: suas visões davam-lhe a certeza da continuidade da vida e, em lugar de temê-la, a esperava com ansiedade.

Era noite e Daisy olhou para o relógio e anunciou para a família:

– Agora são 20h30, quando for 23h30, o Allie virá me buscar.

Daisy gostava de sentar-se no colo do pai e encostar a cabeça em seu peito. Voltando-se a ele, disse:

– Papai, quero morrer em seu colo. Quando chegar a hora eu lhe falo.

Sua irmã, Lulu, estava com sono. Antes de ir para a cama, deu um beijo em Daisy e lhe desejou boa noite. Daisy tomou a mão da irmã, com a outra acariciou-lhe o rosto e disse boa noite.

Quando Lulu estava subindo as escadas do seu quarto, Daisy chamou a irmã e lhe disse:

– Boa noite e adeus, minha doce e querida Lulu.

Quando o relógio marcava 23h15, ela disse ao pai:

– Pode me pegar agora, papai. Allie já está aqui para me levar.

Acomodando-se no colo do pai, pediu para que cantassem. Um dos presentes pediu que chamassem Lulu, mas ela não deixou:

– Ela está dormindo, não vamos incomodá-la.

Quando o relógio marcou 23h30, exatamente a hora que havia previsto, ela levantou as duas mãos como se as oferecesse a alguém e pronunciou suas últimas palavras:

– Vamos, Allie.

Deu seu último suspiro e desencarnou. Enquanto o pai deitava seu corpinho inerte com ternura sobre a cama, ela, agora em espírito, seguia viva e alegre, com seu irmão e seus anjos, de regresso ao seu verdadeiro lar, para dar início a uma nova modalidade de vida.

Como se dá o fenômeno

A ciência materialista atribui as visões no leito de morte a miragens criadas por um cérebro à beira da extinção, a alucinações causadas pela desagregação dos neurônios. Não há como ela ir além dessas explicações, pois não consegue ultrapassar as barreiras do cérebro físico. Para ela, o cérebro secreta nossa consciência e nossos pensamentos; morrendo o cérebro, morre tudo. Portanto, aqueles seres queridos que já morreram e que

dizem estar aí para ajudar os moribundos em sua transição (e que estes dizem ver) não existem. E, se não existem mais, não podem estar aí; portanto, nada mais são que miragens de um cérebro à beira da extinção, alucinações causadas pela desagregação dos neurônios.

Já os espíritos de ordem elevada - eles mesmos sobreviventes da morte e livres das idéias preconcebidas, dos preconceitos e do orgulho escravizador - nada tinham e nada têm a perder. Portanto, podiam falar claramente e sem rodeios como se dá o fenômeno.

Chamam-no de segunda ou dupla vista. E o que é isso? A resposta vem diretamente dos espíritos:

"- Tudo isso é a mesma coisa. O que chamais de dupla vista é ainda o Espírito que está mais livre, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma". (O moribundo está consciente quando fala dessas experiências.)

"(...) e quanto mais fraco estiver o corpo, mais livre ele estará". E mais facilmente vê e ouve coisas que os sentidos físicos não são capazes de perceber.

Complementam os espíritos:

"Elas também ocorrem quando se está em perfeita saúde; é que, na doença, os laços materiais estão mais frouxos; a fraqueza do corpo possibilita mais liberdade ao

Espírito, que entra mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos".

Parece até que a pequena Daisy Irene retirou a explicação de como via os dois mundos dessa passagem! Mas isso não ocorreu, pois ela era evangélica e sua religião não ensinava isso. O que ela relatava era o que via naquele momento. Já quase liberta da matéria, que tanto limita os sentidos espirituais, a menina via e interagia com os dois mundos com a mesma lucidez.

O leitor notou que no momento em que o moribundo percebe a presença de um espírito ou espíritos, ele fixa o olhar num ponto vazio do local onde se encontra, como se estivesse olhando para o nada.

Agora atente ao que o Espiritismo ensina sobre isso: "No momento em que se produz o fenômeno da dupla vista, o estado físico do indivíduo é sensivelmente modificado; o olhar tem algo de vago: olha sem ver; a fisionomia toda reflete um ar de exaltação. Constata-se que os órgãos da vista ficam alheios ao processo porque a visão persiste, apesar dos olhos fechados". (As pessoas que os vêem – aos espíritos – se encontram muito amiúde num estado próximo do de êxtase, estado que lhes faculta uma espécie de dupla vista. Os que vêem os espíritos julgam ver com os olhos,

mas, na realidade, é a alma quem vê e prova disto é que os podem ver com os olhos fechados.)

Universalidade das visões no leito de morte.

Em um artigo escrito para o jornal de Oncologia Pediátrica em 2005 sobre o resultado de sua extensa pesquisa de dito fenômeno, a doutora Angela M. Ethier diz que as visões no leito de morte foram relatadas através dos tempos, por pessoas de todas as culturas, religiões, raças, idades, sexo, camadas socioeconômicas e de todos os níveis intelectuais, entre os mais ignorantes e os mais cultos.

As doutoras Patrícia Kelley e Maggie Callanan trabalharam com doentes terminais por mais de dez anos. Elas atenderam centenas de pacientes terminais e estiveram presentes nos seus últimos momentos de vida. Em seu livro Gestos finais: como compreender as mensagens, as necessidades e a condição especial das pessoas que estão morrendo, publicado em 1994, elas relatam as experiências de visões que seus pacientes tiveram antes de desencarnarem. Em suas próprias palavras, "a experiência dos moribundos freqüentemente incluem vislumbres de outro mundo e de pessoas que ali os esperam; eles falam da paz e da beleza desse lugar e conversam com pessoas que só eles vêem".

A psicoterapeuta e capela de hospice por mais de três décadas, a doutora Dianne Arcangel, em seu livro *After life encounters* (Encontros após a morte), relata uma coletânea de experiências de visões no leito de morte que presenciou. Ela conta que todos os pacientes cuja morte presenciou estavam acompanhados de uma pessoa invisível. "Ninguém morre sozinho", afirma ela.

E como "morremos" e renascemos? Como a alma se desliga do corpo físico?

5. COMO A ALMA SE DESLIGA DO CORPO

De repente, uma atmosfera fina, suave e luminosa envolveu a cabeça da senhora que desencarnava. Vi naquele instante o cérebro e o cerebelo expandindo suas partes mais íntimas e encerrando as funções galvanizantes pelas quais eram responsáveis e tornando-se extremamente saturados de eletricidade e magnetismo vital.

Vi em seguida, naquela atmosfera espiritual que emanava e circundava a cabeça do corpo físico da senhora,

um contorno indistinto da formação de outra cabeça! Essa nova cabeça foi-se tornando cada vez mais completa. Em seguida, vi a formação natural e em ordem progressiva do pescoço, dos ombros, do torso, até a organização completa de seu corpo espiritual (perispírito).

Ao mesmo tempo que esse novo corpo se formava e fazia-se totalmente visível às minhas percepções espirituais, percebia também o que ocorria no corpo físico enquanto este morria. Havia sintomas de desconforto e de dor. Mas eram sintomas ilusórios, que ocorriam em função da retirada das forças vitais e espirituais das extremidades e das vísceras e que se dirigiam ao cérebro para dar nascimento ao corpo espiritual.

Aprendi que há uma correspondência absoluta e completa entre o nascimento de uma criança neste mundo e o nascimento do espírito no mundo espiritual, até mesmo com o cordão umbilical, este representado por um cordão de energia vital (cordão fluídico) que, por alguns minutos, ligava um corpo ao outro.

Em seu novo corpo, vi-a inalar profundamente as energias pertencentes à atmosfera espiritual, energias estas que interpenetravam a atmosfera terrestre. Seu corpo espiritual possuía todas as proporções físicas exteriores do corpo físico do qual acabava de se retirar; era idêntico em

todos os aspectos possíveis, embora melhorado e mais bonito.

Em seguida, ela saiu do quarto e caminhou para a sala, e daí para o quintal. Lá fora havia dois espíritos amigos à sua espera. Tão logo ela os reconheceu, na mais graciosa maneira, começaram a subir obliquamente pelo envelope etéreo de nosso globo terrestre. Caminhavam tão natural e fraternalmente que mal me dava conta de que eles caminhavam no ar. Parecia que subiam uma gloriosa e familiar montanha. Permaneci observando-os até que desapareceram de minha vista."

Essa narrativa foi feita por um extraordinário médium vidente americano, precursor do movimento espiritualista nos Estados Unidos, ao observar uma amiga sua que desencarnava, em seu livro *Death and the after life* (Morte e vida após a morte). Para se ter uma idéia melhor da clarividência de Andrew Jackson Davis, ele, em transe, diagnosticou, prescreveu tratamento e curou milhares de pessoas dos mais diferentes males; psicografou os mais importantes livros do movimento espiritualista americano e previu a invenção do automóvel e do avião. Era conhecido como o "João Batista" do Espiritualismo americano.

A INCRÍVEL VISÃO DO DOUTOR HOUT

Narrou o médico e clarividente americano: "Minha tia estava prestes a desencarnar e eu estava no quarto com ela. De repente, senti que algo estava acontecendo, algo que meus sentidos físicos não podiam perceber. Repentinamente, vi alguma coisa pairando sobre o seu corpo físico, mais ou menos a meio metro de altura. A princípio, percebi apenas um vago perfil de uma substância opaca, parecida com neblina. Era um tipo de vapor, imóvel, suspenso no ar. Olhando mais atentamente, percebi que esse vapor ia gradualmente se densificando, tornando-se mais sólido, como se estivesse se condensando. Atônito, vi que essa substância vaporosa tomava uma forma humana.

De súbito, notei que aquele corpo se assemelhava ao corpo físico de minha tia. Esse corpo astral (ou perispírito) pairava horizontalmente sobre o corpo físico e estava quieto, sereno e em repouso. Mas o corpo físico estava ativo, em movimentos reflexivos e espasmos subconscientes de dor. Permaneci observando e vi o corpo espiritual formar-se completamente. Distinguia claramente os traços de seu rosto, Eram similares ao rosto físico, exceto que agora possuía um brilho de paz e vigor, em

lugar da velhice e expressões de dor do corpo físico. Os olhos estavam fechados como se ela dormisse um sono tranqüilo; uma luminosidade emanava de seu corpo espiritual.

Chamou-me a atenção uma substância prateada que conectava a cabeça do corpo físico à cabeça do corpo espiritual. Era um cordão. 'O tal do cordão fluídico ', pensei. Então, pela primeira vez, descobri o seu significado. Assim como o cordão umbilical une a criança à mãe, aquele cordão fluídico unia o corpo físico ao espiritual. Suas extremidades estavam conectadas à protuberância occipital, a base do crânio (nuca), de cada um dos corpos. Da base da nuca, saíam fios de energia em forma de leque, que se juntavam e formavam um cordão arredondado de aproximadamente dois centímetros e meio de diâmetro. (Essa grande densidade é em função da proximidade dos corpos; à medida que o perispírito se distancia do corpo físico, o cordão se afina, chegando ao ponto de ficar da espessura de uma finíssima linha, quando muito distante; mas apenas se rompe com a morte do corpo físico.) A cor era de um prateado transluzente, luminoso e radiante. Uma energia vibrante parecia dar vida ao cordão. pulsações de luz saíam do corpo físico e percorriam a extensão do cordão, dirigindo-se ao corpo espiritual. A cada pulsação do

cordão, o corpo espiritual tornava-se mais vivo e mais denso, enquanto o corpo físico tornava-se mais quieto, quase sem vida.

Agora a vida estava toda no corpo espiritual: o corpo físico havia cessado seus movimentos, estava imóvel, na iminência da morte. As pulsações no cordão pararam, e os fios de energia na base da nuca começaram a se romper, um por um. Ao romper o último fio, dois fenômenos ocorreram simultaneamente: o corpo físico morreu e o corpo espiritual se libertou, renasceu.

O corpo espiritual se moveu; levantando-se, pôs-se ereto atrás da cama, onde pausou momentaneamente antes de iniciar o vôo ascendente que o levaria para fora do quarto. Os olhos, que até então estavam cerrados, se abriram, e um sorriso adornou seu radiante semblante. Meu tio, esposo dessa tia e um filho deles, ambos falecidos, estavam no quarto à sua espera. Minha tia olhou para mim, deu-me um sorriso de adeus e desapareceu de minha vista.

Presenciei tudo isso de maneira totalmente objetiva. As formas espirituais que vi, vi-as com meus olhos físicos. Esses eventos duraram 12 horas, durante as quais presenciava, comentava e movia-me enquanto ocorriam. "

O QUE ENSINA O ESPIRITISMO

"Quando o Espírito deve se encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão de seu perispírito, liga-o ao germe para a qual se acha atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. A medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, com o corpo que se forma: de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, lança, de alguma sorte, raiz nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e, então, ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se cumpria sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo, a união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força deixa de agir; então o perispírito se desliga, molécula a molécula, como estava unido, e o Espírito se entrega à sua

liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito."

Nesses relatos, o leitor pode notar a naturalidade com que o espírito se retira do corpo físico e passa de um mundo a outro. Pode perceber também que, na realidade, o espírito não passou de um mundo a outro, mas de um estado a outro — saiu do estado físico e adotou o estado espiritual. Vê ainda quão longe a morte está de ser aquele episódio aterrorizador que os incrédulos dizem que nos remeterá ao nada absoluto e que tanto a humanidade teme.

Indagados por Kardec se a separação da alma e do corpo era dolorosa, os espíritos de ordem elevada, responsáveis pelas Obras Básicas de Allan Kardec, lhe responderam:

"- Não; o corpo sofre muitas vezes mais durante a vida do que no momento da morte: a alma não toma nenhuma parte nisso.

Os sofrimentos que às vezes ocorrem no momento da morte são uma alegria para o Espírito, que vê chegar o fim de seu exílio".

E Kardec complementou:

"Na morte natural, a que acontece pelo esgotamento dos órgãos em consequência da idade, o homem deixa a vida sem se dar conta disso: é como um foco de luz que se apaga por falta de suprimento".

Nosso curioso codificador quis saber mais sobre o processo de retirada da alma do corpo orgânico. E os espíritos lhe explicaram como este se dá:

"- Quando os laços que a retinham se rompem, ela (a alma) se desprende (do corpo)".

Mas Kardec queria mais detalhes:

"A separação se opera instantaneamente e por uma transição brusca? Há uma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte?"

"— Não", responderam os espíritos, "a alma se desprende gradualmente e não se escapa como um pássaro cativo subitamente libertado. Esses dois estados se tocam e se confundem de maneira que o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o retinham no corpo físico: eles se desatam, não se quebram."

**O DESLIGAMENTO DA ALMA SENTIDO PELO
"MORTO"**

O doutor Wiltse atravessou os portais da morte, mas, como não era a sua hora, voltou e contou aos presentes como é o morrer:

"Senti e ouvi o romper de inumeráveis diminutos fios. Lentamente comecei a retirar-me a partir dos pés em direção à cabeça, e saí pelas suturas do crânio. Lembro-me distintamente como eu parecia ter a cor e a forma de uma água-viva. Saí pela cabeça, como se fosse uma bolha de sabão saindo do forninho de um cachimbo, flutuei para cima, para baixo, para os lados, até que, finalmente, com imensa leveza, pousei no chão. Eu tinha o corpo de um homem, de aparência translúcida e meio azulada e estava totalmente nu.

Ao virar-me, meu braço tocou o braço de um homem que estava parado junto à porta; passei por ele sem a menor resistência. Olhei para seu rosto imediatamente, mas me pareceu que ele nada percebera. Olhei para o meu corpo morto, deitado sobre a cama, meio tombado à direita, os pés juntos, as mãos cruzadas sobre o peito. A palidez de seu rosto tomou-me de surpresa.

Tentei chamar a atenção das pessoas próximas ao leito para dizer-lhes que eu estava vivo, mas ninguém

percebia a minha presença. Achei tudo tão engraçado que comecei a rir. Elas olhavam para algo que pensavam ser a minha pessoa. Mas não era. Eu não estava morto, estava "vivinho da silva". Quão bem me sentia! Alguns instantes antes eu estava muito doente. Daí veio a mudança, que chamamos "morte", que eu tanto temia. Mas a morte veio e lá estava eu, ainda um homem, pensando tão claramente como antes, sentindo-me maravilhosamente bem. Não mais adoeceria, não mais morreria..."

O doutor Wiltse havia sido declarado morto pelo doutor Raynes, médico que o atendera, e a notícia havia percorrido o vilarejo onde vivia. Os sinos da igreja já dobravam em respeito a seu passamento, quando, para espanto de todos os presentes em seu quarto, após 30 minutos sem respiração detectável, voltou à vida física, pois, como ele próprio constatara, continuaria vivendo mesmo sem o corpo orgânico.

Essa experiência foi um dos primeiros relatos detalhados da chamada experiência de quase-morte – EQM.

A EQM ocorre em casos em que o paciente tem morte clínica, ou seja, não tem batimento cardíaco, não respira e o eletroencefalograma (EEG) não registra nenhuma atividade cerebral, podendo ocorrer também em consequência de acidentes ou em estado de coma. Casos

de EQMs vêm sendo relatados com mais frequência na atualidade por causa do aprimoramento de técnicas de reavivação cardíaca.

A pessoa que tem uma experiência de quase-morte geralmente se vê fora do corpo físico, assim como relata o doutor Wiltse, percebe que está pairando no ar e observa abaixo o próprio corpo inerte sobre o leito, ou solo ou no carro, em caso de acidentes. Nessa condição, com plena consciência e lucidez, ela vê tudo o que se passa no local onde está. Observa, por exemplo, no caso de ter sofrido parada cardíaca, médicos tentando reavivada e posteriormente dá detalhes precisos sobre os procedimentos utilizados e as conversas que ouviu entre os membros da equipe, para espanto destes, pois, segundo a medicina materialista, estando a pessoa inconsciente, seria impossível ver ou ouvir qualquer coisa.

Em muitos casos de EQM, os pacientes deixam o recinto onde estão, alguns viajam por um túnel em altíssima velocidade e são levados a lugares espirituais, onde encontram entes queridos desencarnados ou seus protetores.

Relatos descrevendo o processo de desligamento do perispírito semelhante à descrição do doutor Wiltse sobejam na literatura sobre experiências de quase-morte.

Embora eu não tenha tido EQM, conheço pessoalmente a sensação do desligamento do perispírito por meio do desdobramento ou projeção astral, como este fenômeno é também conhecido. Eu já o havia sentido algumas vezes antes de encontrar as passagens citadas por Andrew Jackson Davis e pelo doutor Wiltse.

No desdobramento consciente, é comum a instalação do chamado "estado vibracional". O estado vibracional é um processo de vibração interno que parece atingir todas as moléculas do corpo. A função do estado vibracional é de desprender as moléculas perispirituais das físicas para facilitar a retirada do perispírito. A sensação é de um formigamento generalizado em todo o corpo, mas que não é desagradável nem doloroso.

O estado vibracional é costumeiramente o precursor do desdobramento. A medida que o perispírito começa a deixar o corpo físico (em minhas experiências, a retirada iniciou-se pelas extremidades dos pés), a vibração vai cessando e é possível sentir a frieza e a rigidez nas partes de onde a energia perispiritual se faz ausente. Esse processo de frieza e rigidez é a chamada catalepsia, à qual se inclui também a diminuição dos batimentos cardíacos e da respiração.

Esse tipo de desdobramento que experimentei é abundantemente corroborado em relatos na literatura sobre as experiências fora do corpo. Iniciando-se pelas extremidades dos pés, o desdobramento vai-se dando em direção ascendente, até chegar à cabeça e retirar-se do corpo físico.

Nessa ordem, à medida que a vibração de um determinado órgão vai cessando - pés, pernas, coxas, quadris etc, esses órgãos vão esfriando e entram em catalepsia (para que o leitor saiba, as mãos e os pés são os primeiros órgãos a esfriarem em alguém que está prestes a desencarnar). Ao se retirarem, as "energias" espirituais que vitalizam as moléculas, células e órgãos vão se acumulando, juntando-se como uma bola de neve, e seguindo em direção à cabeça.

Quando todo o corpo já está cataléptico, a energia retirada fica momentaneamente acumulada na cabeça, causando uma pressão muito forte e um ruidoso zumbido. Apesar da pressão e desse zumbido (às vezes mesclados com vozes, risos, músicas etc), as faculdades do pensamento e da consciência permanecem intactas, isto é, ainda somos capazes de pensar, de discernir e de tomar decisões. Ainda estamos aptos a manter plena consciência

da presença do corpo físico, mesmo que este já esteja em estado cataléptico total.

Sabendo que o perispírito está prestes a se desdobrar do corpo físico, é possível planejar, pelo pensamento e pela vontade, para onde nos dirigir assim que deixarmos o corpo físico. E é por esse processo que o "espírito" das pessoas que acabam de desencarnar aparecem, geralmente na mesma hora que morreram, a parentes ou amigos. Relatos sobre aparições vistas por parentes e amigos no exato momento em que seus entes queridos desencarnaram transbordam na literatura sobre o fenômeno.

Em uma de minhas experiências de desdobramento consciente, eu quis visitar minha irmã que mora em um bairro na Zona Norte da capital paulista. O tempo para percorrer os 6500 quilômetros que separam Miami da cidade de São Paulo, a partir do desdobramento, foi mais curto que um piscar de olhos. Bastou pensar "vou a casa dela", e vi-me no pé da escada que leva à porta de sua sala.

Ciente de que estava fora do corpo e que podia atravessar objetos sólidos, meti-me pela porta de madeira, atravessei-a como se estivesse escancarada e fui até o quarto onde dormia minha irmã. E tal qual aprendemos no

Espiritismo, seu perispírito flutuava sobre seu corpo adormecido.

Leve como uma penugem flutuei sobre sua cama e dei-lhe um gostoso abraço – perispírito a perispírito; disse-lhe que havia vindo visitá-la e trocamos algumas palavras, tudo isso na mais plena consciência de minha condição fora do corpo, em total lucidez.

Logo que amanheceu, por volta de sete horas da manhã em Miami, telefonei para ela e perguntei-lhe se ela havia "sonhado" comigo, mas ela não se recordava de "sonho" nenhum.

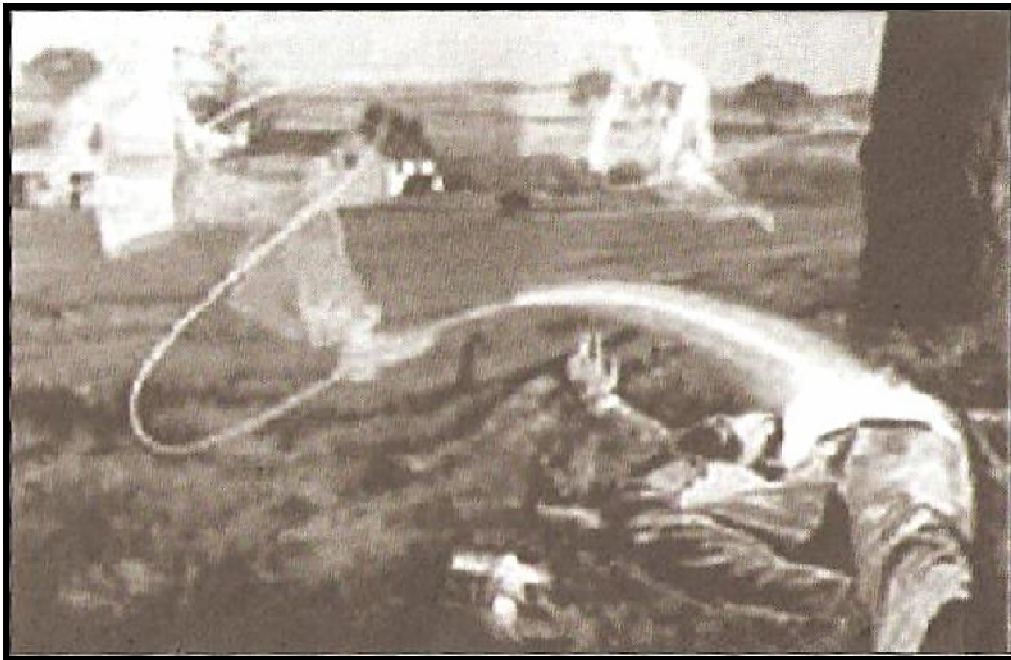
No desdobramento, a libertação do perispírito é parcial, uma vez que segue conectado ao corpo físico pelo cordão fluídico e, findo o desdobramento, o perispírito volta à sua "base", que é o corpo físico, pois seu trabalho na Terra ainda não está encerrado.

VISUALIZANDO O RENASCER DO ESPÍRITO

Na imagem seguinte vemos uma ilustração artística do perispírito afastando-se do corpo físico. Nesse caso, a

retirada dá-se pelo chacra ou centro de força gástrico, também conhecido como plexo solar, na região abdominal. Nas descrições de Andrew Jackson Davis e do doutor Wiltse, sua retirada deu-se pelo centro coronário, no topo da cabeça.

Segundo a literatura hindu, o desencarne pode ocorrer até mesmo pelo centro genésico, o mais primário dos centros de força, se a pessoa viveu uma vida muito promíscua e imoral. Nesse caso, o perispírito do desencarnante estaria impregnado de vibrações grosseiras e isso impossibilitaria sua saída por meio de centros cujas vibrações são mais sutilizadas.



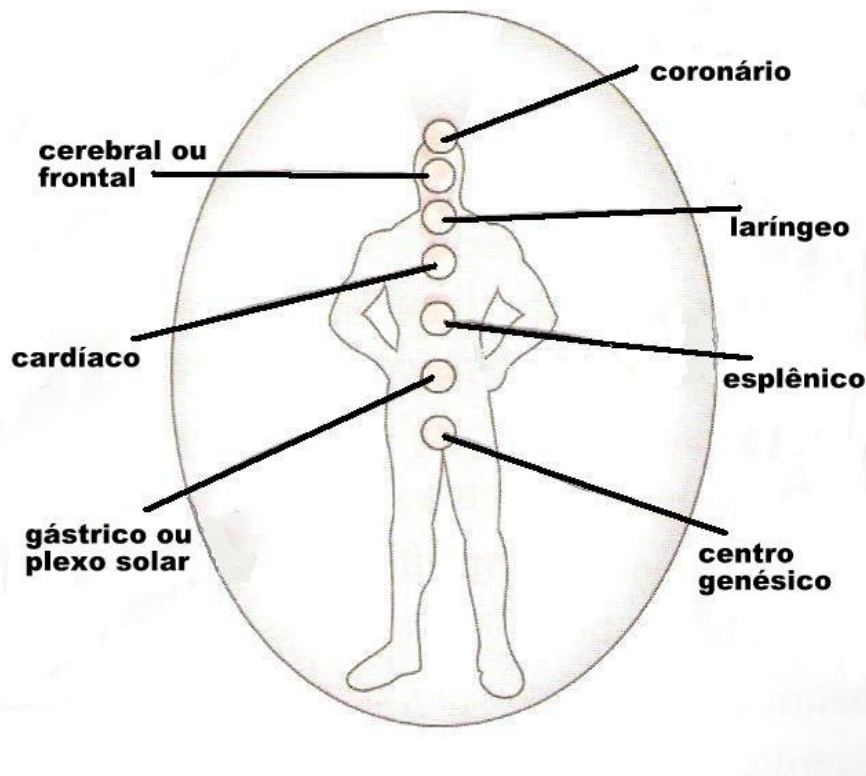
Note o cordão fluídico ligando os dois corpos. Uma vez rompido o cordão, o corpo físico inicia sua decomposição e o perispírito ganha liberdade total. Aqui é bom lembrar que

há casos semelhantes em que o espírito, geralmente aquele muito apegado ao corpo físico ou alguém que cometeu suicídio, pode permanecer junto a seus restos mortais e até mesmo sentir sua decomposição, como já temos visto na literatura espírita.

Para relembrar o leitor, os chacras, que em sânscrito quer dizer "rodas", são vórtices ou pequenos redemoinhos que captam energia do todo universal (energia vital ou cósmica) e a redistribui tanto para nossos corpos energéticos como para o corpo físico.

São sete os principais centros de força do ser humano. Em direção ascendente, são eles: centro genésico (localizado na região genital); gástrico ou plexo solar (na região abdominal); esplênico (na região do baço); cardíaco (na região do coração ou tórax); laríngeo (na região da garganta); cerebral ou frontal (no centro da fronte, entre os olhos) e o coronário (no topo da cabeça), considerado o principal centro de força.

A imagem seguinte permitirá ao leitor visualizar claramente a localização desses centros de força.



Observe o papel e o dinamismo do centro coronário: no topo da cabeça, o mais elevado dos centros de força tem como manifestação física a glândula pineal, considerada a "antena" que conecta o ser humano encarnado com o mundo espiritual.

Em seu livro *Evolução em dois mundos* (psicografado por Francisco C. Xavier e Waldo Vieira), o Espírito André Luiz explica que o centro de força coronário exerce "influência decisiva sobre os demais centros vitais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua

organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efectoras".*

Ainda André Luiz, em *Missionários da luz*, de Francisco C. C. Xavier, traz-nos o seguinte esclarecimento sobre a presença e o papel dos centros de força na composição do ser humano. Diz ele:

"Nosso corpo de matéria rarefeita (sutil) está intimamente regido por sete centros de força (coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico), os quais se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretor da mente, estabelecem para nosso uso um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado".

E o corpo que temos antes de nascer para a vida física e o que voltaremos a ter após deixá-la por ocasião da morte. E à medida que o espírito vai evoluindo, esse corpo vai se tornando cada vez mais rarefeito, mais sutilizado, até chegar ao ponto em que deixará de existir, ficando apenas o espírito puro, livre de qualquer influência material.

O Espiritismo nos ensina que "na morte o Espírito se despoja do corpo físico, mas não do segundo envoltório, ao qual damos o nome de perispírito. Esse envoltório

semimaterial, que tem a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, que, embora invisível para nós em seu estado normal, não deixa de possuir algumas propriedades da matéria. O Espírito não é, portanto, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado, ao qual falta apenas ser visível e palpável para ser igual aos seres humanos". (5) Bem, sabendo então que emergiremos da morte vencedores, intactos e cheios de vida... para onde vamos depois dela?

* Células efetoras são um tipo de linfócito (glóbulo branco no sangue) que segregam anticorpos para combater corpos estranhos no organismo. (N.A.)

6. PARA ONDE VAMOS DEPOIS DA MORTE

"Deleitava-me, agora, contemplando os horizontes vastos, debruçado nas janelas espaçosas. Impressionavam-me, sobretudo, os aspectos da natureza. Quase tudo, melhorada cópia da Terra. Cores mais harmônicas, substâncias mais delicadas. Forrava-se o solo de vegetação.

Grandes árvores, pomares fartos e jardins deliciosos. Desenhavam-se montes coroados de luz, em continuidade à planície onde a colônia repousava...

À pequena distância, alteavam-se graciosos edifícios. Alinhavam-se a espaços regulares, exibindo formas diversas. Nenhum sem flores na entrada, destacando-se algumas casinhas encantadoras, cercadas por muros de hera, em que rosas diferentes desabrochavam aqui e ali, adornando o verde de cambiantes variados. Aves de plumagens policromas cruzavam os ares e, de quando em quando, pousavam agrupadas nas torres muito alvas, a se erguerem retilíneas, lembrando lírios gigantescos rumo ao céu.

Extremamente surpreendido, identificava animais domésticos entre as árvores frondosas, enfileiradas ao fundo. Nas minhas lutas introspectivas, perdia-me em indagações de toda sorte. Não conseguia atinar com a multiplicidade de formas análogas às do planeta, considerando a circunstância de me encontrar numa esfera propriamente espiritual.

Impressionou-me o espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranqüilidade espiritual. Não havia, porém, nenhum sinal de inércia ou de ociosidade, porque as

vias públicas estavam repletas. Entidades numerosas iam e vinham. Algumas pareciam situar a mente em lugares distantes, mas outras me dirigiam olhares acolhedores..."

O relato acima foi dado pelo Espírito André Luiz, por intermédio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, de suas primeiras impressões de Nosso Lar, a colônia espiritual para onde foi levado após oito anos de sofrimento nas esferas inferiores pelas quais gravitou depois de seu desencarne – região esta que ele denominou umbral.

ONDE FICA O MUNDO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec também quis saber, e não poderia contar com seres mais apropriados para dar-lhe uma resposta – os próprios espíritos:

"Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no espaço?", pergunta Kardec em O Livro dos Espíritos (questão 87).

"– Os Espíritos estão em todos os lugares", respondem eles, "povoam infinitamente os espaços. Estão sempre ao vosso lado, vos observam e agem entre vós sem os perceberdes, porque os Espíritos são uma das forças da

natureza e os instrumentos dos quais Deus se serve para a realização de Seus desígnios providenciais (...)"

"Mas se o mundo dos espíritos está por toda parte e os espíritos continuamente a meu lado, observando-me e sobre mim atuando, por que não os vejo nem os percebo?", você poderá estar se perguntando.

Talvez esta analogia o ajude a compreender:

Observe o lugar em que você está agora: seu quarto, sala, quintal ou na praia... Não importa onde você esteja, ao seu redor existem sons, imagens e cores que você não consegue ver nem ouvir. Sons, imagens e cores são ondas de energia compostas de diferentes frequências, oscilações, comprimento, amplitude, velocidades etc.

O ultra-som, por exemplo, possui uma frequência vibratória acima da capacidade da audição humana. Você não o ouve, mas ele está ao seu redor a todo instante, em uma "dimensão" ou esfera diferente. A luz ultravioleta também está ao seu redor, mas seu olho humano não é capaz de vê-la.

Além desses sons inaudíveis e luzes invisíveis que o cercam, cercam-no também as mais diversas imagens: seu programa favorito de TV ou sua novela preferida, por exemplo; imagens de ocorrências do mundo inteiro que os satélites que orbitam a Terra emitem de um lado a outro do

planeta. Essas imagens estão inundando seu ambiente neste exato momento, no entanto você não as vê. Não as vê porque seu sistema visual não é capaz de decodificá-las. Mas essas imagens existem e suas frequências vibracionais formam uma dimensão à parte.

Assim como as dimensões dos sons inaudíveis e imagens invisíveis interpenetram-se no ambiente em que você se encontra, sem interferir em sua vida e seus afazeres, elas igualmente se interpenetram e vivem em perfeita harmonia, cada qual em sua "esfera" de existência, conforme os ditames de suas frequências vibratórias.

Nós estamos, sim, a todo instante, imersos em um mar de dimensões distintas, dimensões estas repletas de vida e de eventos que escapam à limitadíssima capacidade de percepção de nossos cinco sentidos físicos. E entre essas dimensões que nos circundam, assim como as que descrevemos acima, estão as incontáveis esferas que compõem o mundo dos espíritos, assim como os próprios espíritos que nelas fazem a sua morada.

Junto à crosta terrestre, por exemplo, ocupando nossos campos, escolas, praças, até mesmo nossas casas e quintais, existem comunidades de seres desencarnados. E assim como nós desempenhamos nossos afazeres diários

sem percebermos a existência deles, no geral, eles também levam a vida sem perceberem a nossa.

Digo isso com conhecimento de causa. Em desdobramento consciente, estive com esses espíritos em vários locais do orbe terrestre. Em certa ocasião, estive em um posto de socorro em uma fazenda no interior de São Paulo. Devido ao fuso horário, era madrugada em Miami, mas o sol já brilhava no Brasil.

Meu trabalho ali era auxiliar um jovem lavrador a entender sua nova situação; ele havia desencarnado pouco tempo antes em um acidente com o caminhão que transportava os bóias-frias. Estava muito confuso e parecia não perceber a presença de desencarnados que estavam ali para orientá-lo. O posto de socorro era um tipo de imenso galpão, com uma área livre coberta; nesse posto havia também quartos de enfermaria. Terminado meu trabalho, saí do galpão para observar os arredores e pasmei-me com o que vi.

Além da cerca de arame que circundava o lugar, em um campo com colinas e relva verdejantes, vacas pastavam calmamente naquela manhãzinha ensolarada, e a fazenda era uma das muitas naquela rica e fértil região. Nesse ambiente tão material, bem na superfície da crosta terrestre, funciona um posto de socorro espiritual a recém-

desencarnados da região, completo, com enfermeiras e outros trabalhadores igualmente desencarnados e, assim como a fazenda, é cheio de atividade e vida, sem que encarnado nenhum se aperceba de sua existência.

Em outra ocasião, estive em uma colônia onde havia um pequeno aeroporto. Era madrugada no local e ainda estava um pouco escuro. Assim que ali cheguei, vi um avião decolando. Eu estava completamente lúcido, quero dizer, sabia que estava desdobrado e mantinha toda a minha capacidade de raciocínio e discernimento.

– Não vai me dizer que esse aeroporto e esse avião são de vocês? – perguntei brincando à senhora que estava a meu lado.

Ela riu e disse que não.

– Tem alguma linha demarcatória entre a comunidade de vocês e a dos encarnados? – perguntei.

Ela deu alguns passos à frente e fez um risco imaginário no solo com a ponta do pé.

– Até aqui é plano espiritual; daqui para lá é plano terrestre.

E assim constatava, novamente e por mim mesmo, que vivemos imersos no mundo espiritual; que estamos cercados por espíritos que, embora não mais vivam no corpo físico, ainda não deixaram a crosta terrestre e fazem-

nos constante companhia, sem que nos apercebamos nem deles nem das comunidades onde vivem, mesmo estando todos junto a nós.

Em outra oportunidade, estive em uma escola na cidade de Botucatu, no interior de São Paulo. Olhando à minha volta, como costumeiramente faço para reconhecer o local onde me encontro, vi uma igreja, e atentei-me ao relógio em sua torre. Faltavam cinco minutos para as seis horas da manhã (cinco minutos para as quatro horas em Miami e meu corpo dormia como uma pedra).

Era dia primeiro de maio, portanto, feriado no Brasil. Apesar do horário e do feriado nacional, a escola estava repleta de atividade. Vi meninos e meninas, uniformizados com camisetas brancas e calças ou saias bege, carregando livros e material escolar, chegando para a aula, conversando animadamente entre si e caminhando às suas classes.

Como os Estados Unidos não comemoram o Dia do Trabalho nessa data, fui trabalhar. Chegando ao meu escritório, procurei avidamente fotos de Botucatu pela Internet; em uma delas reconheci a escola e a igreja, além da rua em frente à escola, que estava sendo asfaltada. No dia dois de maio telefonei para a Secretaria da Educação de Botucatu e perguntei se havia tido aula na escola naquela

manhã. Disseram-me que a escola estava fechada por causa do feriado. Insisti se não havia a possibilidade de ter acontecido algum evento em comemoração ao Dia do Trabalho no local, e me disseram que não.

Eu estava completamente lúcido durante essa experiência fora do corpo físico, o que me permitia ver, além dos objetos físicos, tais como a igreja e a escola, outros padrões vibratórios mais sutis, nesse caso, os corpos perispirituais de jovens desencarnados que davam ativamente continuidade à sua educação acadêmica mesmo após sua transição, ao que muitos ainda consideram, erroneamente, como a "morte".

Minhas experiências em desdobramento, ainda no interior de São Paulo, levaram-me a visitar regiões semelhantes às comunidades carentes que existem nas grandes cidades, localizadas às margens de rodovias movimentadas que cortam esse Estado. A natureza desses locais de residência ou colônias de desencarnados correspondiam às condições do desenvolvimento espiritual, moral e intelectual de seus habitantes.

Quanto mais viciosos e imorais forem seus habitantes, mais rústicas, feias e infelizes serão suas comunidades.

E não poderia ser diferente. Constantemente transferimos para o ambiente onde vivemos, tanto no

mundo físico como no espiritual, os mesmos padrões vibratórios de nosso campo mental e emocional. Uma pessoa com mentalidade desleixada, por exemplo, cria e vive em ambiente desleixado. Sua casa é desleixada, seu quintal é desleixado, seus afazeres são desleixados. Outras pessoas com semelhante comportamento sentem-se bem (ou pelo menos não se incomodam) em conviver em tal ambiente, e unindo-se em comum interesse, podem vir a criar localidades em que só mesmo pessoas assim conseguem viver. Junte-se ao desleixo comportamentos promíscuos que espíritos, tanto encarnados como desencarnados, sancionam, promovem e praticam, como, por exemplo, o adultério, o incesto, a sodomia, a brutalidade e outras paixões de baixas vibrações e pergunte-se: como seria possível mentes que nutrem sentimentos em tamanho desacordo com as leis divinas criarem ambientes agradáveis e felizes e neles viverem?

Ao contrário, quanto mais dóceis, virtuosos, amorosos, bondosos e sábios formos, mais belas, agradáveis e felizes serão as esferas que habitaremos no outro lado da vida.

COMO SABER NOSSO DESTINO APÓS A MORTE

Quando meu pai nos levou de mudança de minha querida Bocaina para a cidade de São Paulo, sem dinheiro, desempregado e com esposa e três filhos menores para criar, fomos morar em um casebre de fundos, em um bairro pobre da periferia, cercados por outros igualmente pobres. Mas São Paulo possuía (e possui) regiões nobilíssimas, em que mansões enormes, ajardinadas, com suas elegantes piscinas, e hoje condomínios de luxo, parecem pequenos paraísos. Mas nós não tínhamos condições sequer para pegar o ônibus e visitar uma dessas regiões, quanto mais nelas habitar! Aquele lugar tão modesto era o máximo a que nossos quase nulos recursos financeiros conseguiram nos levar.

Aqui, neste mundo material, cada um de nós sabe em que tipo de ambiente viveremos (ou que já vivemos) usando como parâmetro nossas condições financeiras do momento, ou no futuro, se estamos (ou não) nos esforçando para prosperar. Sabemos também que para habitar uma área nobre e bela da cidade, temos de ter os meios financeiros adequados que comportem os altos custos de viver em tal comunidade. Se não somos tão ricos assim, sabemos que não teremos condições de ali viver e precisaremos buscar outro lugar que comporte nossos

limitados recursos, um bairro de classe média, por exemplo. Quando não dispomos de recursos, quando somos pobres e nosso futuro não parece ser muito promissor, possivelmente nos encontraremos vivendo em áreas carentes (como foi meu caso e de minha família), talvez até decadentes, e possivelmente em meio à violência, à sujeira e ao crime.

Não é necessário ser inteligente para chegarmos a essas conclusões. A quantidade de nossos recursos financeiros são elementos que determinam a que classe social pertencemos e a qualidade de vida que cada uma dessas regiões poderá nos proporcionar. Quanto mais abundantes forem nossos recursos financeiros, mais condições teremos de habitar as regiões mais nobres de uma cidade e gozar dos prazeres que elas tendem a nos proporcionar; quanto mais escassos esses recursos, mais nos distanciamos delas e de suas comodidades.

Essa analogia nos permite fazer uma idéia para qual esfera espiritual gravitaremos após deixarmos a vida física por ocasião da morte. No mundo espiritual, também há regiões nobres, medianas, pobres e miseráveis - as esferas superiores, intermediárias e inferiores.

Para habitar as áreas nobres do mundo espiritual, aquelas cheias de beleza e felicidade inefáveis, é também

preciso ser rico. Mas a riqueza necessária para lá chegar não é material. Para habitar essas áreas nobres, de nada vale quão materialmente ricos, famosos ou poderosos fomos na Terra. As riquezas necessárias para sutilar nosso perispírito, fazer com que ele vibre em sintonia com as esferas superiores e nelas grave, são nossos recursos morais, espirituais e intelectuais.

Há quem diga que o progresso intelectual não é tão importante assim para nossa elevação como espírito. Contudo, os estudiosos da psicologia do desenvolvimento humano têm constatado que o desenvolvimento intelectual, no geral, ajuda a pessoa a melhor discernir entre o bem e o mal e atuar no bem e na ética - dois elementos associados ao desenvolvimento moral.

Para se ter uma idéia do benefício do desenvolvimento intelectual em nossa sociedade, os países menos corruptos do mundo possuem os menores índices de analfabetismo em sua população: um por cento! Enquanto os mais corruptos, têm os maiores índices, de 50 a 70 por cento.*

Nos Estados Unidos, os maiores índices de violência familiar, abusos de drogas, crimes e negligência aos filhos ocorrem nas comunidades mais carentes, que possuem níveis de escolarização inferiores ao restante da população. "A decadência intelectual pode, sem dúvida, prejudicar o

desequilíbrio do mundo. E é por essa razão que observamos na paisagem político-social da Terra as aberrações, os absurdos teóricos, os extremismos, operando a inversão de todos os valores", atesta-nos Emmanuel em O Consolador.

Onde impera a ignorância, imperam os males dela decorrentes. E certamente o Espírito da Verdade, encarregado da Codificação Espírita, sabia da necessidade do desenvolvimento intelectual para nosso progresso pessoal e, conseqüentemente, das sociedades nas quais vivemos. "Espíritas", clamou ele, "amai-vos! Eis o primeiro ensinamento. Instruí-vos, eis o segundo!"

E para adquirir esses recursos morais, espirituais e intelectuais precisamos conduzir "todas" as nossas vidas com estrita aderência às leis divinas, às mais nobres virtudes e aos mais sublimes sentimentos, fazendo o bem e a caridade, espalhando o amor e buscando conhecimentos intelectuais de toda sorte para expandir nossa inteligência e tornar-nos sábios também. "O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará à perfeição infinita", agrega Emmanuel em O Consolador.

Para gravitar às esferas espirituais mais nobres e felizes é imperativo que trabalhemos incansável e incessantemente para atingir a perfeição e tornarmo-nos espíritos puros.

* Dados da organização Transparência Internacional, 2006. (N.A.)

Não há atalho sem trabalho!

Se nesta vida negligenciarmos tais leis e por uma ou outra razão vivermos contrários a elas; se nossos comportamentos morais e nossas virtudes estiverem deixando a desejar; se fizermos mais o mal que o bem e, ainda, se não nos empenharmos em adquirir novos conhecimentos, podemos ter certeza de que as freqüências vibracionais de nosso perispírito não estarão sutis o suficiente para gravitar para as regiões mais nobres, e seremos atraídos às esferas inferiores, cujas vibrações sintonizam-se com as de nosso perispírito – vibrações estas sempre determinadas pela maneira que conduzimos nossa vida em cada uma de nossas existências, pela qualidade de nossos sentimentos, pensamentos e ações e pelo esforço que fazemos para o nosso melhoramento e progresso moral, espiritual e intelectual. Em grande parte, somos nós mesmos os arquitetos que projetam, não só uma residência, mas toda uma região onde vamos morar, ainda que temporariamente, após a morte do corpo físico.

Todo adulto com capacidade normal de raciocínio tem consciência de seus atos, sabe que tipo de sentimentos alimenta em seu dia-a-dia, é capaz de analisar a qualidade

dos pensamentos que costuma cultivar e sabe do esforço que está fazendo para moralizar-se, espiritualizar-se e intelectualizar-se. E agora sabe também que são precisamente seus atos, seus sentimentos, seus pensamentos e seus conhecimentos as forças moldadoras das freqüências vibracionais de seu organismo sutil, sobretudo do seu perispírito. E sabe ainda que quanto mais nobre for a natureza desses atos, desses sentimentos e pensamentos, mais elevadas serão as freqüências e, conseqüentemente, mais elevadas serão as esferas para onde gravitará após a vida na Terra. Contrariamente, quanto mais grosseira for essa natureza, mais baixas e densas serão as freqüências, e mais baixas, decadentes e infelizes serão as esferas para onde irá.

COMO ESCAPAR DAS ESFERAS INFELIZES

Após a morte, nós não somos "mandados" ou "conduzidos" a uma esfera ou outra. Ao contrário, nós "gravitamos" naturalmente para aquelas com as quais nossas vibrações se sintonizam. Se são sutis, vamos às esferas mais elevadas; se grosseiras, às zonas umbralinas.

A morte não faz milagres, não faz sábios de ignorantes nem santos de malfeitores; a morte apenas nos transfere de uma forma de vida para outra!

Neste momento, na condição de encarnados, habitamos a crosta terrestre, a faixa mais densa da matéria. Nós gravitamos para cá quando tomamos nosso corpo físico atual, pois, oriundos da Terra, ele é composto dos mesmos elementos grosseiros que formam a crosta terrestre e, portanto, vibram na mesma frequência.

Mas não apenas encarnados habitam a crosta da Terra, caminham por nossas ruas, freqüentam nossas casas, vêm às nossas festas... Desencarnados também! Pelo menos três são as principais razões pelas quais continuam a fazê-lo, mesmo após a morte do corpo físico: a ignorância do fato de que morreram, o medo da morte ou o apego à vida material ou à família.

E por que isso acontece?

Quanto a primeira razão, esta é um tanto paradoxal. Quando na vida física, a pessoa não acreditava na vida após a morte, achava que deixaria de existir quando desse seu último suspiro. Então um dia ela dá o último suspiro, desencarna e, para sua grande surpresa, não morre. Ela continua viva, ainda pensa, raciocina e não foi para o céu, nem para o purgatório nem tampouco para o inferno. Ela

continua em sua casa ou hospital, cercada por seus entes queridos e amigos. Ela ainda se vê em um corpo completo, com cabeça, tronco e membros e, para ela, tão sólido quanto o corpo físico que acabara de deixar. Portanto, em sua mente, ela continua a viver como sempre havia vivido – como um ser encarnado! E com dores!

O medo da morte é outro empecilho ao vôo do espírito às dimensões apropriadas ao seu desenvolvimento. Despreparada que está para essa inevitável realidade, quando a morte chega, mesmo se vendo viva, não sabe para onde ir nem tampouco o que fazer. Ao contrário do exemplo que vimos no caso da pequena Daisy Irene – que contemplava seu mundo futuro e todos os espíritos que ali estavam para ajudá-la em sua nova modalidade de vida -, o medo da morte impede a pessoa de ter tão sublime visão. E não sabendo nem tendo para onde ir, volta e fica em sua casa. Em casos mais extremos, refugia-se junto de algum encarnado, seja um parente, um amigo ou ente querido.

Adam Crabtree, um psicoterapeuta canadense, acredita que alguns casos de transtornos mentais e psicológicos, sobretudo os chamados transtornos de personalidade múltipla - atualmente chamado de transtornos dissociativos de identidade -, são ocasionados pela influência obsessiva de espíritos perturbados ou

malfeitores. Em seu livro *Múltiple man* (Homem múltiplo), ele relata várias ocasiões em que os espíritos que obsediavam seus clientes lhe disseram durante as sessões de terapia que haviam entrado na aura daquela pessoa como refúgio, quando, na verdade, o que realmente aconteceu foi um envolvimento fluídico em razão da sintonia entre eles. Esses espíritos não sabiam onde estavam ou que haviam morrido. E quando se davam conta de sua condição de desencarnados, seguiam seu novo caminho. A título de informação, nos mais de 50 casos de obsessão que Adam Crabtree tratou, a maioria dos Obsessores era parente do obsediado.

Os prazeres da vida material ou a ligação amorosa ou odiosa ou assuntos pessoais mal resolvidos com a família podem igualmente estender a permanência do espírito recém-desencarnado na crosta da Terra e causar transtornos obsessivos a seus entes queridos. Mesmo sabendo que desencarnou e que sobreviveu à morte, o espírito pode voltar para casa e ali permanecer até o momento em que a luz o ilumine e desperte seu desejo de progredir, como veremos no próximo capítulo.

Só há uma maneira de escapar das esferas espirituais infelizes e sofredoras: elevando nossas freqüências vibratórias, isto é, sutilizando as energias de nosso

perispírito para dar-lhe condições de gravitar para as esferas mais felizes.

E como isso se dá?

À medida que o ser humano se desenvolve moral, intelectual e espiritualmente, ele vai se despojando de suas imperfeições e elevando seu padrão vibratório. O exercício diário do amor incondicional, da caridade, da fraternidade, do bem, da fé, ou seja, a prática constante das leis divinas em prol de nosso próximo e de nossa sociedade é, para o perispírito, o que os exercícios físicos e as dietas são para o corpo físico - redutores de excessos e impurezas. E quanto mais elevadas forem essas frequências, mais elevadas serão as esferas de destino; quanto mais grosseiras as energias, mais inferiores as esferas.

Não há como ser mais claro!

7. ÀS INCONTÁVEIS ESFERAS DO ALÉM

"Não sabeis o que eu sofro!... não, não o sabeis; não podeis compreendê-lo... é horrível!... A guilhotina!... O que é isso, ao lado do que suporto agora? Não é nada; é um instante. Mas este fogo que me devora é pior, é uma morte

contínua; é um sofrimento que não deixa trégua, nem repouso... que não tem fim!

E minhas vítimas que estão ali, ao meu redor... Que mostram as suas feridas... Que me perseguem com os seus olhares!... Elas estão ali, diante de mim... eu as vejo todas... Sim, todas; não posso evitá-las!... E esse mar de sangue! E esse outro manchado de sangue!... Tudo está ali! Sempre diante de mim!... Sinto o odor do sangue... Do sangue, sempre do sangue... Ei-las, essas pobres vítimas; elas me imploram... E eu, sem piedade, eu firo... Eu firo... Eu firo sempre! O sangue me embriaga!

Eu acreditava que depois de minha morte tudo estaria acabado; foi porque desafiei o suplício; desafiei a Deus, e reneguei-o!... E eis que, quando me acreditava aniquilado para sempre, um despertar terrível se fez... Oh, sim, terrível! Estou cercado de cadáveres, de rostos ameaçadores... Eu caminho no sangue... Acreditava estar morto, e eu vivo!... E terrível!... E horrível! Mais horrível que todos os suplícios da Terra!

Oh! Se todos os homens pudessem saber o que há além da vida! Saberiam quanto custa fazer o mal; não haveria mais assassinos, mais criminosos, mais malfeitores! Eu gostaria que todos os assassinos pudessem ver o que

vejo e o que suporto... Oh! Não, eles não seriam mais... E muito terrível sofrer o que sofro!

Sei bem que eu o mereci, ó meu Deus! Porque não tive piedade de minhas vítimas. Eu repeli as suas mãos suplicantes quando elas me pediam para poupá-las. Sim, eu mesmo fui cruel; eu, covardemente, as matei para ter o seu ouro!...

Piedade, Senhor! Oh, piedade! Piedade! Isso vos peço... Livrai-me desta visão odiosa, destas imagens horríveis... Deste sangue...De minhas vítimas, cujos olhares me penetram até o coração como golpes de punhal." (O Céu e o Inferno, Parte Segunda, Cap. 6)

Essa narrativa foi dada pelo espírito Jacques Latour, em uma reunião mediúnica em Bruxelas de que Allan Kardec participou, contando o que encontrou no Além depois de ser executado por seus brutais crimes.

Como conseqüência da natureza da vida que viveu e do mal que perpetrou na Terra, ao desencarnar, Jacques Latour gravitou naturalmente para um plano ou esfera de existência de muito sofrimento, esfera esta que ele próprio (e outros espíritos igualmente maldosos, em uma espécie de consciência coletiva do Além) ajudara a implantar com a força de seus sentimentos criminosos e ações cruéis contra outros seres humanos. Tanto na Terra como no Além, nós

somos os criadores do meio em que vivemos, cujas vibrações estarão sempre em sintonia com as frequências vibratórias que compõem nosso ser. Tivesse ele sido melhor (ou pior), suas frequências vibratórias seriam menos (ou mais) grosseiras, e ele se veria então em outra esfera de existência, em vibração correspondente.

AS INCONTÁVEIS ESFERAS DO ALÉM

No Hinduísmo que podemos traçar as origens da divisão do mundo espiritual em dimensões ou esferas de existência do espírito desencarnado. Lokas é o termo em sânscrito (idioma antigo da Índia) que aparece nas Vedas, escrituras sagradas do Hinduísmo, para designar essas esferas. Swami Panchadasi, em seu livro *The astral world* (O mundo astral), relata que existem sete lokas ou planos de existência, sendo o plano material, este em que nos encontramos agora, o mais inferior de todos, por ser o mais denso. E acrescenta ele que cada uma dessas sete esferas é subdividida em outras sete; e estas em outras sete; e ainda estas em sete, e assim ad infinitum.

E como estariam dispostas essas esferas no espaço? Já ouvi pelo menos duas explicações. Uma delas é que estariam em forma de espiral, com as mais densas ao centro, sutilizando-se à medida que deste se distanciam. A outra explicação é a da cebola: cada camada representaria uma esfera, igualmente as mais densas ao centro. A razão dessas analogias é que temos apenas como ponto de comparação o plano material onde ora vivemos. Aqui, pela densidade da matéria, dois corpos não conseguem ocupar o mesmo lugar no espaço, e por isso estratificamos também os planos imateriais ou menos materiais que a Terra.

As esferas de existência do espírito – tanto as de sua origem antes de encarnar na matéria quanto as de seu retorno depois do desencarne – não estão umas sobre as outras, mas sim umas dentro das outras, as mais sutis penetrando as mais densas. Nas esferas do Além, dois corpos podem sim ocupar o mesmo lugar no espaço!

E como isso é possível? No mundo extrafísico, cada esfera de existência possui um padrão vibracional distinto, mais veloz ou mais lento, conforme a natureza dos fluidos (energia) que a compõem.

Nós somos exemplos vivos disso. Possuímos um corpo físico e um corpo espiritual que se entrelaçam vibratória-

mente. Cada um existindo em seus próprios padrões vibratórios, em um mesmo espaço, em completa sinergia.

Assim como o Espiritismo, o Hinduísmo ensina que as frequências vibratórias do espírito são os elementos determinantes ao tipo de esfera espiritual à qual ele será atraído naturalmente depois de seu desencarne esfera esta que corresponderá ao estado de desenvolvimento e progresso do espírito. Quanto mais desenvolvido for o espírito, mais desenvolvida e feliz será a esfera para a qual gravitará. Quanto mais ignorante e grosseiro, mais infeliz e triste será a sua.

E por que haveria de ser assim? Por que não vamos todos ao paraíso desfrutar de suas cobiçadas maravilhas? Allan Kardec nos dá a resposta a essa pergunta em O Livro dos Espíritos, questão 58: "As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que vivem".

E Emmanuel, em O Consolador, escrevendo pelas mãos de Francisco Cândido Xavier, lança um pouco mais de luz quanto ao nosso destino após a libertação do corpo material. Diz ele:

"O homem desencarnado procura ansiosamente, no espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na

Terra. Mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool etc, obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra".

Apesar de suas infinitas graduações, das mais abismais regiões umbralinas aos mais inefáveis dos mundos superiores, essas incontáveis esferas podem ser classificadas, para melhor entendimento, em três grandes grupos ou planos espirituais: planos inferiores, planos intermediários e planos superiores ou celestiais.

PLANOS INFERIORES

Os planos inferiores são descritos como uma dimensão de escuridão e de inenarrável sofrimento - regiões verdadeiramente abismais. Sua localização é próxima à crosta terrestre. Foram esses planos que André Luiz chamou de umbral e, segundo ele, é uma dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça. Nesses planos habitam seres desencarnados (espíritos) de

baixíssimo padrão vibratório. Muitos deles suicidas, homicidas e outras almas desajustadas devido aos graves delitos cometidos contra as leis divinas.

Embora sem fogo ou caldeiras ferventes, essas regiões seriam as que mais se aproximam ao inferno, aquelas em que o Cristo dizia haver choro e ranger de dentes. São lugares trevosos, fétidos, em que ecoam gritos e gemidos de sofrimento mental e moral, espelhando a qualidade da alma daqueles que para lá gravitaram. O maior martírio desses infelizes é a constante lembrança dos atos cometidos, das dores que causaram a outros e a si próprios.

Até que não reconheçam os erros cometidos e busquem sua própria redenção, ou seja, as reparações dos males que perpetraram, permanecerão ali em constante sofrimento.

PLANOS INTERMEDIÁRIOS

Os planos intermediários são lugares agradáveis. Pela descrição que André Luiz nos dá de Nosso Lar, a colônia para onde foi levado após sua saída das regiões inferiores,

podemos ter uma idéia das características desses planos. E Nosso Lar, segundo o próprio André Luiz, ainda não está em uma esfera tão elevada assim. Mas se compararmos como ele passou os primeiros oito anos depois de seu desencarne nas regiões umbralinas e como passou a viver depois de sua chegada a Nosso Lar, poderíamos dizer até que ele encontrou o paraíso.

Na literatura hinduísta, iogues treinados em altíssimos níveis de desdobramento perispiritual relatam panoramas do mundo espiritual semelhantes à descrição que André Luiz, Patrícia e outros espíritos nos dão: belas montanhas e vales, rios e lagos, cidades, povoados e vilarejos; todas as formas de cenários conhecidos na Terra. Falam também da existência de edifícios de todos os tipos, belos e elegantes, de todas as variedades de utensílios domésticos, apetrechos, móveis etc. Tudo isso construído por meio da manipulação do fluido universal pelas mentes imaginativas dos habitantes desses lugares e pelo poder do pensamento individual e coletivo, as chamadas formas-pensamento.

E isso nada tem de estranho. Se olharmos ao nosso redor e refletirmos, veremos que tudo o que nos cerca nasceu do pensamento de alguém ou de um grupo. A primeira cadeira, por exemplo, foi um pensamento, uma idéia de alguém que tomou forma. A densidade do plano

material, porém, exigiu o uso de instrumentos ou o manuseio adequado para materializá-la, além do tempo necessário para sua elaboração, enquanto nos planos espirituais, onde as energias são mais sutis, a própria força ou energia do pensamento é capaz de dar manifestação a algo que se quer ter, sem o uso de instrumentos. Lá, uma cadeira, por exemplo, poderia ser materializada instantaneamente.

PLANOS SUPERIORES

Quanto às esferas superiores, nelas habitariam os espíritos puros, seres que já atingiram a máxima perfeição e que não fazemos a menor idéia de como seriam. Nosso presente estado intelectual e espiritual, ainda um tanto primitivo, não comporta capacidade de abstração necessária para conceber a natureza de tais esferas.

Esses planos seriam aqueles em que algumas crenças dizem ser a morada de Deus e que muitos de seus adeptos sonham em ir após a morte. Mas se nosso presente estado de evolução intelectual e espiritual ainda não nos permite sequer conceber como seriam esses planos, o nosso atraso

moral então nos lança bem longe de qualquer possibilidade de para lá gravitarmos!

Isso, porém, não quer dizer que suas portas nos estejam cerradas para sempre! Podemos sim alcançá-las um dia – assim que atingirmos o nível de pureza necessário para vibrarmos em sintonia com as frequências inimaginavelmente sutis dessas esferas.

A CIÊNCIA COMPROVA O QUE O ESPIRITISMO ENSINA

Mas existem mesmo essas tais de dimensões, esferas, outros mundos além do mundo material, energia sutis... Ou isso é sonho de espírita que quer viver eternamente? Seria possível a ciência comprovar a existência dessas outras dimensões, de outras esferas de vida não-material, ou menos material, tais como aprendemos no Espiritismo?

A resposta é um ressonante sim!

"A ciência está a um passo de admitir que exista um outro domínio externo ao universo (material), que, para os reencarnacionistas, seria o mundo espiritual", disse o professor Carlos Imbassahy*.

Esse passo já foi dado. Embora a ciência não tenha encontrado provas concretas para afirmar categoricamente a existência desse mundo imaterial, como teoria, ele já é uma realidade admissível.

Em 1928, um jovem físico inglês chamado Paul Dirac, prêmio Nobel de Física em 1933, desenvolveu uma estranha equação matemática. Estranha porque essa equação previa a existência de um antimundo idêntico ao nosso, mas composto por antimatéria. Antimatéria seria como o espelho da matéria. Assim sendo, os elétrons e prótons que compõem os átomos da matéria teriam cargas elétricas inversas. Portanto, na antimatéria, os elétrons teriam carga positiva (pósitrons) e os prótons negativa (antiprótons).

* Escritor e estudioso do Espiritismo (1884-1969).
(N.E.)

Mas seria possível a existência de tal coisa? Ou trata-se apenas do delírio de um cientista maluco? E se não fosse delírio, se fosse possível, onde estaria essa antimatéria?

A teoria da antimatéria de Paul Dirac foi levada a sério pelos cientistas contemporâneos seus, que iniciaram a busca pela tal da antimatéria, até que finalmente a encontraram, confirmando sua existência. A ciência descobriu experimentalmente os pósitrons, os antiprótons e

antinêutrons que a equação matemática do jovem cientista previa.

E onde há fumaça há fogo, diz o velho ditado. Se descobriam os elementos básicos que comporiam um antimundo idêntico ao nosso, existiriam mesmo antiplanetas, antiestrelas, antigaláxias e até mesmo antiuniversos? Ou seja, outras dimensões ou mundos além do mundo físico que conhecemos, um mundo espiritual, por exemplo?

Tudo indica que sim!

Nas décadas de 1960 e 1970, um grupo de cientistas apresentou a chamada teoria das supercordas. Essa teoria foi desenvolvida para explicar certas peculiaridades no comportamento dos prótons e nêutrons. Para relembrar, os prótons e nêutrons são partículas elementares que compõem o núcleo dos átomos.

À medida que esses cientistas se aprofundavam mais na teoria das supercordas, foram percebendo que ela era capaz de descrever não apenas o comportamento das partículas elementares, mas também o relacionamento entre elas. Essa descoberta despertou o interesse em outros cientistas, os quais vieram a se aprofundar ainda mais nela. Hoje, a teoria das supercordas prevê a existência

de, não apenas um, mas uma quantidade infinita de universos paralelos ao nosso!

E onde estariam esses universos? Segundo a teoria das supercordas, "pegadinhos" ao nosso, a menos de um milímetro de distância! A gravidade, por exemplo, seria um tipo de sinal, provindo de um outro universo e afetando o nosso. Tais universos, conforme a teoria, seriam como bolhas membranosas que vagam pelas 11 dimensões que a teoria igualmente prediz existir.

Quais seriam as características desses universos? A teoria das supercordas diz que eles contêm espaço, tempo e formas estranhas e exóticas de matéria.

O QUE ENSINA O ESPIRITISMO

Esses outros universos, ou mundos, que a ciência agora prediz existir, já haviam sido anunciados há muito tempo por um simples carpinteiro: "Há muitas moradas na casa de meu Pai", disse Jesus dois mil anos atrás.

Cento e vinte cinco anos antes da elaboração da teoria das supercordas, os espíritos codificadores do Espiritismo

davam-nos a seguinte informação sobre esses outros mundos:

"A constituição física dos diferentes globos é a mesma?

– Não. Não se assemelham em nada."

"Como a constituição física dos mundos não é a mesma, podemos concluir que os seres que os habitam têm corpos e uma organização diferente?

– Sem dúvida. Como entre vós os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar".

"Os mundos mais afastados do Sol são privados da luz e do calor, já que o Sol apenas se mostra para eles com a aparência de uma estrela?"

"As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que vivem. Se nunca tivéssemos visto peixes, não compreenderíamos que seres pudessem viver na água. É assim em outros mundos, que contêm, sem dúvida, elementos que nos são desconhecidos".

Em 1938, 30 anos antes da elaboração da teoria das supercordas, Emmanuel, a partir de um ponto privilegiado de um desses mundos, corroborava a afirmação do sábio nazareno e dos espíritos de ordem elevada. Disse Emmanuel por intermédio da psicografia de Francisco

Cândido Xavier: "Há mundos incontáveis e muitos deles formados de fluidos rarefeitos, inatingidos, na atualidade, pelos vossos instrumentos de ótica".

Seriam esses mundos habitados ou apenas o globo terrestre o seria?

"Sim, e o homem da Terra está longe de ser, como pensa, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Entretanto, há homens que se julgam superiores a tudo e imaginam que somente este pequeno globo tem o privilégio de ter seres racionais. Orgulho e vaidade! Acreditam que Deus criou o Universo só para eles".

Ainda segundo o ensinamento dos espíritos, esses "mundos estão em graus de adiantamento muito diferentes; alguns estão nas mesmas condições que a Terra; outros estão mais atrasados: os homens aí estão mais embrutecidos e mais inclinados ao mal. Há, ao contrário, os que são mais avançados moral, intelectual e fisicamente, onde o mal moral é desconhecido, onde as artes e as ciências alcançam um grau de perfeição que não podemos compreender, onde a organização física, menos material, não está sujeita nem aos sofrimentos, nem às doenças, nem às enfermidades; os homens aí vivem em paz, sem procurar se prejudicarem, isentos de desgostos, de inquietações, afeições e necessidades que os assediam

sobre a Terra. Há, enfim, os mais avançados ainda, onde o envoltório corporal, quase fluídico, se aproxima cada vez mais da natureza dos anjos. Na série progressiva dos mundos, a Terra não está nem na primeira nem na última categoria, mas é ela um dos mais materiais e dos mais atrasados".

Como ensina o Espiritismo, e a ciência vem admitindo, há no universo incontáveis esferas vibracionais para as quais gravitaremos após a morte. Mas há também espíritos que não se conformam com a morte física, que deixaram problemas a serem resolvidos, como mencionamos há pouco, e que, depois da morte, em lugar de seguirem seu caminho no mundo espiritual, voltam para casa.

Eu disse que éramos e a convidei a entrar. Depois de alguns minutos de conversa sobre família, nacionalidade etc, ela entrou no assunto que a trazia até meu apartamento.

Contou-me que seu marido, um português naturalizado brasileiro, residente em Miami, como nós, havia falecido em março passado. O marido tinha aposentadoria no Brasil e, por ser sua viúva, queria saber se esse benefício poderia ser transferido para ela. Por isso pediu-me para ajudá-la. Eu disse que seria um prazer e que faria alguns contatos no Brasil para saber dos requisitos.

Concluída a conversa sobre a aposentadoria, perguntei-lhe como se sentia devido à morte do marido. Havíamos nos conhecido havia poucos minutos, mas ela abriu seu coração amargurado como se fôssemos velhos conhecidos. Contou-me que haviam sido casados por mais de 30 anos, que o marido foi sempre muito violento, que abusava dela física e psicologicamente pelas coisas mais banais em qualquer lugar e a qualquer hora, e por isso levava um rancor muito grande no peito.

– Não importa o tanto que seu marido a maltratou – disse-lhe assim que terminou –, a senhora precisa perdoá-lo e precisa orar muito por ele, pois ele certamente também está sofrendo.

Ela pôs-se a chorar e agradeceu-me, dizendo que eu a havia ajudado muito, que sentia como se tivesse sido "trazida" a meu apartamento por alguma razão além da qual viera.

Para mim, até então, não havia nada de "místico" ou especial em ela ter vindo à minha casa. Mas lhe disse que certas coisas que nos acontecem não são apenas coincidências e que há sim um significado além daquele que somos capazes de observar.

Com isso nos despedimos.

Dona Mercedes voltou outras vezes e em uma delas fiz uma pergunta. Sua resposta e o que sucedeu em decorrência desta trouxe à luz o sentido de ela ter sido "trazida" a meu apartamento.

– A senhora alguma vez viu seu marido... "em sonhos"?

– perguntei.

Seus olhos negros arregalaram-se sob as lentes grandes de seus óculos de grau.

– En sueños! Lo veo en mi casa – Acordada!?

– Así como estoy viendo al señor ahora – respondeu ela.

– De noite?

– De noche, de día, a toda hora! Él no sale de mi apartamento e no me deja en paz! - redargüiu. Sua voz era chorosa e trêmula, seu semblante revelava a dor de sua alma.

– Ele estava lá quando a senhora saiu para vir aqui?

– perguntei.

– Si, él está allí.

– Agora?

– Siiii! – disse meio choramingando.

Senti que precisava ajudá-la de alguma maneira.

– Posso ir lá conversar com ele? – prontifiquei-me.

– Si, por favor, benhal – respondeu.

Ela não sabia que eu era espírita, e eu nunca, em vigília, havia conversado com um espírito. Várias foram as ocasiões em que pude auxiliar recém-desencarnados enquanto em desdobramento, mas assim, ao vivo desse jeito, jamais. Mas concluí que não deveria ser muito distinto, afinal, a única diferença entre nós daqui da Terra e nossos irmãos do Além é na constituição dos corpos que abrigam nosso espírito, mais nada.

Pedindo licença, fui até minha estante de livros. Munido de O Evangelho Segundo o Espiritismo, segui-a com confiança a seu apartamento. No caminho, quis saber havia quanto tempo ela via o marido morto.

– Desde ei dia que se muriól

Nesse momento fez-me uma revelação extraordinária. Apontando-me a um lugar no corredor, próximo à entrada de nossa lavanderia comunitária, disse-me:

– E o vi ei aí por primera bez dia 14 de março, ei dia que se murió. Estaba com Ia cara muy triste, parecia doente. Estranhei mucho ei estar aí, bestido com ei pijama dei acilo e caminando socinho...

– Ele estava em um asilo?

– Si; estávamos separados bacía um ano.

Perguntei o porquê da separação e ela me contou que, apesar da idade avançada e do mal de Parkinson que o estava levando à morte, o marido continuava violento. Disse-me também que o havia trancado fora de casa – literalmente! Quando o marido saiu de viagem, ela trocou as três fechaduras. No retorno, ele tentou abrir a porta com as chaves antigas e, ao se dar conta do que a esposa havia feito, pôs-se a gritar e a esmurrar a porta. Amedrontada, dona Mercedes ligou para a assistência social, cujos oficiais vieram em seguida e o levaram ao asilo, onde morreu um ano depois.

E que revelação tão extraordinária foi essa?

Dona Mercedes não sabia que o marido havia falecido! A visão que teve dele, dez dias antes de saber que havia falecido, contraria as explicações dos estudiosos materialistas desse fenômeno. Para esses estudiosos, encarnados que perderam entes queridos, sobretudo viúvas e viúvos, sentem um desejo tão grande de ver os entes queridos que se foram que criam a imagem de sua presença ou ouvem sua voz. Mas dona Mercedes nem sequer foi avisada da morte do homem, nem ao enterro foi. Quando a avisaram, o corpo já estava sepultado havia dias. E, além disso, não tinha desejo nenhum de vê-lo – nem vivo nem morto!

– Mas o asilo não avisou a senhora imediatamente?

– No. Creo que los parentes de ei estabam brabos comigo porque eo deje ei ir para ei acilo.

– E ele não sai de sua casa desde o dia em que a senhora o viu caminhando por aqui?

– Siii... salel – replicou. – Va comigo para arriba e para bojo, ai consulado, ai médico, ai mercado...

"É obsessão.1", pensei comigo.

– E o que ele quer? - indaguei.

– Quiere saber por que Io deje ir para ei acilo.

A porta de seu apartamento, dona Mercedes retirou um molho de chaves do bolso do vestido. Depois de experimentar várias delas em cada uma das três fechaduras, abriu a porta e entramos. Como não sou vidente, não vi ninguém.

– A senhora o vê?

Ela olhou de relance na cozinha e voltou-se a mim com uma expressão de dor.

– Aiaiaiai... Está a lá en Ia cocina – disse em voz choramingueira.

Fomos à cozinha.

– Onde exatamente? – perguntei.

– Aí – apontou-me a cadeira à cabeceira da mesa, mas evitando olhar para lá.

Puxei uma cadeira e sentei-me mais ou menos na diagonal do espírito; dona Mercedes acomodou-se à cabeceira oposta. Ela olhava para ele e abaixava a cabeça, e a expressão de dor se repetia.

– Aiaiaiai! Está brabo comigo.

Pus o Evangelho sobre a mesa e olhei fixamente no lugar onde ela disse que o espírito estava e comecei a conversar com o morto. Dona Mercedes era a intermediária, uma vez que eu não o via nem o sentia.

Comecei dizendo que eu estava lá com o objetivo de ajudá-lo a compreender sua nova situação. Falei-lhe para que tomasse consciência de que não pertencia mais ao mundo material e que ficar em sua casa não lhe traria nenhum benefício. Ao contrário, só estagnação e sofrimento para ambos, para ele e para a esposa.

– O que o senhor quer? – perguntei. – Por que continua aqui?

Olhei para dona Mercedes. – Ele me escuta? – indaguei.

– Si, escucha.

– O que ele quer? Por que está aqui?

– Aiaiai. Está brabo. Quiere saber porque Io deje ir para ei acilo.

– E o que mais?

– Que no queria morirse.

Olhei em sua direção.

– Vamos começar pela segunda razão, senhor Silva, pois é a mais fácil.

Voltei-me à dona Mercedes. – Ele está olhando para mim?

– Siii.

– Ele me escuta?

– Si, te escucha.

– Ótimo. Então, senhor Silva... olhe-se, perceba-se, sinta-se... O senhor continua ou não continua existindo? Continua, não continua? E se continua, o senhor está vivo ou está morto?

Passei a explicar-lhe que era necessário e extremamente importante acostumar-se com sua nova modalidade de vida; que ao seu redor havia outras pessoas como ele que já não viviam mais na Terra e que poderiam ajudá-lo a compreender sua nova realidade; que não deveria perder tempo com coisas relacionadas à sua existência na Terra; que deveria seguir sua jornada evolutiva; que orasse bastante, pois certamente seria ajudado e outras coisas relacionadas de que não me recordo.

– Agora vamos à outra razão - disse-lhe -, por que a

dona Mercedes o deixou ir para o asilo?

Voltando-me a ela, disse:

– Explique-lhe o porquê.

Entre prantos e soluços, ela falou-lhe do medo constante que tinha dele, de sua brutalidade durante os 30 anos que viveram juntos, citando circunstâncias em que ele a esbofeteou, das constantes humilhações, enfim de toda a mágoa que ele lhe causara durante sua vida em comum, até pouco tempo, antes de ser levado ao asilo...

– Pergunte se ele se lembra de tudo isso?

– Siii, se lembra.

– Ótimo – respondi. Olhando para onde ele estava, questionei-lhe sem rodeios: – E isso não lhe causa vergonha, senhor Silva, abusar dessa maneira de sua esposa? Isso deveria lhe causar vergonha! Depois de tudo isso que dona Mercedes lhe disse, o senhor ainda não consegue compreender a razão pela qual ela o deixou ir ao asilo? Ou consegue?

– O que ele diz?

– Si, está com vergonha.

– Ótimo. Ele se arrepende do que fez?

– Disse que si.

– Esse é o caminho, senhor Silva.

Nesse momento, passei a explicar que todos viemos à Terra para aprender a amar e a fazer o bem; a tratar as pessoas com dignidade, cordialidade e respeito; que se não fizermos isso, pelo mínimo que seja, estaremos perdendo uma encarnação inteira; seguiremos indo e vindo para cá sem nada haver aprendido; continuaremos sofrendo, tanto neste mundo como no outro... Não me recordo de tudo o que disse, mas sei que foi um sermão. E, segundo dona Mercedes, ele me olhava e me ouvia atentamente.

Quando senti que já não havia mais o que falar, abri o Evangelho e fiz uma oração, pedindo a ele que prestasse atenção àquelas palavras. Terminada a oração, dona Mercedes o viu levantar-se da cadeira e seguir para a sala sentando-se no sofá. Indo até ele, pus-me à sua frente e apliquei-lhe um passe. Em seguida, apliquei um em dona Mercedes. Disse-lhe que se ele continuasse ali, poderia chamar-me na noite seguinte que eu voltaria. O tempo que ali passei foi de exatamente uma hora.

Dona Mercedes bateu à minha porta às nove da noite do dia seguinte.

– Todavia está a lá - disse-me em tom aflitivo assim que abri a porta.

– Só um momento - respondi, e fui buscar o O Evangelho Segundo o Espiritismo e um CD com 17 Ave-

Marias cantadas nas vozes de José Carreras, Andréa Bocelli, Maria Calas, Luciano Pavarotti e outros e um rádio portátil com tocador de CD.

– Vamos lá – eu disse.

Confesso que me sentia um pouco frustrado. Depois de tudo o que falei, da leitura do Evangelho, do passe... Por que ainda continuava ali? Por que não seguiu seu caminho no mundo espiritual? Será que eu tinha feito alguma coisa errada?

A resposta viria uma hora mais tarde, e o resultado arrancaria lágrimas de agradecimento pelo amor e o amparo daqueles que agora vivem no mundo maior. Aqueles que nos amam, os que chamamos mortos, seguirão nos amando e zelando pela nossa felicidade, e quando chegar nossa hora de deixar a vida na Terra, estarão ao nosso lado, solícitos, prontos para abraçar-nos e conduzir-nos de regresso ao nosso verdadeiro lar, ao mundo dos espíritos.

Dona Mercedes destrancou as três fechaduras da porta e entramos.

– Ele está aqui?

– Siii; está a lá – apontou-me a cabeceira da mesa de jantar, o mesmo lugar da noite anterior.

Caminhei à cozinha e ajeitei o aparelho sobre o aparador.

– Tenho umas músicas maravilhosas para o senhor – disse enquanto colocava o CD no aparelho. Em seguida, sentei-me no mesmo lugar da noite anterior e dona Mercedes também.

– El está contento que você está aqui – foi a primeira coisa que ela me disse.

– Muito obrigado, senhor Silva, eu também estou.

Quero apenas ajudá-lo a seguir o seu caminho em sua nova vida. Seu trabalho na Terra já está encerrado, agora o senhor precisa concentrar-se nessa nova etapa que se inicia e, para isso, é necessário o senhor ir-se daqui e deixar sua esposa em paz, para que ela siga o caminho dela.

- Dona Mercedes – sugeri –, diga ao senhor Silva tudo o que a senhora gostaria de dizer-lhe em vida, mas que não pôde dizer; abra seu coração; diga-lhe tudo o que vier à sua mente, de bom, de ruim, enfim, de todas suas experiências juntos.

Dona Mercedes pôs-se a falar e, enquanto, falava, lágrimas rolavam-lhe pela face. De vez em quando eu a interrompia e perguntava se o marido a ouvia. Ela dizia que sim. Quanta humilhação e abuso aquela mulher havia suportado tão servilmente!

- O senhor se lembra disso, senhor Silva? – indaguei.
- O que ele disse, dona Mercedes?
 - Disse que si.
 - O que ela disse, é verdade ou mentira, senhor Silva?
 - Disse que es verdad.
 - A senhora é capaz de perdoá-lo apesar de todo esse sofrimento que ele lhe causou, dona Mercedes?

A mulher fitou o espírito do marido e pôs-se aos prantos novamente.

- Si, si, Io perdono, Io perdono...

Depois da catarse, abri o Evangelho aleatoriamente. Pedi ao senhor Silva que ouvisse atentamente, que orasse e que olhasse à sua volta, pois certamente haveria alguém ali para ajudá-lo. Quando terminei a leitura, dona Mercedes olhou em direção ao espírito e arregalou os olhos.

- A mãe de ei está aí, ao lado de ell El adorava sua mãe.

Um intenso arrepio subiu-me pelo corpo e meus olhos encheram-se de lágrimas. "Obrigado, meu Deus", murmurei. Pronunciei baixinho uma prece de agradecimento pela permissão de haver participado de tão sublime desenlace.

Sentindo que meu trabalho estava terminado, convidei dona Mercedes e os dois espíritos a acompanharem-me em

uma prece de agradecimento. Terminada a oração, dona Mercedes viu-os saindo, volitando a uns três palmos do chão, atravessarem a parede da sala e desaparecerem. Mas antes de deixarem o apartamento, o senhor Silva virou-se para a esposa e acenou-lhe um adeus.

No entanto, ainda não era um adeus para nunca mais! Nove horas da noite do dia seguinte, dona Mercedes toca à minha porta novamente. Abro, e ela me diz:

– El está a lá otra bez!

– Bem, então vamos ver o que ele quer. Só um momento...

Fui à estante e peguei o Evangelho. O tocador de CD e o CD com as Ave-Marias haviam ficado em sua casa, tocando direto desde a noite anterior.

Entramos em seu apartamento.

– Onde ele está?

– No mesmo lugar.

Tomamos as mesmas posições das duas noites anteriores.

– A mãe dele está com ele? – perguntei.

– Acaba de sair.

– Ele está sozinho?

– Siii.

– Pergunte-lhe o que ele quer.

Dona Mercedes olhou em sua direção fixamente. Depois me fitou com uma expressão de alguém que parecia não acreditar no que via e ouvia. E o que ela me disse trouxe novamente um arrepio intenso pelo corpo e lágrimas aos olhos.

– Ei quiere pedir perdon.

"Obrigado, meu Pai", murmurei novamente.

– Que bela e sábia atitude, senhor Silva. O senhor não imagina quanto isso lhe fará bem.

Com aquelas maravilhosas Ave-Marias ao fundo, dona Mercedes pôs-se a relatar-me o que via.

Ao lado do espírito apareceu uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, a quem o marido era muito devoto, em forma de estátua. Em seguida, ele ajoelhou-se à sua frente, e a mão da estátua pousou sobre sua cabeça. Em alguns instantes sua mãe aproximou-se dele. Mais alguns instantes e o espírito levantou-se e pôs-se ao lado da mãe.

– Mirai El hermano de ei também chegou! – seu tom era de espanto.

– Irmão?

– Si, uno que se murio jovem. El gostaba mucho de ei.

Uma emoção muito grande apoderou-se de mim. Era uma pena que eu não conseguia ver este encontro tão sublime! Mas só em ouvir a grandeza do poder do perdão e

do arrependimento sincero, enchia-me a alma de felicidade, mesmo sem nada ver.

– Agora Ia irmã também chegou... Ela se murio de câncer...

Mal havia terminado de falar sobre a chegada desse espírito e outro apareceu.

– Olia... agora ei amigo de ei chegou.

Segundo dona Mercedes, esses espíritos puseram-se ao redor de seu esposo, como se o estivessem amparando, dando-lhe as boas-vindas após uma longa viagem, todos prontos e dispostos a ajudá-lo a ambientar-se em seu novo mundo.

Sentindo que o trabalho estava concluído, convidei a todos para uma prece de agradecimento. Terminada esta, assim como havia ocorrido na noite anterior, os espíritos volitaram em direção à sala, transpassaram a parede e desapareceram na imensidão de nosso magistral universo, a caminho da luz. Antes de deixar o apartamento, porém, o senhor Silva lançou um olhar à esposa e lhe sorriu; acenou um adeus e nunca mais voltou.

Não voltou para ela, quero dizer, mas voltou para mim!

Duas semanas depois, em um daqueles sonhos que costumamos dizer que não parecem sonhos por tão reais

que são, encontrava-me rodeado por pessoas que não conhecia. Entre elas, um homem de baixa estatura e um tanto encorpado olhava-me fixamente. Ao perceber, olhei para ele e de imediato veio-me a mente que era o senhor Silva. Quando nossos olhares se encontraram, ele me sorriu, e sua voz, com um distinto sotaque português, soou em minha cabeça.

– Muito obrigado, Admir! – ele me disse.

Àqueles que acompanharam meu relato e que, porventura, virem-se diante de situação semelhante, não hesito em recomendar: indiquem um centro espírita. A assistência espiritual deve ser prestada no centro espírita, local apropriado para essa atividade, a qual requer a participação de médiuns qualificados. Nas sessões de desobsessão, os espíritos sofredores são auxiliados segundo suas necessidades. Em outros locais, não dispomos dos recursos dos quais a casa espírita dispõe, os quais garantem a segurança de médiuns e assistidos.

Dona Mercedes está longe de ser a única viúva a receber em sua casa a visita do espírito do marido que se (oi.

Em 1987, o padre americano Andrew Greeley conduziu uma pesquisa entre pessoas que perderam entes queridos.

Ele queria saber se alguma delas havia tido algum tipo de contato com o falecido.

Os resultados foram surpreendentes: 42 por cento dos entrevistados disseram ter tido contato com o falecido. Entre as viúvas e viúvos, o percentual subiu para 67 por cento!

Hoje, 20 anos após a pesquisa do padre Andrew, esses números se mantêm firmes – e crescentes – nos casos de viuvez.

O doutor Jan Holden, professor e coordenador do programa de aconselhamento da University of North Texas, especializado em terapia de luto e perda, constatou que aproximadamente 40 por cento de seus pacientes relatam algum tipo de comunicação com o espírito do desencarnado. Quando se trata de viúvas ou viúvos, o percentual sobe para 75 por cento!

E, além desses casos, haveria outros? Haveria mais estudos sistemáticos que poderiam oferecer subsídios científicos confirmando que os mortos continuam existindo e que podem comunicar-se conosco, vindo, eles mesmos, falar que ainda vivem.

A resposta é um ressoante sim, e se quantidade de casos - e casos extraordinários, diga-se de passagem - for

medida de comprovação, podemos descansar em paz antes mesmo de morrer, pois que morrer não é o fim!

9. OS "MORTOS" VOTA PARA MOSTRAR QUE VIVEM

A doutora Elizabeth Klüber Ross caminhou até o microfone no centro do pequeno palco. Do momento em que começou a contar sua experiência, os olhares atentos das 70 pessoas da platéia não desgrudaram da eminente psiquiatra. Era uma história fantástica.

Contou a doutora:

– Eu estava em uma encruzilhada. Achava que devia deixar meu trabalho com pacientes terminais. Havia decidido entregar minha carta de demissão e deixar o hospital e a Universidade de Chicago. Não era uma decisão fácil, pois amava muito os meus pacientes. Assim que terminei meu último seminário sobre a morte e o morrer, dirigi-me ao elevador.

"Naquele momento uma mulher veio em minha direção. Ela trazia um tremendo sorriso no rosto, como se soubesse tudo o que se passava em minha mente. Assim que se aproximou de mim, ela me disse: 'Doutora Ross, só vou tomar alguns minutos de seu tempo. Se a senhora me permitir, gostaria de acompanhá-la ao seu consultório'.

Foi a caminhada mais longa de minha vida. Uma parte de mim sabia que a mulher era a senhora Johnson, uma paciente minha que havia falecido e sido enterrada havia quase um ano. Mas eu sou uma cientista e não acredito em fantasmas e assombrações! Conduzi o mais incrível teste de realidade de toda a minha vida. Tentei tocá-la, porque ela era meio transparente, como se fosse de cera. Mas não tão transparente do tipo que se podia ver os móveis através dela, porém tampouco parecia real. Eu a toquei e a senti.

Chegando ao meu consultório, ela abriu a porta. Quando entramos, ela disse: 'Eu tive de voltar por duas razões. Primeiro, eu queria agradecer à senhora e ao reverendo Smith mais uma vez por tudo o que vocês fizeram por mim. No entanto, a verdadeira razão pela qual voltei foi para pedir à senhora para não desistir de seu trabalho com doentes terminais. Ainda não é hora'.

Conscientemente, eu sabia que realmente se tratava da senhora Johnson. Mas tinha certeza de que ninguém acreditaria se eu contasse. Certamente, achariam que eu estava ficando louca! Então, a cientista que há em mim, mirou-a severamente e disse: 'O reverendo Smith adoraria receber um bilhete seu. Será que a senhora se importaria em... ?

A cientista em mim precisava de provas. Eu queria algo escrito com sua caligrafia, e assinada, se possível. A mulher

lia meus pensamentos e sabia que eu não tinha intenção de entregar o bilhete ao reverendo Smith. Contudo, ela tomou um pedaço de papel, escreveu uma mensagem e assinou-a. Depois, com um imenso sorriso de amor, compaixão e compreensão, disse-me: 'A senhora está satisfeita agora?' E falou-me mais uma vez: 'A senhora não pode abandonar seu trabalho com pacientes terminais. Ainda não. Não é a hora certa. A senhora saberá quando chegar a hora de parar. A senhora promete?'

A última coisa que eu disse foi que prometia. E com isso ela saiu. Assim que a porta se fechou, eu fui atrás dela, tinha de saber se ela era real. Abri a porta e olhei para todos os lados daquele longo corredor, e não havia uma alma viva por perto!

Terminado seu relato, a doutora Kübler Ross perguntou à platéia se alguém ali havia tido algum tipo de comunicação com um ente querido que havia falecido, pondo o microfone à disposição de quem quisesse compartilhar sua história.

Maggie levantou-se e dirigiu-se ao microfone.

– Eu tive um sonho – disse ela – com Joy, minha filha – Eu disse sonho, mas para mim era mais que um sonho... Foi uma experiência muito real para ser apenas um sonho.

"Foi logo após o Natal, 13 meses depois que a Joy faleceu. Eu estava passando por um momento muito difícil e, nessa noite, chorei tanto que até adormeci. E sonhei que a Joy tinha aparecido para mim. Estávamos sentadas em um galho baixo de uma árvore. O lugar era muito iluminado, e tudo era vividamente colorido. A árvore, a grama verdejante e o céu azul, tudo intensamente colorido.

Joy tinha um semblante muito feliz. Ela vestia uma túnica rosa - clara e esvoaçante, de mangas largas e um laço amarrado à cintura. Ela jamais havia usado uma roupa assim. Sentando-se a meu lado, ela me abraçou e colocou sua cabeça em meu peito. Eu sentia seu peso e sua substância. Então ela disse que precisava partir, mas que voltaria. Para demonstrar isso, ela meio que flutuou a uma distância e voltou, sentando-se a meu lado novamente. Ela

me mostrava que minha tristeza era desnecessária, pois que não estávamos separadas. A Joy me confortava. Ela estava feliz e queria que eu estivesse feliz também. Abraçando-me novamente, deteve-se a meu lado por mais algum tempo. E depois foi embora.

Eu acordei com uma sensação de conforto e bem-estar muito grande, pois sabia que havia estado com a minha filha. A partir desse dia, comecei a recuperar-me da dor que sua morte havia me causado e voltei a viver a minha vida."

E Joy parece ter cumprido sua promessa de que voltaria. Continuou Maggie:

– Bob, meu filho de 17 anos, que era apegadíssimo à irmã e sofria muito com sua ausência, certa noite desceu correndo de seu quarto gritando que havia visto a irmã. Contou-nos que tentava ler, mas não conseguia se concentrar e, de repente, quando olhou a seu redor, viu a irmã parada próxima a seu closet. Ela vestia calças jeans e uma camiseta listada, que tampouco havia vestido quando em vida. Sua expressão era de calma e serenidade, como se quisesse mostrar que tudo estava bem. Quando Bob viu a irmã, ficou imóvel, como se não acreditasse no que via. Assim que ela desapareceu, ele desceu correndo para nos contar.

Outros relatos extraordinários se seguiram e foram mais que suficientes para converter Bill Guggenheim. Bill não acreditava na vida após a morte, estava na platéia de curioso, mas saiu transformado.

- Quando o seminário terminou - contou ele -, minhas crenças pessoais do que era real e irreal destroçaram-se. Os objetivos materialistas que aprendi que devia almejar e conquistar, objetivos esses que eu havia valorizado por 38 anos de minha vida, repentinamente pareceram ínfimos em comparação com aquele novo universo, muito maior, mais amoroso e repleto de maravilhas.

Bill fez-se então as seguintes perguntas: "Será que outras pessoas que perderam entes queridos também tiveram algum tipo de comunicação com eles? Quão comum e como seriam tais comunicações?"

Só havia um jeito de saber: perguntar àqueles que perderam entes queridos!

Em parceria com sua esposa Judy, Bill lançou em 1988 o Projeto de Comunicações Após a Morte para descobrir a magnitude do fenômeno. Durante os sete anos seguintes, de 1988 a 1995, o casal conduziu, pessoalmente e por telefone, duas mil entrevistas com pessoas que haviam

perdido entes queridos e disseram que haviam se comunicado com eles.

Os entrevistados estavam espalhados pelos 50 estados norte-americanos e províncias (Estados) do Canadá. Suas posições sociais e níveis acadêmicos e intelectuais eram dos mais diversos e suas idades variavam de oito a 92 anos. A grande maioria era cristã e judaica. Virtualmente todos gozavam de boa saúde física e mental. O casal foi extremamente cuidadoso em excluir participantes com histórico de alcoolismo ou uso de drogas proibidas.

10. NENHUM ADEUS É PARA SEMPRE

O Espírito não é, portanto, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado, ao qual falta apenas ser visível e palpável para ser igual aos seres humanos". Isso que Allan Kardec escreveu em O Livro dos Médiuns (Parte Primeira, Cap. I, Item 3) há 150 anos, Bill e Judy Guggenheim

confirmaram sistematicamente em sua abrangente e recente pesquisa.

Os exemplos seguintes são apenas uma pequena amostra dos milhares de casos que o casal de pesquisadores encontrou, mas o suficiente para que o leitor tenha uma idéia de suas características gerais.

OS VIVOS VÊM SEUS PARENTES "MORTOS"

Os espíritos podem aparecer a seus familiares de mil maneiras: parcial ou totalmente. Na visão parcial, a pessoa vê apenas certa parte do espírito, geralmente o rosto e o tronco. Na visão total, ela o vê por inteiro: cabeça, tronco, membros, cabelos etc, além de detalhes do rosto e da vestimenta que usam.

VISÃO PARCIAL DO ESPÍRITO

Kurt é um terapeuta da Flórida que tinha um grave problema de relacionamento com seu pai. Assim como fez o

senhor Silva em relação à sua esposa, o pai de Kurt também voltou para pedir perdão ao filho pelos erros cometidos contra ele.

Contou Kurt: "Eu sempre me perguntava por que meu pai me odiava tanto. Ele jamais havia sido amoroso comigo. Era um homem violento e batia muito em mim e em meus irmãos; e às vezes até em minha mãe. Três dias após a sua morte, ele apareceu para mim. Do mesmo jeito que era antes, exceto que eu conseguia ver através dele. Sua forma era como se fosse um vapor acinzentado, mas facilmente reconhecível. Havia uma luz brilhando atrás dele. Meu pai estava chorando e pedindo perdão. Disse-me que se arrependia de tudo que havia feito a mim, à minha família e a outras pessoas. Disse que reconhecia o erro de suas ações. Pedia-me que compreendesse que ele também havia sofrido abusos quando criança e por isso agia daquela maneira, pois fora assim que aprendera. Disse-me também que me amava, que sempre me amou, mas não conseguia demonstrar-me afeição em razão da maneira que havia sido criado. Depois disso, ele desapareceu".

VISÃO TOTAL DA APARIÇÃO

A experiência de Molly, do Estado de Missouri, dá-nos outra comprovação do que nos afirma O Livro dos Médiuns (Parte Segunda, Cap. 1, Item 53) sobre a condição "física" dos espíritos após a morte:

"(...) o corpo torna-se para eles uma velha vestimenta que despiram e que não lamentam; sentem-se mais leves, como se estivessem livres de um fardo; não sentem mais as dores físicas e ficam felizes de poder se elevar, transpor o espaço, assim como em vida fizeram muitas vezes em sonho".

O relato de Molly:

"Encheu-me de felicidade ver minha avó novamente. Ela morreu aos 87 anos de idade. Nós éramos extremamente íntimas, pois havíamos vivido juntas por um bom tempo. Ela portava uma deficiência física desde os tempos de jovem, portanto eu nunca a havia visto em posição ereta.

Na segunda noite após a sua morte, eu estava deitada, mas não estava dormindo. Meus olhos estavam bem abertos, e eu a vi! Ela estava ereta e aparentava ter 30 ou 35 anos. Minha avó era sólida e real, igualzinha a um ser humano vivo. O cabelo dela estava curto e encaracolado ao redor da face; trazia no rosto um doce sorriso. Ela não

conversou comigo, mas eu tinha a impressão de que ela estava querendo dizer: 'você está vendo que agora estou ereta!' Ela usava um vestido modelo antigo com um estilo incomum, branco com listras vermelhas. Não me recordo de tê-la visto alguma vez usando uma roupa assim. Tudo que ela fez foi ficar olhando para mim e sorrindo.

Quando levantei e acendi a luz, ela desapareceu. Na manhã seguinte, contei para minha tia e descrevi o vestido que ela estava usando; ela levou-me ao porão e abriu alguns baús velhos. Em um deles havia uma colcha que minha avó havia costurado havia muito tempo, com a mesma estampa do vestido que ela estava usando – branco com listras vermelhas!"

OUVIR VOZES

SENSAÇÃO DE TOQUE

Às vezes, a pessoa tem a sensação de que alguém a tocou, mas, olhando a seu redor, não vê ninguém. O caso seguinte é extraordinário por dois motivos: primeiro, várias pessoas tiveram a sensação de serem tocadas ao mesmo

tempo; segundo, essa experiência vem comprovar o que aprendemos no Espiritismo. Muitas vezes, o desencarnado está presente em seu próprio enterro!

Andrew, de 24 anos, filho de Sarah, desencarnou em um acidente de motocicleta.

O relato de Sarah:

"Pouco antes do enterro de Andrew, eu estava na cozinha. Kyle, nosso outro filho, aproximou-se de mim e me abraçou. Em seguida, veio meu esposo, Doug, e nós três nos abraçamos e choramos em silêncio. De repente, sentimos uma leve pressão, uma carícia em nossos ombros. Em meu coração eu sabia que era o Andrew, e o Doug e o Kyle também o sabiam. Nós três sentimos o calor de seu abraço e de seu amor. Mentalmente ouvi Andrew dizer, 'Oi, galera, está tudo bem.'

A experiência durou pouco, não mais que uns 30 segundos. Mas o abraço dele fez-nos sentir como se a família estivesse completa novamente".

SENSAÇÃO DE PRESENÇA

E a sensação que se tem de que alguém está por perto, mesmo sem conseguir vê-lo. Segundo Allan Kardec (O Livro dos Médiuns, Parte Segunda, Item 159): "Toda

pessoa que sente num grau qualquer a influência dos espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente às pessoas e conseqüentemente, não constitui privilégio de ninguém (...)" . Alguns de nós têm essa faculdade em níveis mais ostensivos que outros. Mas se tratando de entes queridos, mesmo que não sejam familiares, com os quais nossas freqüências vibra-cionais mais se sintonizam, ainda que não sejamos médiuns ostensivos, podemos perceber sua presença.

O relato de Edith, uma terapeuta da Flórida, ilustra claramente tal fenômeno. Edith tinha um paciente em fase terminal, o senhor Howard, de 65 anos. Contou ela:

"Eu estava em casa quando a enfermeira me ligou dizendo que o Howard estava morrendo, um processo que pode demorar horas. Sua esposa estava passando por uma situação difícil e pediu que eu fosse até lá. 'Já estou indo', respondi, e fui para meu quarto trocar de roupas. De repente, senti a presença de Howard. Ele estava do meu lado direito. Havia uma sensação de leveza, de júbilo e de liberdade no ar. Era como se eu sentisse em meu coração sua despedida e seu agradecimento pelo tempo que passamos juntos. Ele não ficou muito tempo, talvez uns 30 segundos. Olhei no meu relógio digital e vi que eram

exatamente 16h23. Troquei-me e fui para a casa do Howard.

Quando cheguei lá, ele já tinha falecido. Perguntei a que horas ele havia falecido e me disseram 16h23.

OLFAÇÃO DE FRAGRÂNCIA

Sentir o cheiro de um perfume ou loção que um ente querido costumava usar. Esse parece ser um tipo de comunicação bem comum. Neste relato que vamos ver, houve dois tipos de comunicação ao mesmo tempo: a olfação de fragrância e a sensação da presença.

A experiência ocorreu com Lara, uma artista plástica de 39 anos do Estado de Rhode Island. Aqui, seu primo Larry, que morreu de câncer, parece ter vindo cumprir a promessa que havia feito à sua prima.

Nas palavras de Lara:

"Eu e meu primo Larry crescemos juntos e mantivemos uma estreita amizade durante toda nossa vida. Tínhamos feito um acordo: aquele que morresse primeiro voltaria para comunicar-se com o outro. Não sabíamos como o faríamos, mas sabíamos que o faríamos de alguma forma. Três dias após a morte de Larry, eu estava em meu quarto quando, de repente, senti sua presença! E o quarto

saturou-se com a fragrância de English Leather, sua colônia preferida, a única que ele usava. Eu não tenho nenhum perfume porque sou alérgica a eles, e meu marido tampouco usa outra colônia. 'Meu Deus, é o Larry!' eu disse, muito emocionada. O Larry estava cumprindo sua promessa! Eu sabia que ele estava me dizendo que havia alguma coisa após a morte. Logo a sensação de sua presença e o aroma da fragrância desapareceram. Mas eu sabia que ele havia estado ali".

COMUNICAÇÕES EM ALFA

Alfa é uma das frequências cerebrais e oscila entre sete e 12 ciclos por segundo (hertz)- Essa frequência é obtida em estados de relaxamento, meditação, devaneio, hipnose ou transe mediúnico menos profundo. A noite, "entramos em alfa" antes de atingir o sono profundo, e de manhã, ao despertar. E também a frequência mais propícia para a percepção de fenômenos paranormais, ou experiências psíquicas.

Nesse estado de relaxamento, Gene, um rapaz de 27 anos, recebeu comunicação de seu irmão Roger. Roger era um soldado americano de 24 anos que servia na base da Coreia do Sul, morto em um acidente de helicóptero.

Eis o relato de Gene: "Era véspera de Natal e estávamos esperando o telefonema de Roger, mas ele não telefonou. Durante a madrugada, recebemos a visita de um militar, informando-nos da morte de meu irmão. Não conseguíamos acreditar no que ouvíamos. Na tarde de Natal, eu estava muito cansado e me deitei. Sabe como é quando você está entre o despertar e o adormecer e consegue ouvir o que ocorre a seu redor, mas não está prestando muita atenção? Foi então que o Roger apareceu para mim. Eu não o via, mas conseguia sentir sua presença. Ele me disse: 'Está tudo bem. Diga à mamãe que estou bem e que não precisa se preocupar comigo. Diga a ela que a amo'. Ele me pediu que confortasse minha mãe quanto pudesse para ela conseguir suportar o ocorrido. Isso deve ter durado uns três minutos. Assim que despertei, fui contar a minha mãe, e nos sentimos bem melhor. A vinda de Roger provou-me que deve haver vida após a morte, e eu acredito que ele esteja no céu".

COMUNICAÇÕES EM SONHO

Estas são aquelas experiências que, por falta de uma definição mais apropriada, costumamos dizer que "era mais que um sonho", pois era muito real para ser um sonho. A

psicologia e a psiquiatria ortodoxas não sabem explicar o que são certos sonhos, mas dão a certeza de que são ocorrências definitivamente confinadas ao cérebro.

Mas como uma das missões do Espiritismo é iluminar as trevas que impedem a ciência materialista de ver o ser humano como algo mais que apenas seu corpo físico, ele vem em seu socorro.

"O sono liberta, em parte, a alma do corpo", ensinam o Espiritismo. "Quando dormimos, estamos momentaneamente no estado em que o homem se encontra após a morte (...)", "(...) Quando o corpo repousa, o Espírito tem mais condições de exercer seus dons, faculdades do que em vigília; tem a lembrança do passado e algumas vezes a previsão do futuro; adquire mais poder e pode entrar em comunicação com outros Espíritos, neste mundo ou em outro", "(...) O sono é a porta que Deus lhes abriu para entrarem em contato com seus amigos do céu; é o recreio após o trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final que deve devolvê-los a seu verdadeiro meio".

E Deus abriu essa porta a Gayle, uma artista plástica da Carolina do Norte. A dor da perda de seu filho Alex, afogado aos 21 anos de idade em um acidente de barco,

corroía-lhe as entranhas da alma e a porta abriu-se para ela ter com seu filho querido.

Nas palavras de Gayle:

"Eu estava muito angustiada, como qualquer mãe que acaba de perder um filho. Na segunda madrugada após seu sepultamento, por volta das cinco horas da manhã, perdi o sono. Fui sentar-me na sala e comecei a rezar para que Deus me deixasse saber se meu filho estava bem. De repente, senti um desejo muito grande de voltar para cama e dormir, deitei-me e peguei no sono rapidamente. E comecei a sonhar. Sonhava que estava na cozinha preparando o café-da-manhã para meus dois filhos mais novos, e o Alex entrou na cozinha! Eu sabia que ele não deveria estar lá, pois estava morto. Então falei bem alto para meus outros filhos: 'O Alex está aqui!' Eles me olharam e perguntaram, 'Do que você está falando, mãe?' E com isso percebi que não conseguiam vê-lo, só eu o via. Ele tinha um sorriso radiante, sua expressão era de completa paz e felicidade. Fui até ele e perguntei: Alex, você está com Jesus, não está?' Ele colocou suas mãos em meus ombros, e eu coloquei as minhas em sua cintura, e ele me disse 'Sim, mãe, estou'. Eu despertei com uma imensa sensação de paz em saber que Alex estava bem. Eu sei que

seu espírito está com Deus e que ele estará nos esperando quando chegar a hora de estarmos com ele".

O caso seguinte não faz parte dos arquivos do casal Guggenheim, mas ganhou repercussão na mídia por se tratar de experiência envolvendo a viúva de um dignitário de reconhecimento internacional. Em outubro de 1982, a revista People entrevistou Jehan Raouf, viúva de Anwar Sadat, assassinado um ano antes. Anwar Sadat foi o terceiro presidente do Egito e uma das figuras mais influentes no Oriente Médio. Ele tomou posse do cargo em outubro de 1970 e governou o Egito até seu assassinato em outubro de 1981.

No decorrer da entrevista, a repórter comentou com Jehan Raouf:

– A senhora percebeu que fala de seu marido como se ele ainda estivesse aqui?

– Nossa religião (Islã) – replicou a viúva – diz que quando o corpo morre, a alma continua vivendo. Sim, eu ainda o sinto comigo. Eu e meus filhos sempre o sentimos presente. Meu filho Gamai ouviu a voz dele certa manhã. Ele levantou e sentou-se na cama e de repente ouviu o vozeirão do pai dizendo: "Por que você está tão triste, Gamai, e por que sua mãe e suas irmãs estão tão tristes? Diga a elas que eu estou extremamente feliz e

descontraído". Meu filho disse que se arrepiou inteiro. Ele saltou da cama e saiu procurando o pai, mas não encontrou ninguém.

– E a senhora já teve alguma experiência semelhante?

– indagou a repórter.

– Não exatamente assim – respondeu a viúva –, mas ele me pegou de surpresa logo após a sua morte. Uma vez eu estava dormindo e o senti a meu lado, como se ele ainda estivesse vivo. Foi tão real que eu perguntei: "Anwar, você está aqui?" Eu estiquei minha mão para tocá-lo e assegurar-me de que ele estava lá. E ele estava e me deu um sorriso.

– Foi um sonho, claro? – interveio a repórter.

– Sim, claro, mas não era como os sonhos comuns que desaparecem quando abrimos os olhos. Eu abri os meus olhos e ainda o via a meu lado. Toquei-o novamente e de repente ele desapareceu. Foi um choque.

Carl Jung, o eminente psicólogo suíço fundador da psicologia analítica, contou que seis semanas após a morte de seu pai, este apareceu-lhe em um sonho. "Foi uma experiência inesquecível, e pela primeira vez fui forçado a pensar sobre a vida após a morte", confessou Jung.

COMUNICAÇÕES FORA DO CORPO

Este tipo de comunicação não é muito freqüente, mas é uma das mais lúcidas e mais marcantes. Em O Livro dos Médiuns encontramos que a experiência fora do corpo, ou emancipação da alma, também chamada de desdobramento, é "uma variedade da faculdade mediúnica..." em que a pessoa em desdobramento "vive antecipadamente a vida tios espíritos". Liberto dos "laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros espíritos".

Compare essa informação, dada pelos espíritos há um século e meio, com a experiência de Nora, dona-de-casa de 44 anos, residente na Flórida, há bem pouco tempo atrás!

Nora relata:

"Minha mãe faleceu em junho; em agosto, fui de férias à Ilha Sanibel (na costa oeste da Flórida). Eu estava deitada quando de repente tive uma sensação muito estranha. Eu saía de meu corpo! Era uma sensação realmente muito estranha. Eu vi meu corpo deitado sobre a cama e, em segundos, fui parar na cozinha de minha casa

em Orlando. 'O que eu estou fazendo aqui?', pensei, atônita.

De repente ouvi uma voz me dizer, 'Olá, Nora'. Voltei-me em direção da voz e vi minha mãe na minha frente. Não conseguia acreditar. Foi um impacto tão grande vê-la; só consegui dizer 'Mãe'! Ela estava muito linda. Seu semblante era radiante e estava envolta em luz. Ela faleceu aos 72 anos, mas aparentava ter uns 50; eu nunca havia visto alguém tão feliz como ela estava. Pegando na minha mão, conduziu-me para fora da cozinha. Quando chegamos à porta da sala, ela tocou minha mão delicadamente e disse: 'Eu vim te dizer adeus. Eu amo muito você e estarei sempre cuidando de você e de seus filhos'.

Com isso, ela desapareceu. Permaneci lá sozinha por alguns segundos e logo senti que voltava para meu corpo, que repousava na cama na Ilha Sanibel. Eu não tenho a mínima dúvida de que isso realmente aconteceu. Essa experiência provou-me que existe vida após a morte, e mostrou-me que não preciso temê-la".

UM ENCONTRO EXTRAORDINÁRIO

É possível que os mais céticos ainda não se convençam de que os mortos voltam, quem sabe até desdenhariam das testemunhas citadas. Como mencionamos, a psiquiatria e a psicologia ortodoxas diriam que essas pessoas viram a imagem dos entes queridos em razão da intensa saudade ou do desejo ardente de revê-los. Essa é a única explicação que têm!

Mas como explicar os casos em que os entes queridos não sabiam da morte de um parente ou amigo, e que ele mesmo, o recém "morto", aparece para "dar a notícia" ou despedir-se.⁷ A que se atribuiria isso? Dona Mercedes Silva, por exemplo, apenas soube da morte do marido dez dias depois de seu falecimento, porém o viu em sua casa no mesmo dia em que ele morreu.

Como, então, poderia ela ter tido a visão do marido, se ela nem sequer sabia que ele havia falecido? Ela não tinha nem saudade nem desejo ardente de vê-lo, então a que se atribui tal visão?

Veja este outro caso extraordinário. Christine Baker, uma agente imobiliária da Flórida, contou como soube da morte da filha.

Nas palavras de Christine Baker:

"Minha filha Heather, de 14 anos, havia ido passar ;á noite na casa de uma amiga. Eu e meu marido nos deitamos às 23 horas. À uma hora da manhã o telefone tocou. A pessoa no outro lado da linha disse que era da delegacia e que havia um policial daquele distrito na porta de minha casa. Pedi-me então que atendesse o policial. Desliguei o telefone e sentei-me à beira da cama, pensando sobre o que seria o assunto. 'Por que haveria de ter um policial à minha porta?'

Levantei-me, vesti o roupão e saí do quarto. Quando entrei no hall da sala, vi a Heather ao lado de seu avô. Ela era muito apegada a ele. Mas ele estava morto havia seis anos! Ambos estavam suspensos no ar e abraçados. Eles eram sólidos, e eu os via claramente, como se fosse à luz do dia. Fiquei estupefata.

Sacudindo a cabeça, pensei: 'Por que estou vendo a Heather com seu avô?' E ele me respondeu: 'Ela está bem, Baby. Eu estou com ela. Ela está bem'. Ele era meu sogro, e sempre me chamou de 'Baby'. Era a voz dele, e eu conseguia ouvi-lo claramente. Ele estava sorrindo para mim, cheio de paz. Ambos pareciam muito felizes. Atônita, sacudi a cabeça novamente.

No momento em que abri a porta, a polícia estava lá. Pediram para entrar.

– Que foi que houve? – perguntei.

O policial me disse que minha filha havia sofrido um grave acidente de carro e havia falecido. Mais tarde vim B dar-me conta de que meu sogro estava tentando amainar o impacto da notícia, mostrando-me a Heathei com ele.

Ela era minha única filha, e essa experiência ajudou-me a aceitar sua morte."

E os mortos não só vêm dar a notícia aos entes queridos ou amigos de longa data, mas às enfermeiras que cuidaram deles também) Francine, uma enfermeira da Flórida, cuidava de um paciente chamado Roland.

"Certa manhã", contou ela, "por volta de seis horas, preparava-me para ir ao trabalho. Sentei-me à beira da cama para calçar os sapatos quando de repente vi a imagem ofuscada de Roland próximo à cama, sorrindo para mim! Reconheci-o imediatamente. Ele parecia alegre e descontraído. Pensei que estivesse ficando doida. Mas retribuí o sorriso e ele desapareceu. Rindo, falei para meu marido que eu devia estar ficando maluca, pois nem sequer havia saído de casa e já estava vendo pacientes no meu quarto!

Assim que cheguei ao hospital, fui imediatamente informada de que o Roland havia sofrido um ataque

cardíaco durante a noite e falecido. Então tive a impressão que ele veio dizer-me que estava tudo bem".

UBIQÜIDADE DO FENÔMENO

Os casos citados neste capítulo são alguns poucos exemplos dos milhares de ocorrências diárias de comunicação dos mortos aos vivos. As extensas pesquisas de Bill e Judy Guggenheim mostraram que aproximadamente 70 por cento das pessoas que perdem um ente querido relatam algum tipo de comunicação com a pessoa que faleceu.

Em se tratando de enfermeiras, por estarem em contato diário com alguém prestes a deixar a vida física, não seria difícil supor que seriam mais suscetíveis a tais comunicações. Muitos pacientes acabam estabelecendo um laço afetivo significativo com elas, especialmente aqueles que estiveram sob seus cuidados por algum tempo. Como aprendemos no Espiritismo, o pensamento é um dos veículos de transporte do espírito. Portanto, podemos inferir que no momento do desencarne o paciente tenha em mente sua enfermeira, talvez com a intenção de pedir-lhe

ajuda. Uma vez livre do corpo, o espírito transporta-se até onde o leva seu pensamento. Talvez tenha sido exatamente isso o que ocorreu com Howard, aquele senhor que apareceu ao lado da terapeuta Edith, exatamente na hora de seu desencarne, 16h23, e o de Roland, que apareceu na casa da enfermeira Francine, como acabamos de ver no relato anterior.

Quem achou que enfermeiras fossem suscetíveis aos contatos de pacientes mortos foi David Lewis, um antropólogo inglês estudioso do fenômeno. Com essa hipótese em mente, David Lewis partiu para confirmá-la (ou negá-la). Se confirmada, ele queria medir a extensão em que as enfermeiras teriam tais comunicações. Com esse fim, ele conduziu entrevistas com enfermeiras de vários hospitais da Inglaterra.

E sua hipótese estava corretíssima!

David Lewis catalogou mais de cinco mil relatos de enfermeiras que disseram haver tido algum tipo de comunicação com pacientes que haviam falecido. Os tipos de comunicação variavam entre uma vaga sensação da presença até a visão total e audição. Houve até mesmo caso de duas enfermeiras virem a mesma aparição, a de um garoto de 14 anos, andando pelos corredores de um hospital em Sunderland.

Note como o resultado do estudo de David Lewis lança por terra a teoria da psiquiatria e da psicologia materialistas que creditam a ocorrência do fenômeno à alucinação decorrente do ardente desejo do sobrevivente de rever o ser querido. Muitas dessas enfermeiras, em cuja profissão há constante escassez de pessoal, estão normalmente sobrecarregadas de trabalho. Cuidar de um paciente terminal é, no mais das vezes, causa de imenso estresse tanto aos entes queridos como às enfermeiras. E a morte deste viria trazer à enfermeira um grande alívio, e não saudade. Por que então ela haveria de vê-lo se não possuía nenhum laço além de sua obrigação profissional de cuidar dele?

A CIÊNCIA CONFIRMA O QUE O ESPIRITISMO ENSINA

O primeiro estudo sistemático abordando as comunicações após a morte, embora para o pesquisador nada houvesse de paranormal, foi conduzido pelo psiquiatra Erich Lindemann, em 1944.

O doutor Erich entrevistou 101 parentes das vítimas de um incêndio devastador que consumiu a boate Coconut Grove Nightclub na cidade de Boston, nos Estados Unidos. Quinhentas pessoas morreram nesse acidente. A resposta mais freqüente dada pelos entrevistados foi ter visões dos entes queridos que pereceram no incêndio.

Em 1988, o doutor Erlendur Haraldsson, da Islândia, entrevistou 100 pessoas para saber de suas experiências, mas em estado de vigília, com entes queridos falecidos. O resultado foi impressionante! Oitenta e quatro pessoas descreveram experiências visuais, auditivas, tácteis e olfativas; 16 relataram sensações vividas de presenças invisíveis e 59 pessoas disseram ter visto as pessoas falecidas.

E quão longe de nós estão os espíritos, nossos anjos guardiões, nossos parentes e amigos que cremos "mortos"?

Perto, bem perto... A um pensamento, a uma oração de distância!

11. ANJOS EM NOSSA VIDA

Mark Duran não via a hora de terminar de almoçar para explorar os arredores de sua nova casa. Era a primeira vez, em seus 12 anos de vida, que vivia assim tão perto da natureza. Precisava fazer um trabalho escolar sobre o meio ambiente e percebeu que material não lhe faltaria. Havia escutado que os luxuriantes pinheirais e palmitais das redondezas eram hábitat de exóticos animais nativos da Flórida – veados de rabo-branco, garças-cinza e garças-brancas, iguanas, águias-pescadoras e outros bichos.

Era uma tarde fresca de domingo de ramos. A brisa soprada do Golfo do México convidava-o, não apenas a ver, mas a sentir na pele as carícias da obra de Deus. Sua máquina fotográfica já estava preparada, e ele já havia colocado seu fiel amigo, o cachorro, de sobreaviso para a aventura que se aproximava.

No meio dos pinheirais, Mark andava cuidadosamente sobre a camada espessa de agulhas e cones secos que forravam o chão arenoso. Não queria assustar nenhum animal. Seus olhos verdes vasculhavam entre as árvores, ouvidos atentos à presença de algum animal. A máquina fotográfica estava pronta para registrar qualquer criatura que aparecesse diante de sua lente.

De repente, um pio suave cortou o silêncio que apaziguava aquele deleitável pedaço de chão. Uma águia-

pescadora, ave de rapina de beleza peculiar, com mais de meio metro de comprimento, pousava em seu enorme ninho no alto de um pinheiro no outro lado do pequeno riacho.

O menino focalizou sua lente e puxou o zoom. Decidiu que precisava aproximar-se mais para registrar com maior precisão aquele espetáculo de amor e vida que se desenvolvia diante de sua objetiva. Três águias pequeninas, alvoroçadas pela presença da mãe, disputavam freneticamente pedaços de peixe que ela regurgitava para alimentar seus filhotes.

Mark desviou o olhar momentaneamente e vislumbrou a largura do riacho. Decidiu que não teria dificuldades em saltar para o outro lado. Deu alguns passos para trás, segurou sua câmara com firmeza, correu e saltou.

Um grito de dor cortou o silêncio da floresta. Seu cachorro pôs-se a ladrar desvairadamente, fazendo investidas em direção ao pé de seu jovem amo. O menino olhou para baixo; uma cascavel tinha as presas cravadas em seu tornozelo. Aterrorizado, sacudia a perna freneticamente para desvencilhar-se da cobra. Finalmente, seus esforços e as investidas de seu fiel amigo espantaram-na, e a cobra desapareceu na mata.

As presas da cascavel perfuraram a veia principal da perna do menino e o veneno entrou rapidamente em sua circulação sangüínea. A ferida lhe doía muito, e ele já começava a sentir tonturas. Mark estava a uns 150 metros de sua casa e tinha de voltar o mais rápido possível para ser socorrido. Iniciou seu trajeto de volta imediatamente.

Chegando a casa, apenas teve forças para abrir a porta, entrar cambaleando e dizer ao irmão que havia sido picado por uma cascavel. E desmaiou.

De imediato, o pai tomou Mark nos braços e o levou à picape da família. A mãe e o irmão vieram logo atrás; em instantes estavam na estrada a caminho de Naples, a cidade mais próxima, a mais de 50 quilômetros de distância.

A perna do menino já estava bastante inchada e roxa, e ele começou a ter convulsões. Prestes a entrar na cidade, a picape morreu. Desesperadamente, o pai tentava fazê-la pegar, mas não tinha jeito, havia esquentado demais. Saiu do veículo e pôs-se a acenar aos veículos que passavam, até que um motorista parou e os levou ao hospital.

Mark já estava em coma quando foi atendido. Corria risco de morte. Foram necessárias 12 horas de atendimento intensivo para estabilizar o menino. Nos dias seguintes, com exceção do coração, alguns dos principais órgãos já

estavam paralisados. Com os pulmões debilitados, passou a respirar por aparelho. A hemorragia interna foi tão intensa que o sangue brotava até pelos poros. Seu corpo estava totalmente inchado. Para aliviar a pressão do inchaço em sua perna direita, os médicos fizeram um corte de cima a baixo, e por pouco não teve sua perna amputada.

Milagrosamente, depois de algumas semanas no hospital, Mark começou a se recuperar. Quando foi retirado do respirador e conseguiu falar, o pai perguntou-lhe o que havia sucedido e onde ele estava. Ele contou o ocorrido.

- E como você conseguiu caminhar toda aquela distância até em casa com a perna daquele jeito? - indagou o pai.

O médico que o havia atendido estava presente e comentou que talvez não estivesse tão distante assim, pois dificilmente conseguiria caminhar aquela distância no estado em que se encontrava. E além dos 150 metros de caminhada, Mark ainda teria de transpor os 12 degraus de escada para entrar em sua casa.

- Mas eu não caminhei todo o tempo - respondeu Mark. - Quando eu comecei a perder as forças, um homem me pegou no colo e me trouxe até a porta de casa.

- Que homem? - exclamou a mãe.

- Um homem de branco que estava lá.

– Você viu quem era?

– Não deu pra ver o rosto dele, mas ele tinha um vozeirão.

– Ele conversou com você?

– Sim, disse que eu ia ficar muito doente, mas para não me preocupar que eu ia ficar bom.

Homem de branco naquele fim de mundo, no meio dos pinheirais? A mãe sentiu um arrepio subir-lhe pela espinha.

SE ORAR OS "MORTOS" VÊM

David Young tinha um plano macabro em sua desvairada mente: explodir a escola primária de Cokeville, no Estado de Wyoming, para matar todas as crianças que estivessem presentes. Ex-policial e ex-delegado do próprio povoado de Cokeville alguns anos antes, David Young acreditava na vida após a morte e na reencarnação. Esse maluco havia concebido sua própria versão de um admirável mundo novo, situado no Além. Sua idéia era formar uma comunidade com os espíritos dessas crianças após desencarnarem na explosão para ensiná-las sua

estranha filosofia "zero é igual ao infinito". Ele seria o mentor e o líder dessas crianças assim que todos os espíritos estivessem reunidos com ele no outro lado da vida após a fatal explosão.

Dada manhã, em maio de 1986, ele e sua esposa, Doris Young, invadiram a escola primária do pacato povoado mórmon e fizeram 154 reféns, entre crianças e professores. Estavam fortemente armados com pistolas e metralhadoras, além da potente bomba caseira que David havia montado e instalado em um carrinho de supermercado.

Reuniram todos os reféns em uma sala de aula com capacidade para apenas 35 alunos. David ficou mais ou menos no centro da sala, junto ao carrinho que portava a bomba. Sentou-se em uma cadeira e amarrou o cordão que detonaria a bomba ao pulso, bastando um puxão para fazê-la explodir.

Naquelas intermináveis horas que David permaneceu junto à bomba, enquanto falava sobre sua filosofia de "zero é igual ao infinito" às crianças, Doris conversava com as professoras e até brincava com as crianças mais agitadas, ajudando-as a se manterem calmas.

Doris ignorava que o marido planejava não sair vivo de lá. Pensava que ele estivesse fazendo isso por dinheiro,

pois havia pedido 200 milhões de dólares de resgate, quantia absurda que ele havia estipulado propositalmente. Sua esposa não sabia que David queria matar todos os reféns, além de si próprio e ela também. David havia escolhido aquelas crianças em particular, do pacato povoado, pela pureza e inocência delas devido à sua religiosidade. Para ele, essas crianças tinham a mente perfeita para habitarem seu admirável mundo novo e receber sua estranha filosofia.

David era diabético, e após algumas horas de extrema tensão, começou a passar mal e chamou Doris para substituí-lo enquanto ia ao banheiro. Tirou o cordão do pulso e o amarrou no da esposa.

Alguns minutos após David deixar a sala de aula, uma professora aproximou-se de Doris e puxou conversa. Seu objetivo era persuadir Doris a deixar as crianças fugirem. Durante a conversa, a professora disse a Doris que estava com uma forte dor de cabeça, ao mesmo tempo que levava a mão à frente, o local onde lhe doía.

Doris disse que sua cabeça também doía, e repetiu o gesto da professora – com a mão em cujo punho estava amarrado o cordão detonador.

E a bomba explodiu!

A pequena sala foi tomada por uma espessa fumaça negra em que nada se via. Imediatamente um dos professores começou a lançar as crianças para fora por uma janela que havia sido aberta quando David ainda estava presente. David saiu correndo do banheiro e encontrou dois professores no corredor. Atirou contra um deles que tentava fugir, atingindo-o no ombro. Mas mesmo ferido, o professor conseguiu escapar.

David entrou na sala de aula, agora vazia, e viu Doris agonizando em meio aos escombros. Impiedosamente, deu-lhe um tiro na cabeça e a matou; voltou ao banheiro e suicidou-se.

Muitas crianças sofreram queimaduras e foram internadas em hospitais da região; no entanto, poucas com alguma gravidade e nenhuma correu risco de morte. Todos os reféns sobreviveram à explosão.

Quando a polícia, os peritos e os professores entraram na sala para analisar os danos, observaram que todas as paredes e o teto estavam cobertos por uma grossa camada de fuligem, exceto uma parte em uma das paredes - ali havia uma mancha branca, em forma humana, com os braços parcialmente abertos. Os peritos especularam que talvez a força da explosão tivesse arrojado alguém contra a parede, possivelmente Doris, que sofrerá o maior impacto.

Mas o corpo de Doris estava no centro da sala, junto à bomba, e ali morrera.

A imprensa americana invadiu a pequena Cokeville, e uma das pessoas mais procuradas para entrevistas foi o perito em bombas. Quando questionado sobre o fato de nenhum refém ter perdido a vida, ele não tinha uma resposta apropriada.

– Um milagre - disse ele, mas retificou-se em seguida:

– Na verdade, dizer que foi apenas "um milagre" deixa a desejar como explicação.

A população de Cokeville era pequena, pouco mais de 500 habitantes à época. Muitas famílias tinham duas ou três crianças na escola. Uma das famílias tinha três, todas feitas reféns - uma menina de sete, outra de nove anos e um menino de 14. Pouco tempo depois da explosão, a filha de sete anos disse à mãe:

– Eles nos salvaram, mamãe.

– Eles quem? – indagou a mãe.

– Os anjos – respondeu a menina. – Eu fiz uma oração e eles vieram.

A princípio, a mãe não a levou a sério, mas depois a filha de nove anos disse à mãe que também havia visto anjos na sala. O filho disse que não viu ninguém, mas ouviu uma voz. As meninas disseram que viram uma mulher com

um bebê no colo, um homem a seu lado e uma menina pequena de cabelos castanhos longos. Todos estavam vestidos de branco e eram brilhantes como uma "lâmpada acesa", segundo a descrição das meninas. Elas os viram descer pelo teto da escola e ficaram pairando no ar. A mulher com o bebê no colo disse à menina que a bomba ia explodir em breve, mas que se ela obedecesse ao irmão, o rapaz de 14 anos, fazendo o que ele lhe dissesse, estaria a salvo. A menina de nove anos confirmou que ouviu as mesmas instruções. O irmão, que nada viu, disse que ouviu uma voz de mulher dizendo-lhe que levasse as crianças junto à janela, e lhes dissessem que não saíssem de lá.

Outras crianças, de outras famílias, disseram haver visto em torno de dez "anjos". Eles estavam de mãos dadas, em círculo, pairando no ar. Um "anjo" pairava sobre Doris antes da explosão. Outra criança disse que no momento da explosão viu que quase todas as crianças tinham um "anjo" a seu lado. Quando indagadas se esses "anjos" tinham asas, disseram que não, que eram pessoas como elas.

Duas das famílias, uma delas a das meninas de sete e nove anos e a do rapaz de 14 anos, mostraram álbuns de fotografias de seus familiares, e as duas meninas reconheceram o "anjo" que as instruíra: era sua avó, "mas

sem os óculos", disseram elas. A avó havia falecido quando a mãe das meni' nas e do rapaz tinha apenas 16 anos. O homem, embora não identificado com precisão, parecia ser um tio falecido havia muito tempo. Na outra família, outra menina que também fora instruída por um "anjo", reconheceu o seu. Era sua bisavó, falecida três anos antes.

O casal Hartt e Judene Wixom, pais de um dos garotos reféns que também viu os "anjos", escreveu um livro sobre esse episódio: *When angels intervene to save the children* (Quando anjos intervêm para salvar as crianças). Em 1994, a rede televisiva americana CBS produziu um filme baseado nesse livro: *To save the children* (Para salvar as crianças).

Agora compare o que vimos com o que o Espiritismo nos ensina. Em *O Livro dos Espíritos* (questão 488), Allan Kardec pergunta aos espíritos:

"Os parentes e amigos, que nos precederam na vida espiritual, têm por nós mais simpatia do que os Espíritos estranhos.?"

"Sem dúvida", responderam eles, "e muitas vezes vos protegem como Espíritos, conforme tenham poder para tanto".

SE ORAR OS "MORTOS" OUVEM

Andrew foi um dos furacões mais destruidores dos Estados Unidos. Centenas de casas no sul do Estado da Flórida foram arrasadas durante sua passagem. Em uma dessas casas, viviam duas moças: Diana Garcia e Kelly Reeme. Ray, primo de uma delas, era hóspede em sua casa nessa ocasião. Por volta de 2h30 daquela tenebrosa madrugada, Kelly levantou-se de um salto. O forte ruído das portas de vidro corrediças que trepidavam violentamente fê-la despertar. Pouco depois, as luzes se apagaram e a implacável destruição de sua casa começou.

A escuridão era completa. Os ventos destruidores arrancavam o teto que os protegiam e as vidraças se espatifavam. Os ruídos da destruição eram estrondosos e aterrorizadores.

Os três ocupantes se arrastaram até a copa e tombaram a mesa de jantar, escondendo-se atrás dela. Mas por pouco tempo. O implacável Andrew arrastou também a mesa em seus ventos destruidores. Novamente, estavam a descobertos. Arrastaram-se para trás do piano em um canto da sala. Em completa escuridão, nada viam. Apenas ouviam o zumbir de objetos que voavam a seu redor; entre os mais perigosos pedaços de vidros das janelas que

se esmagalhavam impotentes sob a força do devastador furacão. O piano era pesadíssimo, mas não para os ventos de Andrew. Um enorme buraco aberto em uma das paredes começou a sugá-lo para si. O uivo dos ventos assassinos e da chuva de estilhaços que cortavam o cômodo onde estavam era aterrorizador. Sem muito mais o que fazer, os ocupantes da casa começaram a orar, rogando ajuda às forças divinas para que o protegessem daquele terrível flagelo. Logo em seguida, em meio aos gritos desesperados de Diana e Ray, Kelly ouviu uma voz clara e autoritária, vinda do invisível:

– Kelly, estique seu braço!

Apesar de o piano estar se movendo, Kelly sentia-se segura atrás dele. O medo de ter seu braço ferido pelos estilhaços de vidro impedia-a de obedecer à voz.

– Kelly! – o tom agora era de ordem. – Estique seu braço!

A escuridão era total, mas desta vez ela obedeceu. Assim que esticou o braço, tocou uma almofada grande e a trouxe intuitivamente contra seu peito. Nesse exato momento uma das vidraças do cômodo se estilhaçou e pedaços pontiagudos de vidros atingiram em cheio o peito, agora protegido, de Kelly. A almofada, ou melhor "a voz", salvou-lhe a vida!.

NADA É IMPOSSÍVEL AOS EMISSÁRIOS DE DEUS

Richard e Sara poderiam ter seguido viagem pela estrada montanhosa e chegado a casa sem maiores incidentes. Mas o intrépido alpinista em Richard não conseguia resistir à tentação de escalar um daqueles irresistíveis penhascos do Estado do Oregon.

Convencendo a noiva a acompanhá-lo, estacionaram o carro à beira da estrada e caminharam montanha adentro. Não demorou muito e Richard encontrou um penhasco ideal – uma parede pedregosa, quase vertical, de aproximadamente 50 metros de altura.

Sara sentiu um frio gelado na barriga e tentou convencer o noivo a desistir da idéia.

Mas ele já havia começado a descer. Abrindo os braços, chamou a noiva para acompanhá-lo.

– Venha – disse ele com seu sorriso encantador –, rapidinho estaremos lá embaixo e vamos embora.

Descendo mais alguns metros, encontraram um obstáculo inesperado. As pedras estavam molhadas e escorregadias. E, para piorar, começava a garoar.

– É melhor a gente voltar, Richard – disse Sara.

Richard nem sequer teve tempo de considerar o convite da noiva. Perdeu o pé de apoio, escorregou, e despencou montanha abaixo. Sua morte foi instantânea.

Sara ficou pendurada em uma pedra, não sabia o que fazer. A parede do rochedo estava escorregadia como sabão. Se seu noivo, que era um experiente alpinista, agora estava estatelado no chão, seu fim não seria diferente. Até então, Sara não acreditava em Deus e muito menos em "anjos". Mas o terror perante a iminência desse trágico fim, fê-la implorar ajuda ao Além.

– Oh, meu Deus, ajude-me, por favor! Não me deixe morrer dessa maneira! – implorou. Ainda que sua voz ecoasse audivelmente entre as montanhas rochosas, não havia nenhuma viva alma para prestar-lhe socorro. Almas deste mundo, quero dizer, pois do outro havia muitas.

Contou ela que mal havia terminado sua súplica, quando os portões do Além abriram-se à sua volta e ela viu "os anjos" flutuando no ar, formando uma barreira de proteção que a impedia de cair.

NINGUÉM CAMINHA SÓ

Em setembro de 2004, uma menina guatemalteca de sete anos perdeu-se na selva. Ela havia acompanhado seu pai a um povoado, onde ele se embebadou e se esqueceu da filha. Tentando voltar para casa sozinha, a menina perdeu-se na selva. Dezesesseis dias depois, a pequena foi encontrada por caçadores em um lugar de difícil acesso, no município de San Pedro Yepocapa, a aproximadamente 120 quilômetros a oeste da capital, Guatemala. Assediada pela imprensa local, a menina contou que apenas tomou água durante aqueles 16 dias. Quando indagada se havia sentido medo, ela disse que não. Disse que havia "alguém" a seu lado que a acompanhava e a protegia.

"Há espíritos que se ligam a um indivíduo em particular para protegê-lo?", indagou Allan Kardec à espiritualidade.

E os espíritos responderam:

"– Sim, o irmão espiritual, é o que chamais de bom Espírito ou bom gênio".

"O Espírito protetor é ligado ao indivíduo desde o seu nascimento?", quis saber Kardec.

"- Desde o nascimento até a morte e, muitas vezes, o segue após a morte na vida espiritual, e mesmo em muitas existências corporais, porque essas existências são somente fases bem curtas em relação à vida do Espírito."

ANJOS DA MEDICINA

No ano de 2003, Celi, minha prima, residente em Jaú, no interior de São Paulo, passou 60 dias na UTI de um hospital. Ela havia sido internada para submeter-se a uma cirurgia simples e acabou sofrendo uma infecção generalizada. A maioria dos 60 dias que permaneceu no hospital esteve em coma induzido. E por três vezes a família fora chamada às pressas para despedir-se dela, pois, segundo os médicos, estava morrendo.

Três semanas depois de haver recebido alta, telefonei para ela. Queria saber se ela havia tido uma EQM (experiência de quase-morte).

Após alguns momentos de conversa com Celi, sobre sua saúde e sua família, passei a fazer perguntas indiretas até chegar aonde queria.

- Quando você estava em coma, você lembra se sonhava... Assim como se estivesse fora do corpo ou...

- Sim, estava.

- E para onde você foi?

- Na primeira vez que isso aconteceu, estava perto da porta da UTI...

- Do lado de dentro ou de fora?

- Dentro.

- E você se lembra se via seu corpo no leito?

- Sim, perfeitamente.

- E como estava o corpo no leito?

- Meio morto e todo "entubado".

- E você via os médicos e enfermeiras entrarem e saírem?

- Sim.

- E tinha mais alguém no quarto, além de você e o pessoal do hospital... Tipo, alguém diferente?

- Havia várias pessoas, homens e mulheres, mas não eram do hospital.

- E como eram eles?

- Alguns tinham os cabelos longos e grisalhos; vestiam túnicas brancas de um tecido "diferente", como se fosse seda, mas ainda mais delicado.

- E você conversou com eles?

- Não, mas eles conversavam entre si.
- Que faziam na UTI?
- Pareciam interessados no meu corpo.
- Quando os médicos ou enfermeiras entravam na UTI, eles saíam?
- Não, continuavam lá, ao lado deles.

Celi contou-me que às vezes via-se em um campo verdejante, com riachos de águas cristalinas, e gente, muita gente, vestidas com roupas brancas, passeando calmamente pelos campos. Aqui é preciso relembrar o leitor que Celi estava em coma, inconsciente, portanto, segundo a ciência, ela não poderia ter tido tais experiências!

Celi havia entrado no hospital "inteira", mas a inesperada infecção obrigou os médicos a retirarem-lhe o baço, um pulmão, três costelas e meio estômago, no entanto, ela saiu viva. Segundo ela própria me disse a última vez que nos falamos, até hoje os médicos que cuidaram dela não conseguem explicar como ela sobreviveu. Vale lembrar que a explicação que eles buscam está confinada na medicina convencional, por isso jamais vão encontrá-la.

Mas aqui está a explicação. Durante todo o tempo que Celi permaneceu no hospital, sua família orava muito para sua recuperação. E certamente foram atendidos. Enquanto

os médicos faziam seu trabalho do lado de cá, os anjos da medicina, que somente Celi era capaz de ver enquanto fora do corpo, faziam o seu trabalho do lado de lá. Celi contou também que durante quase todo o tempo que permaneceu no hospital, um garoto loiro, de rosto angelical e aparentando oito anos de idade, estava constantemente de pé perto de seu leito. Ela falava dele a seus familiares, mas ninguém o via, somente ela.

O QUE NOS DIZEM OS ESPÍRITOS

"Pensar que se tem sempre perto de si seres superiores, sempre prontos para aconselhar, sustentar, ajudar a escalar a áspera montanha do bem, que são amigos mais seguros e devotados que as mais íntimas ligações que se possa ter na Terra, não é uma idéia bem consoladora? Esses seres estão ao vosso lado por ordem de Deus, que por amor os colocou perto de vós, cumprindo uma bela, embora difícil, missão. Sim, em qualquer lugar onde estiverdes estarão convosco: nas prisões, nos hospitais, nos lugares de devassidão, na solidão, nada vos separa desses amigos que não podeis ver, mas de quem

vossa alma sente os mais doces estímulos e ouve os sábios conselhos".

Esses anjos amigos que nos cercam e nos acompanham não são outros senão seres que, assim como nós, já viveram na Terra e, muitos deles, nossos próprios parentes e amigos. Que não só vêm para nos ajudar e amparar nas lutas terrenas, mas vêm também provar que morrer não é o fim.

E não só voltam em espírito, mas voltarão também em carne e osso, assim como nós já voltamos e ainda voltaremos até alcançarmos o progresso moral, intelectual e espiritual necessário para habitarmos mundos menos materiais e mais avançados que a Terra.

Mas até que não nos tornemos puros o suficiente, até que tenhamos imperfeições a depurar e lições a aprender, voltaremos...

12. MUITAS VIDAS, MUÍTAS VOLTAS

Virgínia Tighe acomodou-se no sofá e apoiou a cabeça sobre um travesseiro macio. Para deixá-la ainda mais confortável, Morey Bernstein cobriu-a com uma leve manta. Diminuindo a luminosidade da saía, instruiu Virgínia a respirar profundamente várias vezes.

Bernstein já havia hipnotizado Virgínia duas vezes nos últimos seis meses, e impressionou-se com a facilidade com que ela entrava em transe profundo. Ele havia decidido que a jovem dona de casa seria a pessoa ideal para o que ele queria tentar fazer pela primeira vez – fazer sua memória retroceder, mas não à sua vida de criança, a seu primeiro ano de vida na Terra como o fizera anteriormente, e tampouco se referia à sua vida intra-uterina. Queria ir mais longe: a outras vidas, em outros tempos, com outras personalidades, a outras encarnações.

Mas seria possível tal feito? Tudo o que Morey Bernstein, o hipnotista amador da cidade de Pueblo, no Colorado, sabia, era que alguns hipnotizadores na Europa já haviam experimentado, e com sucesso, essa técnica. Albert de Rochas, por exemplo, na França, a partir do final da década de 1800 e doutor Alexander Cannon, na Inglaterra, nas primeiras décadas de 1900, haviam feito centenas de pessoas retroceder a outros tempos e a outras vidas.

"Se outros conseguiram, eu também conseguirei", raciocinou Bernstein. Morey Bernstein era amador no sentido de que a hipnose era para ele um hobby, mas já a havia estudado e praticado por dez anos antes de ter feito Virginia regredir.

Era um sábado, 29 de novembro de 1952, quando Virginia e o marido chegaram à luxuosa residência do jovem e bem-sucedido empresário. Bernstein havia convidado duas outras pessoas para ajudá-lo com o equipamento de gravação e para observar a sessão; sua esposa também estava presente.

Quando Bernstein percebeu que Virgínia já estava bastante relaxada, deu início às instruções.

– Agora, vamos voltar no tempo. Vamos voltar no tempo e no espaço como se estivéssemos voltando às páginas de um livro. A próxima vez que eu falar com você, você vai ter sete anos de idade. Continue relaxando... Relaxe... relaxe e volte no tempo.

– Você vai à escola?

– Sim.

– Quem senta à sua frente na classe?

– Hummm... Jackeline.

– E atrás de você?

– Verna Mae...

Depois de relatar ocorrências em sua vida naquela idade, Bernstein a conduziu aos cinco anos de idade, depois aos três, aos dois, a um, e depois...

– Quero que você siga voltando no tempo em sua mente. Quero que você volte no tempo e se veja em outras paragens, em terras distantes, em sua mente. Daqui a pouco vou falar com você. Siga voltando no tempo. Agora relaxe... relaxe. Observe o panorama à sua volta... relaxe.

– Agora me fale das cenas que aparecem em sua mente. O que você vê? Diga-me o que você vê.

– Ah... raspei a pintura de minha cama.

– Por que você fez isso?

– Não sei. Estava brava... apanhei muito... e de raiva raspei a pintura nova da cama.

– Sua cama é de madeira?

– Não, de metal.

– Qual é o seu nome?

– Hmmm... é Friday.

Bernstein estranhou o nome, talvez não tivesse entendido direito.

– Seu nome é o quê?

– Friday – ela repetiu.

O que o levou a estranhar tal nome é que Friday, pronunciado "fraidei" ou "fraidi" como Virginia o havia pronunciado com o sotaque irlandês, significa "sexta-feira".

- Você tem algum outro nome?
- Ah... Friday Murphy.
- Por que lhe puseram o nome de Friday?
- Bridey... Bridey Murphy – ela corrigiu.
- Ah sei. Por que lhe deram esse nome então?
- Em homenagem à minha avó.
- Quando você nasceu?
- 1798.
- Onde você mora?
- Hmm... em Cork... Cork. (região da Irlanda)
- Como se chamam seus vizinhos?
- Não temos vizinhos, moramos longe do vilarejo.

À medida que Virginia se aprofundava era sua vida como Bridey Murphy, mais o seu sotaque irlandês se acentuava. Além do sotaque, ela usava termos incomuns no inglês americano, sobre os quais Bernstein perguntava o significado. Recitava orações e cantava canções típicas da época, igualmente desconhecidas na América. Falava dos estabelecimentos comerciais nos quais fazia compras, da igreja que freqüentava, o nome do padre, de costumes de sua época, coisas que Virginia Tighe desconhecia.

Bernstein instruiu-a a seguir no tempo como Bridey Murphy até a época de sua morte. Ela disse que quando tinha 60 anos de idade sofreu uma queda e fraturou vários ossos, que nunca cicatrizaram por completo. Contou que vivia acamada e definhando, até morrer seis anos depois, em 1864. Na hora de sua morte, em um domingo, seu marido estava na igreja. Bridey Murphy contou que o marido ficou muito magoado por não estar com ela na hora de sua morte.

– Como você soube disso, se estava morta? – indagou o hipnotista, surpreso com tal revelação.

– Eu vi.

– Mas você estava morta.

– Sim, mas estava lá, vendo tudo.

– E para onde você foi depois?

– Para lugar nenhum, fiquei em casa.

– Na sua casa? Em Belfast? – Sim.

– Por quanto tempo?

– Até o Brian (o marido) morrer.

– E vocês se encontraram depois que ele morreu? -

Não.

– E para onde você foi depois que o Brian morreu?

- Para a casa do meu irmão, em Cork. Ele estava velho. Eu queria ajudá-lo, tentava falar com ele, mas ele não me dava atenção.

- Quanto tempo você ficou com ele?

- Até ele morrer.

- E você conseguiu falar com ele depois que ele morreu? -Sim.

- E para onde você foi depois?

- Fiquei em Cork, depois vim para a América e nasci em outro corpo.

O corpo a que ela se referia era de sua atual personalidade, Virginia Tighe, nascida no Estado de Wisconsin em 1923. Note que o período entre o desencarne de Bridey Murphy e seu reencarne como Virgínia Tighe foi de 59 anos.

William Baker, um repórter do jornal The Denver Post, do Colorado, publicou a história de Bridey Murphy na revista Empire Magazine, nos dias 12, 19, 26 de 1954, sob o título de "The strange searchfor Bridey Murphy" (A estranha busca por Bridey Murphy). O artigo causou um tremendo alvoroço. Entre os hipnotistas, aguçou-lhes o interesse; entre religiosos, principalmente os fundamentalistas, incitou-lhes a ira; e aos céticos e incrédulos, todos os tipos

de acusações, tais como fraudes, charlatanismo por ambas as partes, hipnotista e hipnotizada.

William Baker, o repórter que havia ouvido todas as fitas gravadas por Bernstein, não acreditava em fraude. Ele conseguiu convencer a diretoria do jornal a custear-lhe uma viagem a Irlanda para investigar as informações dadas por Virginia de sua vida como Bridey. Em uma ocasião, sob transe hipnótico, ela desenhou um mapa de onde morava, e seus arredores.

Na Irlanda, foram contratados os serviços de uma firma advocatícia, de vários bibliotecários e outros investigadores. Professores de história irlandesa que souberam do caso juntaram-se à busca voluntariamente. William Baker viajou mais de 16 mil quilômetros no Reino Unido em busca da autenticidade das informações. No final, mais de 20 informações, muitas delas obscuras e que Virginia Tighe não tinha como saber, foram consideradas autênticas.

Em 1956, Morey Bernstein lançou o livro *The search for Bridey Murphy* (A busca a Bridey Murphy), contando sua experiência com Virginia Tighe. Seu livro tornou-se um Best-seller da noite para o dia e deu um novo ímpeto ao interesse sobre a reencarnação entre o público americano e os hipnoterapeutas.

REGRESSÃO DA MEMÓRIA A VIDAS PASSADAS – UM BREVE HISTÓRICO

Um dos primeiros casos de regressão induzida da memória, como o faz a hipnose, encontrados na literatura é datado de 1862. Nessa ocasião, o príncipe Galitzen fazia experiências com hipnose com uma camponesa de Hesse, na Alemanha. Em transe, a mulher começou a falar francês fluentemente, dizendo ter sido uma dama da alta sociedade na região da Bretanha, na França, no século anterior. Dizia ter sido casada e que tinha um amante, por quem havia se apaixonado. Para ter maior liberdade em seu romance, queria livrar-se do marido.

Em uma oportunidade, quando passeavam próximo a um precipício, ela empurrou o marido penhasco abaixo e ele morreu. A camponesa disse que por essa razão havia nascido e vivido na pobreza na vida presente. Intrigado com as informações, o príncipe foi à Bretanha investigar a veracidade destas, e as confirmou. Investigou também a vida da camponesa para saber se sabia francês, mas

descobriu que não, que nunca o havia estudado, pois era analfabeta e falava apenas o dialeto alemão da região onde vivia.

Como investigação sistemática de comprovação da reencarnação por meio da regressão da memória, podemos traçar sua origem em um patrício de nosso Allan Kardec o coronel, engenheiro e investigador de fenômenos paranormais Albert de Rochas d'Aiglun. Suas experiências de regressão da memória a vidas passadas culminaram em seu livro *As vidas sucessivas*, no qual relata suas experiências e de outros "magnetizadores" conhecidos seus. Uma curiosidade quanto ao método de indução ao transe hipnótico utilizado por Albert de Rochas é o uso de passes magnéticos. Hipnoterapeutas da atualidade produzem o transe hipnótico em seus pacientes pelas técnicas de relaxamento e indução verbal.

A CONVERSÃO DE (MAIS) UM CÉTICO

As lembranças de vidas passadas expostas pela regressão de memória tiveram um obstinado refutador: doutor Alexander Cannon. Esse psiquiatra inglês era um

cientista ortodoxo para quem a vida do homem começava no nascimento terminava na morte. Para provar que esse negócio de vidas passadas era fantasia, deu início a um trabalho de regressão de memória envolvendo centenas de pessoas.

Em seu livro *The power within* (O poder interior), publicado em 1953, ele conta que a teoria da reencarnação foi para ele um pesadelo que o assombrou durante muitos anos. Ele não conseguia e não queria acreditar que o ser humano vive mais que uma vida. Tão refratário era à idéia reencarnacionista que chegava a discutir com os próprios pacientes quando esses, sob transe hipnótico, referiam-se a outras vidas que diziam ter vivido no passado. Argüia com eles que tais lembranças eram fantasias e asneiras. Em seu empenho para refutar a teoria da reencarnação, ele fez regredir hipnoticamente 1382 pessoas. Em um grande número de casos, paciente após paciente relembra e detalhava aspectos de vidas anteriores. Tais lembranças vinham à tona independentemente da crença do paciente e tampouco se aceitava ou não a possibilidade da reencarnação.

Apesar de seu esforço árduo para refutar a reencarnação, no final rendeu-se aos fatos e "jogou a toalha".

"Tenho de admitir", confessou ele, "que a reencarnação é uma realidade".

Esse ex-cético parece até ter seguido o chamado de São Luís, que vimos na abertura deste livro: "Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e idéias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre".

Junto com seus preconceitos e idéias preconcebidas, o doutor Cannon lançou para longe também o seu orgulho. Livre desses pesados fardos que mantêm o ser humano preso ao solo escuro da caverna da ignorância, seguiu rumo à Índia e ao Tibete para aprender mais sobre o assunto. Agora com a mente mais ampla, havia mais espaço para conceber outros mistérios que a mente cerrada não permite entrar. Escreveu mais de 20 livros abordando temas sobre a reencarnação, carma (conjunto de nossas ações e suas conseqüências), corpo perispiritual, vibrações, crenças orientais etc.

Ainda na Inglaterra, um contemporâneo do doutor Cannon, o hipnoterapeuta Arnall Bloxham, dedicou 40 anos à regressão a vidas passadas. Bloxham empenhava-se também em investigar a veracidade das informações que seus pacientes davam a respeito de vidas passadas que diziam ter vivido, confirmando muitas delas. As sessões de

regressão que conduzia eram gravadas em fitas magnéticas, totalizando mais de 400 horas de sessões. Em 1976, a BBC de Londres produziu um documentário intitulado *The Bloxham tapes* (As fitas de Bloxham), divulgando o seu trabalho de regressão e os relatos de seus pacientes. O documentário atraiu o interesse não só da "plebe" britânica, mas também do príncipe Philip, esposo da rainha Elizabeth II.

Nos anos 1970 e 1980 ocorreu nos Estados Unidos uma grande popularização da hipnose como meio de regressão a vidas passadas, tanto para fins terapêuticos como por curiosidade dos pacientes em querer saber quem tinham sido em outras vidas.

Em 1982, foi publicado o livro *Recordando vidas passadas: depoimentos de pessoas hipnotizadas da já desencarnada psicóloga e hipnoterapeuta doutora Helen Wambach*. Ela, como a maioria dos pioneiros nas pesquisas paranormais, era cética, a princípio. Mas sua posição se inverteu após ela mesma ter tido sua própria experiência e após fazer regredir mais de duas mil pessoas.

O que levou a doutora Wambach a investigar a possibilidade das vidas sucessivas por meio da hipnose foi uma experiência pessoal que teve em 1966. Numa tarde de domingo, ela visitava um museu Quaker em Mount Holly,

no Estado de Nova Jersey. Enquanto folheava um livro antigo em uma pequena biblioteca do museu, sob um estado consciencial alterado, como se tivesse regredido espontaneamente, ela descobriu que aquele livro fora seu em uma outra vida. Foi a partir dessa experiência que a conceituada psicoterapeuta, até então, segundo ela própria, bem ortodoxa, mudou sua maneira de ver a psique humana.

Uma vez que aceitara para si a veracidade da reencarnação, seu próximo passo foi comprová-la científica e sistematicamente como sendo um fato real. Dez anos após sua experiência naquela tarde de domingo, a doutora Wambach havia conduzido mais de duas mil sessões de hipnose para suas investigações.

Wambach levou seus pacientes a regredir a diferentes épocas passadas, conseguindo assim extrair detalhes dos quais só poderiam saber se realmente tivessem vivido naquelas épocas. Durante as sessões, ela instigava seus pacientes a observar e a descrever minuciosos detalhes que posteriormente ela mesma buscava confirmação histórica para comparar com as informações recebidas.

Um fato muito curioso que ela descobriu em suas pesquisas foi a consistência na distribuição da população entre os sexos feminino e masculino.

Historicamente, em qualquer época da humanidade - e isso ocorre também no reino animal -, aproximadamente 50 por cento da população é masculina e 50 por cento é feminina.

Os grupos com os quais a doutora Wambach trabalhava não tinham necessariamente essa mesma proporção. Podia haver mais homens em um grupo ou mais mulheres. Em um desses grupos, por exemplo, 45 por cento dos participantes eram homens e 55 por cento, mulheres. Durante a regressão, os participantes falavam de que sexo haviam sido na vida passada. Homens lembravam-se de vidas como mulheres e mulheres como homens. A pesquisadora, obviamente, catalogava todas as informações que obteve para posterior análise. Ao comparar o percentual de homens e mulheres nas vidas passadas revelado nesse grupo, ela constatou que 50,9 por cento haviam sido homens e 49,1 por cento, mulheres. Note-se que na vida presente 45 por cento eram homens e 55 por cento mulheres.

No grupo em que ela levou a cabo essa análise pela primeira vez, constatou que em suas vidas passadas 50,3 por cento haviam vivido vidas como homens e 49,7 por cento, como mulheres.

Veja um fato interessante: em junho de 2006, quase 30 anos após as pesquisas da doutora Wambach, a população mundial era de aproximadamente 6,525 bilhões de habitantes; destes, 3,285 bilhões eram homens e 3,240 mulheres. Agora atente à distribuição percentual entre os dois sexos: 50,3 por cento homens e 49,7 por cento mulheres!

Outro nome que ganhou destaque em trabalhos de regressão a vidas passadas foi o do doutor Morris Netherton. Em 1997 ele publicou o livro Vida passada: uma abordagem psicoterápica, considerado o primeiro trabalho utilizando lembranças de vidas passadas para fins terapêuticos.

No decorrer de suas conversas com os pacientes, sobretudo nos casos de distúrbios mais acentuados, o doutor Netherton notou que os pacientes repetiam constantemente as mesmas frases, em geral, negativas. Por exemplo: "Deus está me castigando" ou "não consigo lidar com problemas familiares" ou "ninguém é capaz de me amar" etc.

Quando o doutor Netherton fazia tais pacientes regredirem e a frase vinha à tona, ele os levava a repetir as frases várias vezes. A medida que se aprofundavam no transe hipnótico, invariavelmente seus pacientes

deparavam com alguma circunstância, quase sempre traumática, em alguma outra vida, responsável pelos problemas ou distúrbios atuais.

O doutor Roger Woolger, que estudou com o doutor Netherton seu método e cuja técnica é muito usada no Brasil, fazia o mesmo para tratar traumas e fobias de seus pacientes. Quando seus pacientes entravam em transe hipnótico, ele os instruía a se concentrarem nesses distúrbios até que chegassem à sua origem, que, assim como nos pacientes de Netherton, haviam sido ocasionados em outras vidas e se repetiam através das encarnações, "como a repetição de uma frase em um disco arranhado", diz o doutor Woolger.

As experiências do doutor Woolger foram relatadas em seu livro *As várias vidas da alma: um psicoterapeuta junguiano descobre as vidas passadas*, publicado nos Estados Unidos em 1988.

Nesse mesmo ano, tanto a regressão da memória a vidas passadas como o próprio tema reencarnação ganharam um novo ímpeto quase que da noite para o dia. A razão desse novo ímpeto foi a publicação do best-seller mundial *Many lives, many masters* (Muitas vidas, muitos mestres), pelo doutor Brian Weiss, psiquiatra residente em nossa ensolarada Miami Beach.

O livro detalha as experiências de regressão de memória que o doutor Weiss induzia em sua paciente Catherine para tratar de diversos traumas e fobias que ela apresentava.

Nas palavras do próprio psiquiatra, ele era um cientista ortodoxo, e a possibilidade da continuidade da vida após a morte ou da reencarnação nem de longe passava-lhe pela cabeça.

O doutor Weiss passou um ano e meio utilizando os meios que aprendera com a ciência materialista tentando tratar a ansiedade, os ataques de pânico e as fobias de que Catherine, uma jovem de 27 anos, sofria. Frustrado com seu fracasso, ele apelou para a hipnose, como último recurso.

Sob transe hipnótico, Catherine começou a relatar episódios ocorridos em outras vidas, que pareciam estar ligados com seus pesadelos, ataques de ansiedade e traumas atuais. Como um psiquiatra dedicado, o doutor Weiss ouvia sua paciente atentamente, mas a idéia de outras vidas ainda não lhe entrava na cabeça. Ele continuava cético, mas não por muito tempo. Com o decorrer das sessões, sua visão mudaria.

Em certas ocasiões, o transe hipnótico de Catherine dava lugar ao transe mediúnico, e por intermédio da

psicofonia, "os mestres" faziam ao doutor Weiss revelações sobre ele, sua família e seu filho, que havia desencarnado em tenra idade - revelações essas de teor extremamente pessoal, que a paciente de maneira nenhuma tinha conhecimento.

Em uma palestra do doutor Weiss, na qual estive presente, o eminente psiquiatra disse que sua vida possui duas fases: a.C. e d.C, antes de Catherine e depois de Catherine. Ele não só passou a acreditar na reencarnação como também é um de seus maiores divulgadores no meio médico.

Como seria de se esperar, a ciência materialista não aceita a terapia de vidas passadas como possível instrumento de comprovação para o fenômeno das vidas sucessivas e tampouco aceita a hipótese das vidas sucessivas. Para ela, os relatos dos pacientes são puras fabricações mentais ou lembranças inconscientes de fatos que leram em livros, viram em filmes ou ouviram falar. Muito comumente dizem ainda que os pacientes não estão se lembrando de nada, que inventam essas coisas para agradar ao terapeuta que conduz a hipnose.

Mas como explicar os casos de crianças que, tão logo são capazes de articular a linguagem, começam, espontaneamente, a falar para os pais sobre suas vidas

anteriores, dizendo-lhes quem foram, como morreram, onde moravam etc, fatos estes mais tarde comprovados?

MÉTODOS CIENTÍFICOS PARA COMPROVAR A REENCARNAÇÃO

Existem dois métodos científicos para o estudo da reencarnação. Um é a regressão da memória a vidas passadas por meio da hipnose, que acabamos de ver. E o segundo, o qual produz provas ainda mais patentes para a pluralidade das existências, é a chamada investigação de campo de lembranças espontâneas de vidas passadas. O pioneiro desse segundo método foi o doutor Ian Stevenson, eminente psiquiatra da Universidade de Virgínia, que passou mais de 40 anos dedicando-se a elaborar e a acumular provas científicas para a realidade da reencarnação, e que desencarnou em 8 de fevereiro de 2007.

Lembranças espontâneas de vidas passadas...
Vejam alguns casos.

13. MAMÃE, VOLTEI? LEMBRANÇAS ESPONTÂNEAS DE VIDAS PASSADAS

A pequena Anne estava sentada no chão, com os braços cruzados sobre o peito; um enorme bico adornava seu rostinho meigo. Ela estava muito brava com seu pai! Do alto de seus quatro anos de idade, acabava de anunciar a ele sua intenção de fugir de casa.

– E mesmo? – brincou o pai. – E para onde a senhorita vai... De volta ao céu, de onde veio?

– Eu não vim do céu – respondeu Anne, com seriedade. – Eu estava na Lua. Você sabe sobre a Lua, não sabe? – indagou ao pai.

– E o que é que eu deveria saber sobre a Lua?

– Tinha gente morando lá, mas a vida estava muito difícil e tivemos de sair.

O pai e o irmão, que anotava tudo o que Anne falava, já estavam acostumados com as histórias fantásticas da menina

desde que esta começou a articular as primeiras palavras com certa coerência.

O pai adorava instigar a filhinha quando ela vinha com alguma história nova.

– Ah, quer dizer que, antes de vir para nossa família, você morava na Lua?

– Ah, não – respondeu com casualidade –, eu já estive aqui um montão de vezes; às vezes eu era homem; às vezes, mulher.

A ruidosa gargalhada do pai deixou Anne enfurecida. Ela detestava ser ridicularizada.

– Fui sim! Fui sim! – repetia, olhos lacrimejando de raiva. – Uma vez fui homem no Canadá, até lembro meu nome!

– Hahahahaha! – gozou o pai, e acrescentou: – Menininhas americanas não podem ser homens no Canadá! Qual era seu nome, então, já que você se lembra?

Anne silenciou por um momento e voltou-se para dentro de si, ar concentrado, como se folheando os arquivos de seu inconsciente.

– Era Lishus Faber – anunciou triunfante.

"Lishus Faber", anotou o irmão de Anne em seu diário. Ele era um adolescente de 19 anos, filho do primeiro casamento de seu pai. Ele tinha verdadeira adoração pela pequenina, e suas histórias o fascinavam. Ele havia notado que às vezes a irmãzinha exibia fragmentos de

conhecimento que ela ainda não havia adquirido. Ele sentia que Anne não era uma menina igual às outras, percebia certas peculiaridades incomuns na maioria das meninas de sua idade.

E o pai seguia atirando a menina:

– E o que você fazia no Canadá naqueles tempos, "Lishus Faber"?

– Eu era um soldado – respondeu Anne com orgulho.

– Fui eu que tomei os portões!

– Que portões? Do que você está falando?

Anne não respondia. Pai e irmão pediam que lhes explicassem que portões eram esses, o que ela queria dizer com isso. Mas parecia que era tudo de que conseguia se lembrar. Eles insistiam para que falasse, e ela ficava cada vez mais brava por não se lembrar. E ficou por isso mesmo.

Mais tarde o irmão contou o ocorrido a um amigo, e ele o encorajou a ir ao Canadá atrás do tal do Lishus Faber. Mas em lugar de ir ao Canadá, o irmão foi à biblioteca e mergulhou nos livros de história canadense. Procurava por soldados que tomavam conta de portões, porém não encontrou nada. Depois de quase um ano de busca, quando já estava para desistir, a bibliotecária que o ajudava encontrou um livro antigo e obscuro que documentava aspectos históricos remotos daquele país.

Folheando o livro atentamente, um breve relato histórico atraiu toda a atenção do adolescente. Falava de um grupo de soldados que havia sitiado e depois tomado uma pequena cidade murada. Esse grupo era comandado por um jovem tenente que "tomou os portões" da cidade cujo nome era Aloysius Le Febre (a pronúncia de Aloysius Le Febre em inglês, sobretudo por uma criança, seria mais ou menos como "Lishus Faber", assim como Anne se recordava).

LEMBRANÇAS ESPONTÂNEAS DE VIDAS PASSADAS

Ao contrário do que vimos no capítulo anterior: em que a pessoa (geralmente adulta) é submetida ao transe hipnótico para acasalar memórias de vidas passadas, Anne lembrou-se de episódios de outra encarnação espontaneamente. Nas lembranças espontâneas, a criança começa a falar de ocorrências em outras vidas assim que começa a articular a fala, geralmente a partir de dois anos de idade. À medida que crescessem, as lembranças vão

ficando mais claras e podem lembrar-se dos nomes das pessoas que foram na vida anterior (como no caso de Anne), onde moravam, quem foram seus cônjuges naquela vida, seus parentes, amigos etc, e até mesmo como morreram. A partir dos seis ou sete anos de idade, essas lembranças vão se ofuscando, e a criança vai se esquecendo de certos detalhes; em alguns casos esquecem-se completamente, mas, em outros, lembranças mais #tidas e marcantes permanecem mesmo na vida adulta.

Aqui cabe uma observação interessante. No transe hipnótico, as ondas cerebrais da pessoa hipnotizada estão na frequência de atividade elétrica teta, de quatro a oito hertz. E é nessa frequência cerebral que ela consegue acessar seu inconsciente e trazer à tona lembranças de outras vidas. Podemos reviver episódios de vidas passadas durante o sono, em sonhos. E sonhamos quando nossa frequência cerebral está em teta! Em nós, adultos, a frequência cerebral em vigília, ou seja, em estado de alerta durante o dia, é beta, entre

14 a 30 hertz, o que dificulta o acesso ao nosso inconsciente. Mas já as crianças, entre dois e seis anos de idade, passam a maior parte de seu dia em alfa e teta! Daí

a facilidade que têm para absorver conhecimentos e se lembrar, espontaneamente, de vidas passadas!

MAMÃE, VOLTEI!

– É um menino – anunciou o obstetra –, mas antes de trazê-lo preciso avisá-la de que ele tem um grave problema no olho esquerdo. O olho direito é normal, mas acreditamos que não há visão no esquerdo.

A notícia não a incomodou muito. Kathy estava feliz por saber que o filho estava bem, isso era o que mais lhe importava. Além do problema no olho, outro fato chamou a atenção quando ela tomou Chad, o nome que dera ao bebê, no colo pela primeira vez. Ele tinha uma marca, que mais parecia uma cicatriz, no lado direito do pescoço.

– Doutor, isso aqui no pescoço do bebê, o que é?

– Uma marca de nascença – respondeu o médico.

Mas seu instinto materno lhe dizia que não era apenas "uma marca de nascença". Ao abraçar o pequeno Chad, teve a sensação de que algo grandioso estava por acontecer.

Olho esquerdo cego e uma cicatriz no lado direito do pescoço! Kathy lembrou-se de outro detalhe. E lá estava ele! A uns três centímetros atrás da orelha direita de Chad, havia uma protuberância.

- Doutor, isso aqui é um tumor? - indagou, preocupada.

- Apenas um cisto - replicou o médico. - Não se preocupe, em breve desaparecerá.

Chad já era seu terceiro filho, isto é, dos que estavam vivos. Seu primeiro filho nasceu quando tinha apenas 16 anos de idade. Ela engravidou do namorado, e ele a abandonou assim que soube de sua gravidez. Ela, porém, havia decidido ter o filho e deu à luz um menino, James. Kathy foi morar sozinha com o bebê em um apartamento.

O pequeno James mal havia aprendido a andar, aos 16 meses de idade, quando caiu e fraturou a perna esquerda. Além da fratura, a radiografia revelou também tumores cancerígenos. Exames posteriores confirmaram que ele tinha neuroblastoma, um tipo de câncer infantil, com metástase, ou seja, o câncer já se espalhara. Havia também um tumor próximo à nuca de James, alguns centímetros atrás da orelha direita. E foi desse tumor que lhe retiraram tecido para fazer a biopsia, no mesmíssimo lugar onde Kathy encontrou o "cisto" em Chad.

O câncer de James se espalhou com muita velocidade, e logo um tumor em seu olho esquerdo o deformou e o cegou: o mesmo olho deformado e sem visão de seu novo bebê!

E a "marca de nascença" que parecia uma cicatriz, no lado direito do pescoço de Chad? Na tentativa de prolongar a vida do pequenino James, os médicos haviam feito uma incisão na veia jugular direita e colocado um cateter para dar-lhe soro e medicamentos.

Devido à fratura na perna, James andava com muita dificuldade, e mancava, como se "jogasse" a perna esquerda adiante para firmar o passo. Quando Chad começou a andar, não só Kathy mas também seus parentes, notaram que Chad "jogava" a perna esquerda, como se mancasse, apesar de sua perna ser normal.

E o que era tudo isso – simples coincidência? Não para Kathy. Em seu âmago, sentia ser muito mais que coincidência.

– Senti como se um imenso peso fosse retirado de minha alma – disse ela a Carol Bowman, que publicou seu relato no livro *O amor me trouxe de volta: histórias emocionadas sobre reencarnação em família*.

– Até então faltava algo em minha vida para preencher o vazio que a morte de James deixou. Quando

abraçei Chad pela primeira vez, senti que o vazio havia sido preenchido.

Quando Kathy abraçou Chad pela primeira vez, contudo, ela não imaginava o que ainda estaria por vir!

Em 1997, quando Chad tinha quatro anos de idade, começou a falar coisas de sua vida passada. Um dia perguntou à Kathy se ela se lembrava da outra casa onde viviam e que ele queria visitá-la.

– Que outra casa, Chad?

– Aquela de cor laranja e marrom, com móveis cor de chocolate.

Em seguida, perguntou-lhe de seus brinquedos, se ela sabia em que lugar estavam, em especial aquele que "chacoalhava quando rolava". Kathy queria ouvir mais.

– E por que você quer voltar àquela casa? Para procurar os brinquedos?

O menino olhou-a nos olhos e o que disse fez arrepiar todo o corpo de sua mãe.

– Porque foi lá que eu deixei você.

A casa a que Chad se referia e descrevia era o apartamento onde Kathy morava com seu filhinho James, onde ele morreu, aos dois anos de idade. O prédio era de tijolos marrom-alaranjado, e os móveis marrom, da cor de "chocolate". O brinquedo que chacoalhava quando rolava

era de James, e ninguém mais, além deles dois, sabia do brinquedo. Igualmente, ninguém sabia do apartamento. Ela não tinha nenhuma foto do apartamento, nem do lado de fora nem de dentro.

Nos meses seguintes, Chad implorava à mãe para levá-lo na outra casa. Kathy notou também que quando ele falava da vida de James, seu tom de voz e seu semblante se modificavam. Falou da cirurgia (biopsia) que lhe haviam feito na outra existência, atrás da orelha direita, e mostrou para a mãe onde havia sido e onde tinha o cisto. Kathy mostrou a foto de James e ele disse que estava mesmo querendo aquela foto, que aquele era ele. Certo dia, no jantar, Chad disse a seu irmão mais velho: "Quando eu tinha dois anos de idade fiquei doente, depois morri e voltei de novo. Quando eu morrer de novo, vou voltar de novo". Até os cinco anos de idade, Chad ainda falava de sua vida como James. A partir dos seis anos, já não falava tanto.

IAN STEVENSON E A CIÊNCIA DA REENCARNAÇÃO

O termo lembranças espontâneas de vidas passadas foi criado pelo doutor Ian Stevenson, renomado psiquiatra da Universidade de Virginia e o maior pesquisado científico desse fenômeno de todos os tempos. No final da década de 1950, ele começou a ter notícias de casos de crianças que recordavam de suas vidas passadas. Intrigado com esses relatos, e com o apoio financeiro de Chester Carlson – o inventor das máquinas copiadoras Xerox e fundador da empresa -, o doutor Stevenson saiu a campo para conversar pessoalmente com essas crianças e seus familiares. Seus mais de 40 anos de investigações renderam-lhe um arquivo superior a três mil casos de lembranças espontâneas em várias partes do mundo, sobretudo na Índia, Sri Lanka, Mianmar (antiga Birmânia), Turquia, Líbano e outros países.

Os resultados de seus estudos foram publicados em uma série de livros, sendo o primeiro o clássico *Twenty cases suggestive of reincarnation* (Vinte casos sugestivos de reencarnação), publicado em 1966. Nesse livro, o doutor Stevenson relata os 20 casos mais convincentes de crianças que se lembraram espontaneamente e relataram a seus familiares ou amigos próximos informações sobre suas vidas passadas. Adotou grande rigor científico para assegurar que tais informações não fossem obtidas de

alguma outra maneira. Por exemplo: ele excluía as crianças que viviam perto das pessoas que diziam ter sido outras, pois suas supostas lembranças da vida passada poderiam ser fatos que escutaram de parentes ou amigos do desencarnado. Igualmente excluía as crianças cujos pais possuíam amigos mútuos que haviam conhecido os desencarnados que as crianças diziam ter sido; fazia-o para eliminar a possibilidade de que os pais ou amigos pudessem ter passado tais informações às crianças. Portanto, poderiam não ser autênticas.

Uma vez dentro desses critérios, o passo seguinte do doutor Stevenson era obter objetos que pertenceram aos falecidos, misturando-os com outros de outras pessoas, e apresentando-os aos reencarnantes para que apontassem corretamente aqueles que lhes haviam pertencido em vidas passadas. Para que fossem consideradas como indícios de lembranças de outras vidas, os índices de acertos deveriam ser superiores ao mero acaso. O doutor Stevenson levava em consideração todas as possíveis hipóteses: fraude, informações obtidas de outros, percepção extra-sensorial, estratégias dos pais para que as crianças mentissem para ganhar algo em retorno e até mesmo obsessão por espíritos. Somente depois de todas essas possibilidades serem descartadas como possível explicação é que o doutor

Stevenson considerava a hipótese da reencarnação. E segundo ele, a reencarnação era a explicação mais plausível para as centenas de casos que estudou.

Crianças que jamais haviam ido ao povoado onde diziam haver vivido chegavam e reconheciam lugares e indicavam as casas onde haviam morado; identificavam lugares específicos em algum cômodo na casa onde haviam escondido objetos na vida passada; reconheciam membros da família, chamando-os pelo nome e dizendo que relação haviam tido com eles, se havia sido esposo ou esposa, filhos, filhas, amigos etc.

Por mais que o doutor Stevenson desejasse, como cientista que era, não conseguia atribuir tais informações a fraude ou a hipótese de que aquelas crianças tivessem tido conhecimento dessas informações por familiares ou por amigos das pessoas que diziam ter sido. E por mais que relutasse em concordar, a reencarnação acabava sendo a explicação mais lógica que encontrava para o fenômeno.

UM CASO EXTRAORDINÁRIO

"Ibrahim" era uma das palavras que o pequeno druso* libanês, Daniel Jirdi, costumeiramente pronunciava após conseguir articular seu vocabulário. Aos dois anos e meio de idade, Daniel estava em um piquenique com seus pais e outros familiares. Aparentemente alheio às conversas dos adultos, interveio quando um deles tentava, com dificuldade, pronunciar o nome de uma pequena cidade das redondezas – Kfarmatta.

– Não é assim que se fala esse nome, é assim... – disse,

pronunciando-o corretamente e com grande facilidade.

Atônitos, os adultos acharam graça na inesperada intervenção do menino. Quando chegaram a casa, seu pai perguntou como ele sabia sobre a cidade, uma vez que jamais tinha estado lá.

– Eu sou de Kfarmatta – disse, com a maior naturalidade.

Algum tempo depois, foi com sua mãe de automóvel a Beirute, capital do Líbano. Quando trafegavam por uma praia conhecida como Military Beach, passando em um determinado lugar, Daniel levou as mãos à face e tapou os olhos.

* Druso: uma etnia semita antiga e pequena do Oriente Médio que acredita e aceita a reencarnação. (N. A.)

– Foi aqui que eu morri! Foi aqui que eu morri! – gritava desesperadamente.

Este foi um dos casos que o doutor Stevenson analisou minuciosamente e acompanhou por mais de uma década.

– E quem você foi na vida passada? – indagou o doutor Stevenson, quando Daniel tinha nove anos de idade.

– Rashid Khaddege.

– E como você morreu?

– Em um acidente de carro.

– Você se lembra como foi?

– Sim. Estávamos em meu carro (um Fiat conversível), mas era o Ibrahim quem dirigia. Ele estava correndo muito. Um outro carro passou por nós e o motorista xingou-o, e gritou para ele ir mais devagar. Ele ficou bravo; virou o carro e saiu como louco atrás do motorista. Eu gritava para ele ir mais devagar. Ele perdeu o controle da direção e o carro capotou; fui jogado para fora do carro e morri.

Em uma subsequente entrevista, quando Daniel já era adulto, perguntou-lhe o doutor Stevenson:

– Você já viu o Ibrahim?

– Sim.

– E como você se sentiu?

– Não gosto dele; se você quiser morrer, peça a ele para dirigir seu carro.

– Ouvi dizer que você visitou o túmulo de Rashid.

– Sim, visitei.

– E como você se sentiu?

– Que a morte não é tão assustadora assim.

Tom Shroder, um jornalista cético do Washington Post, que acompanhou o doutor Stevenson em uma de suas visitas a Daniel Jirdi, quando este já era adulto, saiu em busca de alguma notícia escrita sobre tal acidente. Com a ajuda de uma intérprete, passou horas em uma biblioteca de Beirute vasculhando os jornais com notícias do dia 12 de julho de 1968, um dia depois do fatal acidente.

Tom sentiu um arrepio descer-lhe pela espinha quando a intérprete mostrou-lhe um artigo sob a manchete "Acidente fatal em Kornich Al-Manara", no qual estava a foto de um Fiat conversível todo destruído.

Dizia o artigo: "Um acidente de carro ocorrido ontem em Kornich Al-Manara (Military Beach) causou a morte de um de seus ocupantes. O carro de propriedade de Rashid Naim Khaddege estava sendo dirigido por Ibrahim, em alta velocidade, quando capotou e causou a morte de Rashid Khaddege".

Os relatos de Daniel Jirdi, quando ainda criança, correram entre os drusos da vizinhança, até chegar à cidade de Kfarmatta e aos ouvidos da família Khaddege. Quando a família de Rashid Khaddege chegou à casa de Daniel pela primeira vez, ele reconheceu imediatamente uma irmã de Rashid, Najla, e a chamou pelo nome. Como os drusos crêem na reencarnação e a aceitam, a família Khaddege acredita que Daniel é mesmo a reencarnação de Rashid. Portanto, Daniel passou a ter duas famílias e recebe da família Khaddege todo o amor e o carinho que eles devotavam a seu filho Rashid.

É MELHOR ESQUECER O PASSADO

Kumkum Verma, uma garota indiana, começou falar sobre sua existência passada aos três anos e meio de idade

– Meu nome não é Kumkum - disse certa vez a seus pais. – Chamem-me Sundari.

Sundari Mistry era a pessoa que Kumkum descrevia como sendo ela em sua vida passada. Disse que como

Sundari vivia em Urdu Bazar, um bairro de artesãos na cidade de Darbhanga, que sua família era de serralheiros, que tinha um filho chamado Misri Lal (Sundari tinha dois filhos, Misri Lal era o mais velho) e um neto, Gouri Shankar, e que Sundari havia morrido em consequência de uma discussão. Darbhanga fica a 40 quilômetros de Bahera, povoado onde Kumkum havia nascido. Kumkum Verma nasceu em 14 de março de 1955, e desta vez em uma casta superior. Seu pai, o doutor B. K. Verma, era um médico bem-sucedido. Ninguém de sua família havia estado em Urdu Bazar ou Darbhanga antes de Kumkum nascer.

Como os hindus acreditam na reencarnação, seu pai, sua avó e uma tia passaram a anotar tudo o que a menina falava acerca de sua vida passada desde o momento em que ela começou a falar de Sundari. Kumkum deu corretamente detalhes da casa de Sundari, como sua localização em Urdu Bazar, que havia um templo de Shiva e um cinema próximos, uma goiabeira em um lado da casa e várias ameixeiras, tamareiras e outras árvores frutíferas; que havia um pequeno lago no quintal, que ela, como Sundari, havia contratado pessoas para o cavarem com pás e a terra retirada foi transportada em cestas de bambu. Esses foram alguns detalhes fora da casa. Dentro, disse que a casa era ladrilhada; que na parte norte da casa havia um

cofre em que ela guardava seu dinheiro e suas jóias (Sundari era relativamente próspera e muito generosa); que tinha um baú de madeira no qual guardava seus saris (roupa tradicional feminina na Índia, Bangladesh, Nepal e Sri Lanka) e seus ornamentos; que havia uma espada na parede perto de sua cama (de Sundari) e que uma cobra, a qual alimentava com leite, vivia em seu quarto, perto do cofre.

Em muitas ocasiões, Kumkum pedia aos familiares que a levassem a Urdu Bazar, mas jamais a levaram. Seus relatos da vida como Sundari eram acompanhados de emoções muito fortes, e os pais receavam que pudesse até adoecer se encontrasse os familiares daquela vida. Contudo, como o pai tinha um amigo em Darbhanga, um homem chamado Harish Chandra Mishra, falou-lhe certa vez a respeito dos comentários da filha sobre sua vida passada, e pediu-lhe que ajudasse a identificar Sundari.

Sundari, ou melhor, os familiares que deixou naquela vida foram localizados. O primeiro familiar encontrado foi o primogênito de Sundari, Misri Lal, pai de Gouri Shankar, cujos nomes Kumkum havia mencionado em suas lembranças. Como dissemos no início, Kumkum começou a falar de Sundari aos três anos e meio de idade, e a

localização de Misri Lal deu-se seis meses depois, quando Kumkum tinha quatro anos.

Harish Chandra Mishra tinha uma lista sobre tudo o que Kumkum havia dito, entre três anos e meio e quatro anos de idade, sem jamais ter estado em Urdu Bazar, e sobre sua vida como Sundari. Misri Lal confirmou todas como sendo verdadeiras! Até a espada na parede, o baú de madeira, a cobra no quarto e tudo o mais que havia ao redor da casa!

Agora a parte mais dramática da história:

Kumkum disse que Sundari fora envenenada pela esposa do enteado (Kumkum nasceu cinco anos após a morte de Sundari). Sundari havia ficado viúva e herdado a casa onde morava e alguns lotes de terra. Alguns anos depois casou-se com um primo distante do marido e foi morar com ele e seus filhos. O segundo marido vendeu algumas propriedades de Sundari às escondidas e desperdiçou o dinheiro. Derrubou até paredes da casa de Sundari e usou os tijolos para ampliar sua casa. Isso ocorreu na ausência de Misri Lal, enquanto este servia no Exército. Ao retornar a Urdu Bazar e saber desse fato, Misri entrou com um processo na justiça contra o padrasto.

Foi marcada a primeira audiência e Sundari seria a testemunha-chave e depor em favor do filho, o que

prejudicaria o enteado e sua esposa. Sundari não tinha problemas de saúde, mas logo após uma forte discussão com o enteado e sua esposa sobre o processo, alguns dias antes da audiência, Sundari passou a sentir-se mal e uns dias depois faleceu. Misri Lal suspeitou de imediato de envenenamento e pediu autópsia, mas foi dissuadido a fazê-lo por motivos religiosos.

Segundo as lembranças de Kumkum, a esposa do enteado envenenou Sundari para proteger os interesses da família.

Além de todos os detalhes corretos que Kumkum dera sobre sua vida como Sundari, a menina apresentava uma peculiaridade interessante. Seu sotaque era diferente do restante da família e típico das castas baixas de Darbhanga. A menina usava também certas expressões idiomáticas inco-muns no povoado onde morava, expressões essas típicas de moradores de Urdu Bazar.

As centenas de crianças que o doutor Stevenson investigou não apenas relatavam fatos sobre as pessoas que foram, em existências anteriores, mas muitas delas, assim como o pequeno Chad, traziam em seu novo corpo marcas de outras vidas.

14. MARCAS DE OUTRAS VIDAS!

– Eu vou voltar como seu filho – Victor Vincent disse à sobrinha predileta, um ano e pouco antes de seu desencarne. – E espero não voltar gaguejando tanto como nesta vida. E você vai me reconhecer por estas marcas. – Levantando a camisa mostrou-lhe uma cicatriz nas costas, na altura do ombro direito. – E a outra será aqui – disse, apontando à base do nariz, próxima do olho direito.

Dezoito meses após a morte de Victor, sua sobrinha teve um filho, Corliss Chotkin Jr. Quando o garoto começou a articular palavras, aos 13 meses de idade, dava-se o nome tribal pelo qual Victor era conhecido. Passado algum tempo, chegou até a perguntar à mãe se ela se lembrava da promessa que ele havia feito, de reencarnar como seu filho.

À medida que ia crescendo, recordava-se de mais detalhes da vida como Victor e os relatava aos pais. Falava de certos incidentes dos quais os pais não tinham conhecimento, mas que, ao indagar sobre eles às pessoas próximas de Victor, constatavam que tal coisa lhe havia mesmo acontecido.

Os pais começaram a notar também que Corliss apresentava certos traços da personalidade de Victor. Até

seu jeito de andar, meio que arrastando os pés, era típico de Victor. E outras peculiaridades proeminentes: Corliss era canhoto, assim como Victor – e gaguejava!

E as cicatrizes?

Corliss tinha duas marcas de nascença, exatamente nos lugares anatômicos nos quais Victor tinha as cicatrizes. A marca nas costas do menino era particularmente interessante, mais parecia uma cicatriz que uma marca de nascença. Nos dois lados da linha principal, havia pequenas marcas, assemelhando-se a pontos cirúrgicos cicatrizados em uma sutura, como a cicatriz em Victor.

Victor Vincent e sua família eram indígenas da tribo tlingit, do Alaska, tribo esta que acredita na reencarnação.

O doutor Ian Stevenson pesquisou este caso pessoalmente e obteve o relatório médico no hospital onde Victor havia sido submetido a uma cirurgia para remoção do saco lacrimal para combater uma infecção. Contudo, não encontrou o relatório da cirurgia nas costas.

O caso de Corliss Chotkin Jr. está entre as centenas referentes a marcas de nascença e defeitos congênitos sugestivos de reencarnação que o doutor Stevenson investigou pessoalmente. As marcas de nascença e os defeitos congênitos formam o argumento científico mais dramático e eloquente em favor da reencarnação.

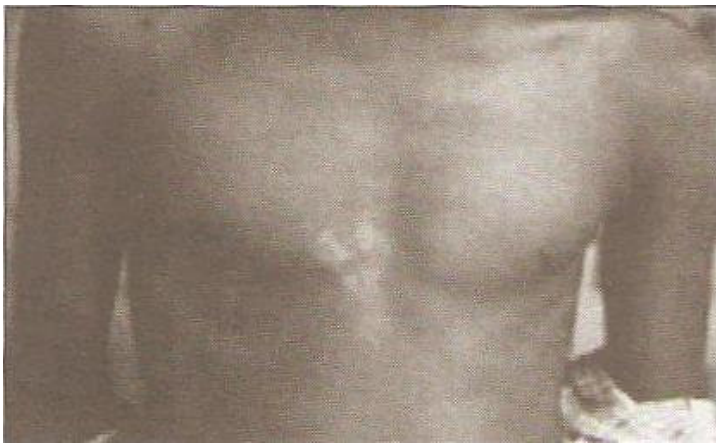
Nos primeiros 895 casos de crianças que se lembravam espontaneamente de vidas passadas investigados pelo doutor Stevenson e sua equipe, cerca de 35 por cento (309 crianças) possuíam marcas de nascença ou defeitos congênitos. Ao recordar detalhes da vida anterior, muitas delas relatavam também a maneira como haviam morrido na vida anterior. E as marcas de nascença ou defeitos apresentados no corpo atual correspondiam ao local da ferida mortal naquela vida.

NÃO ADIANTA ME MATAR, EU VOLTAREI

Maha Ram anunciara à jovem indiana sua reencarnação, antes de ela engravidar:

– Estou vindo a você – disse-lhe em um sonho. Com isso, deitou-se em uma pequena cama a seu lado, e o sonho terminou. Maha Ram era um lavrador da região que havia sido assassinado, sem motivo aparente, com um disparo de espingarda no peito, algumas semanas antes do sonho.

Hanumant Saxena nasceu em 1955, no distrito de Farrukhabad, em Uttar Pradesh, na Índia, e em seu peito havia uma marca de tamanho significativo e muito peculiar. A forma era irregular e parecia composta de várias marcas menores, uma bem próxima da outra. Mais peculiar ainda era que vez ou outra Hanumant queixava-se de dor nessa região, até mesmo em sua adolescência.



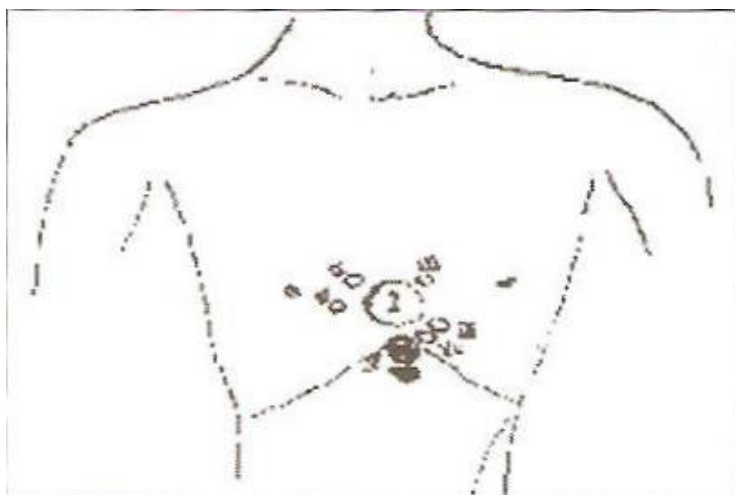
Hanumant começou a falar por volta de um ano de idade. Aos três anos passou a dar detalhes de sua vida como Maha Ram.

– Morri com um tiro aqui – disse certa vez a seus pais, apontando a marca no peito.

Hanumant dava nomes de parentes e amigos de vidas passadas e reconheceu vários deles quando levado à casa

onde viveu Maha Ram. Hanumant falou de sua vida como Maha Ram até os dez anos de idade, e depois parou.

O desenho seguinte foi feito por um médico indiano que acompanhou e auxiliou o doutor Stevenson a localizar documentos periciais sobre a morte de Maha Ram, para comparação com as marcas em Hanumant. O fato de o local da cicatriz não corresponder exatamente ao lugar da ferida mortal é facilmente explicável pelo crescimento do rapaz.



O RETORNO DO FORA DA LEI

Cemil Hayik, um turco, era um fora-da-lei e havia matado dois homens por terem estuprado duas de suas

irmãs. Ele foi preso pelos crimes mas conseguiu fugir da prisão e refugiar-se em uma região montanhosa próxima às cidades de Antakya e Samandag, na Turquia.

Dois anos mais tarde, alguém informou à polícia seu paradeiro e foram atrás dele. Nesse ínterim, seu irmão havia se juntado a ele. Quando os policiais chegaram, os dois se refugiaram em uma casa abandonada e trocaram tiros com a polícia.

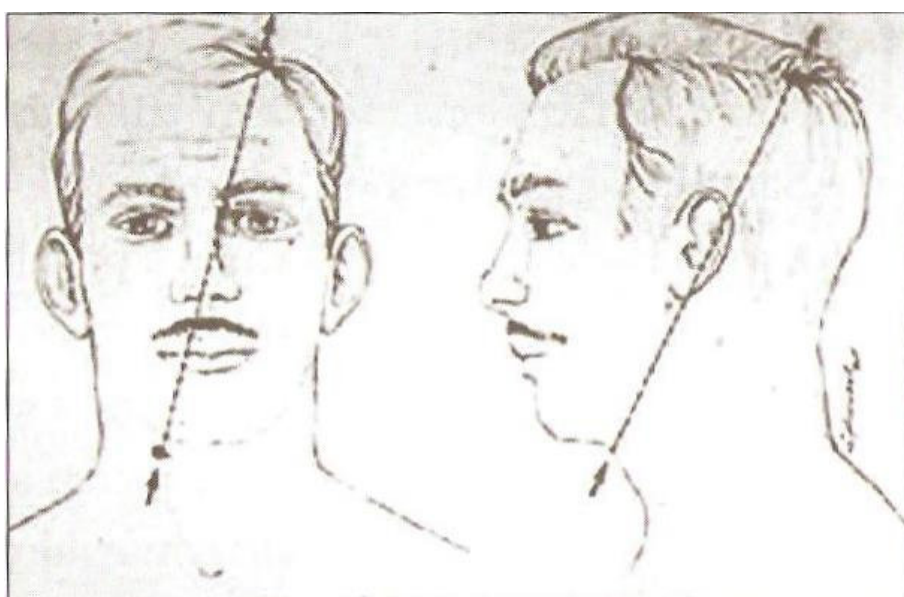
Mesmo em meio ao tiroteio, policiais conseguiram aproximar-se da casa e atear fogo. As chamas se alastraram rapidamente e o tiroteio cessou. Passados alguns instantes, dois disparos foram ouvidos dentro da casa. Cuidadosamente, policiais golpearam a porta até abri-la e avistaram os dois homens caídos no chão. Aparentemente, Cemil Hayik matou seu irmão e, em seguida, colocou o cano da arma sob seu queixo e disparou. A bala atravessou o céu da boca, penetrou-lhe o cérebro e saiu pela nuca.

Alguns dias após a morte de Cemil, Mikail Fahrıcı, um parente distante dele, residente na cidade de Antakya, teve um sonho. Sonhou que Cemil Hayik entrava em sua casa e acreditou que Cemil reencarnaria como seu filho.

O menino, Cemil Fahrıcı, nasceu em 1935, em Antakya, na Turquia. Se um simples sonho fez os pais

acreditarem que Cemil Hayik estaria de regresso, quando viram o bebê tiveram plena certeza de que era ele – em pessoa!

O bebê tinha uma ferida sob o queixo – que sangrava! – e outra no lado esquerdo da nuca: a do queixo correspondendo à entrada da bala, e a da nuca à saída.



Quando Cemil Fabríci começou a articular melhor a fala, a partir de dois anos de idade, ele descrevia, em detalhes, a vida e a morte de Cemil Hayik. O garoto tinha imagens vividas de sua vida passada, em vigília, durante o dia; e à noite, tinha pesadelos (terror noturno) * de seu encontro violento com a polícia e do suicídio. Essas imagens diurnas e os pesadelos persistiram até a idade de sete anos.

Quando garoto, Cemil detestava policiais e soldados e atirava pedras neles quando os via. Às vezes, com um pedaço de pau como se fosse um rifle, "atirava" em policiais e soldados que passavam em sua vizinhança; um dia, tentou tomar o rifle do pai para atirar neles de verdade. (lemtl tinhl também horror a sangue.

O doutor Stevenson investigou esse caso por muito tempo e por vários anos achou que Cemil Fahrıcı tinha apenas uma cicatriz, a do queixo, que era proeminente. Ao entrevistar uma das irmãs de Cemil Hayik, o doutor Stevenson soube que a bala havia saído pelo topo da cabeça; informação esta confirmada por um dos policiais que participou de seu cerco e do tiroteio. O doutor Stevenson teve a curiosidade de procurar a cicatriz na cabeça de Cemil e a encontrou.

* Terror noturno é um distúrbio do sono caracterizado por gritos durante o sono, comumente acompanhado por semblante de terror, ocorrendo principalmente na infância e diminuindo a partir do início da adolescência. A psicologia e psiquiatria desdenham a possibilidade de relacionamento deste com existências passadas, porém, muito comumente, buscam, em vão, origens em traumas desta vida, e não as encontram. (N. A.)



Um fato interessantíssimo: o nome que os pais deram ao menino quando nasceu não foi Cemil, mas sim "Dahann"; quando compreendeu que o nome referia-se á ele, o menino recusou-se a atender, dizendo que seu nome era Cemil, e os pais tiveram de trocá-lo.

O doutor Stevenson pesquisou dezenas de casos em que os reencarnantes diziam ter sido vítimas de assassinatos por armas de fogo na vida passada. Em 18 casos ele encontrou duas marcas de nascença - uma correspondente à entrada da bala e a outra à saída. Segundo o doutor Stevenson, a perfuração da saída da bala costuma ser maior do que a da entrada. Em 14 casos, as duas marcas eram de tamanhos diferentes. Em nove, a

evidência era clara que a marca maior correspondia à saída da bala e a menor à entrada.

ANTEPASSADOS DE NÓS MESMOS

Phoh San Kla era um notório ladrão de gado na Tailândia. Um dia foi a um povoado onde havia feito vários inimigos. Phoh foi cercado e assassinado a golpes de facão na cabeça. Pouco tempo antes de sua morte, havia ferido o polegar do pé direito em um acidente, o qual infeccionou gravemente e não havia sarado até a sua morte.

Phoh San Kla tinha um irmão chamado Puen San Kla, casado com Charon. Algum tempo após a morte de Phoh, ambos, Puen e Charon, sonharam com Phoh. No sonho, ele dizia que gostaria de reencarnar como filho do casal.

Dois anos mais tarde, em nove de outubro de 1924, Charon teve um filho, Thiang San Kla, que nasceu com duas marcas bem distintas, sendo a mais proeminente na cabeça, uma verdadeira cicatriz , e a outra era uma pequena

deformação na ponta do polegar do pé direito. Além de não ter a unha completa, a pigmentação no local era marcada-mente anormal. Thiang tinha também duas outras marcas menos pronunciadas no corpo, ambas correspondendo aos locais anatômicos onde Phoh tinha tatuagens.



Thiang ainda não havia completado quatro anos de idade quando começou a falar de sua vida como Phoh. Um policial que investigou Phoh por roubo de gado antes de este ser assassinado ouvira falar do menino que dizia ser a reencarnação de Phoh e foi visitá-lo. O policial disse ao doutor Stevenson que Thiang o reconheceu imediatamente. Impressionado com isso, o policial perguntou se sabia quem

matara Phoh, e o menino deu o nome de todos, corretamente.

Veio também a esposa de Phoh, trazendo consigo vários objetos, alguns que haviam pertencido a Phoh e outros não. Thiang reconheceu os que pertenceram a Phoh sem nenhuma dificuldade. E teria mais surpresas. Thiang detalhou, corretamente, vários incidentes que haviam ocorrido em sua vida conjugal como Phoh.

Sua esposa já havia falecido quando o doutor Stevenson investigou esse caso. No entanto, ele falou com uma de suas filhas e contou a ela que quando Thiang a viu pela primeira vez, reconheceu-a imediatamente e a chamou de "filha". Thiang a convenceu de que era Phoh reencarnado ao dar-lhe detalhes minuciosos da vida e da morte de Phoh. Thiang tinha apenas sete anos nessa ocasião.

Ainda pequeno, Thiang dizia chamar-se Phoh, e punha-se muito bravo quando o chamavam de Thiang. As vezes chamava seu pai de "irmão" e a irmã de seu pai de "irmã", em lugar de tia. (4)

Relata o doutor Stevenson que Thiang nutria sentimento de vingança contra os assassinos de Phoh até a idade adulta; que às vezes tinha o desejo de ir atrás dos assassinos e matar todos os que encontrasse. Mas depois

de refletir em sua vida como Phoh e dar-se conta dos erros cometidos, perdeu o desejo de vingança e tornou-se um cidadão respeitável em seu povoado (Nota: o doutor Stevenson acompanhou o desenvolvimento de muitos desses reencarnantes por anos, desde sua infância até a vida adulta).

Nos quatro casos mencionados, os reencarnantes trouxeram apenas as marcas ou cicatrizes correspondentes aos ferimentos recebidos em corpos anteriores. Mas, muitos outros,

certamente por causa da magnitude do impacto traumático, renasceram com pronunciadas deformações físicas.

QUERO FICAR POR AQUI

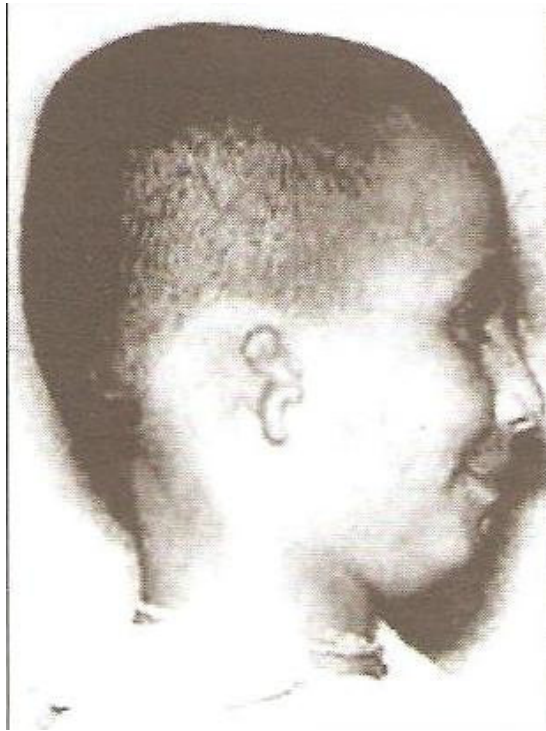
Selim Fesli era um pequeno fazendeiro do povoado de Hatun Koy, na província de Hatay, na Turquia. Certo dia, ao final de um trabalho muito cansativo em suas terras, deitou-se sob uma árvore em meio aos arbustos e dormiu.

Ao cair da noite, Isa Dirbekli, um vizinho que caçava na região, viu parte da cabeleira de Selim entre os arbustos. Confundindo-a com um coelho, disparou sua espingarda. Quando Isa ouviu o gemido, correu e viu o vizinho agonizando; com medo dos filhos de Selim, Isa fugiu sem socorrê-lo.

Selim foi encontrado logo em seguida e levado ao hospital da cidade de Iskenderun, onde morreu seis dias depois.

Karanfil Tutusmus morava no povoado de Sarkonak, a dois quilômetros de distância de Hatun Koy, onde Selim morava. Certa noite, Karanfil teve um sonho. Um homem, com o rosto todo ensangüentado, apareceu-lhe e disse: "Vim para ficar com quem sonha". Karanfil não conhecia Selim, mas seu marido, Ali Tutusmus, sim.

No ano de 1958, Karanfil deu à luz um menino, Semih Tutusmus. De imediato, notaram um grave defeito físico no recém-nascido. Semih tinha a orelha direita deformada. Além dessa deformação, o lado direito de sua face não estava totalmente desenvolvido.



Por volta de um ano e meio de idade, Semih começou a falar sobre sua vida como Selim Fesli. A primeira pronúncia referente àquela vida foi o nome "Isa Dirbekli", o homem que havia atirado em Selim. A partir daí o garoto dizia chamar-se Selim Fesli e, além de outros detalhes, disse que havia sido morto com um tiro no rosto. O menino deu, corretamente, o nome da esposa e dos seis filhos de Selim Fesli. Quando viu essas pessoas e outros conhecidos de Selim Fesli, o menino os reconheceu.

Semih mostrava um desejo muito grande de visitar a família de Selim Fesli. Com menos de quatro anos de idade, foi sozinho ao povoado de Hatun Koy, encontrou a casa de Selim e apresentou-se à família. Desenvolveu um apego

muito grande aos familiares de Selim e os visitava freqüentemente e, quando lá, ainda muito pequeno, comportava-se como o chefe da família. Quando um dos filhos de Selim casou-se e não o convidou, ficou muito bravo e não falou com a família durante algum tempo. Quando outro filho ficou noivo e casou-se, o menino empenhou-se em arrecadar dinheiro para ajudar o noivo.

Isa Dirbekli foi detido por apenas dois anos pela morte de Selim, uma vez que durante o julgamento sustentava veementemente que o disparo havia sido accidental. Nas ocasiões em que Semih o via, exibia atitude bastante hostil contra Isa, a ponto de atirar-lhe pedras. Semih disse ao doutor Stevenson e seu assistente que o disparo de Isa não havia sido accidental, que "o" havia matado intencionalmente.

Resat Bayer, assistente de doutor Stevenson nesse caso, tentou persuadir Semih a ser mais complacente e menos hostil com Isa, pois, mesmo que Selim Fesli tivesse sido morto, havia renascido como Semih. O garoto respondeu que entendia a lógica do raciocínio, mas que não conseguia resistir ao desejo de atirar pedras e bater em Isa quando o via. Seu desejo de vingança durou até os 18 anos, após entrar no Exército. Quando no serviço militar, sua orelha foi reconstruída quase à perfeição. Após receber

baixa, dois anos depois, deixou o cabelo crescer. De visual novo e auto-estima elevada, abandonou de vez o desejo de vingar-se.

ORA HOMEM, ORA MULHER

U Pe Tin, um homem do povoado de Okingone em Mianmar (antiga Birmânia), teve um sonho. Sonhou que U Seing Maung, um conhecido seu, dizia-lhe que gostaria de reencarnar em sua família. U Pe Tin achou o sonho muito estranho, pois nessa mesma noite, U Seing o havia visitado e conversado com ele e sua esposa, Daw Khin Hla. Portanto, como poderia uma pessoa viva vir pedir para reencarnar em sua família?

Para sua surpresa, no dia seguinte, U Pe Tin soube que U Seing havia sido emboscado no caminho de casa e assassinado a golpes de espadas.

O doutor Stevenson conversou com duas pessoas que viram o corpo de U Seing e ambas disseram que os dedos das duas mãos haviam sido decepados e por pouco não fora decapitado. Um assistente de doutor Stevenson contatou

várias outras pessoas que haviam visto o corpo de U Seing e todas confirmaram as informações sobre o decepamento dos dedos e a quase decapitação.

Daw Khin Hla ainda não estava grávida quando da morte de U Seing. Mas engravidou posteriormente e teve uma menina. Ma Myint Thein nasceu em 12 de outubro de 1956, em Okingone, no mesmo povoado onde vivia U Seing. Os pais de Ma Myint tiveram um grande choque quando viram as duas mãozinhas da menina. Com exceção dos po-legares, os oito dedos eram disformes, dois da mão direita "cortados" na primeira falange.



Ma Myint começou a falar de sua vida passada por volta dos cinco anos de idade, mais tarde que a maioria das outras crianças que o doutor Stevenson investigou, que

geralmente o faziam a partir de dois anos, ou até antes. As primeiras lembranças de Ma Myint vieram espontaneamente certa vez quando brincava com outras crianças. Ao observar que as mãos de seus colegas eram normais e as dela não, veio à sua mente o episódio do assassinato de U Seing. Ma Myint viu-se como U Seing Maung, cercado por três ou quatro homens, quando estes desfechavam-lhe golpes de espadas.

A primeira vez que sua mãe, Daw Khin Hla, notou que a filha falava de sua vida passada foi no momento em que ouviu a menina falando algo estranho a seus irmãos: "Minha esposa mora no sul (em Rangum), e darei doces para vocês se me levarem até lá".

U Seing Maung havia sido casado e tinha também uma amante, ou "uma esposa inferior", como dizem em nepalês, em Rangum, para onde viajava com frequência. Ele era viúvo da primeira esposa, que se suicidou ingerindo ácido de bateria por ciúmes dele. Ma Myint dizia que o assassinato de U Seing fora encomendado pela sogra, a quem mostrava imensa antipatia.

A partir desse episódio, as lembranças vieram cada vez mais claras, e Ma Myint passou a falar sobre sua vida passada com vários membros de sua família. Disse que seu nome era U Seing Maung, que sua esposa se chamava Ma

Thein, e tinha um casal de filhos. Deu também outros detalhes corretos sobre a vida de U Seing. Falava sobre sua morte e que havia sido assassinado com uma "longa faca". Disse que seus dedos eram deformados porque foram cortados quando tentava proteger-se dos golpes das espadas.

Ma Myint tinha pavor* de passar pelo local onde U Seing fora assassinado e, quando forçada, tinha calafrios e ataques de pânico. A menina exibia também uma peculiaridade interessantíssima que o doutor Stevenson encontrou em vários casos de reencarnantes do sexo feminino que se recordavam de suas vidas passadas como homens. Ela apresentava certos traços tipicamente masculinos. Por muito tempo preferia vestir roupas masculinas e usava certos verbos masculinos. Segundo o doutor Stevenson, o idioma de Mianmar, o nepalês, contém certas palavras que são utilizadas exclusivamente por um sexo ou outro. Ma Myint costumava queixar-se abertamente do fato de ser mulher.

Contudo, quando se tornou adulta, aceitou sua nova condição, casou-se e teve dois filhos.

OUTROS FILHOS, O MESMO AMOR

Lekh Pai Jatav nasceu em dezembro de 1971 no povoado de Nagla Devi, em Uttar Pradesh, na Índia. Nasceu sem as falanges de todos os dedos da mão direita. Quando começou a falar, o menino repetia constantemente a palavra "Tal" à mãe, mas ela não sabia o que ele queria dizer. Ao conseguir articular melhor as palavras, dizia à mãe que aquela não era a sua casa. Em uma ocasião disse à irmã que na vida passada havia colocado a mão em um moinho de moer comida para gado e cortado os dedos. Disse também que tinha mãe, pai(uma irmã mais velha e um irmão mais novo em "Tal".

* Assim como o terror noturno, muitas fobias têm sua origem em traumas de vidas passadas, mas a ciência convencional não aceita tal possibilidade; para ela a vida humana está confinada no período entre o nascimento e a morte, nada existindo antes do nascimento, nem após a morte. (N.A.)



Certa vez, passava por Nagla Devi uma senhora, que, ao ver Lekh Pai com sua mãozinha defeituosa, no colo da mãe, parou para conversar. E tudo começou a se encaixar. Disse a senhora que ela morava em Nagla Pai, um vilarejo vizinho, que um garoto chamado Hukum Singh havia morrido aos quatro anos e meio de idade, e que, no ano anterior à sua morte, brincava próximo ao pai enquanto este moía comida para o gado. Em um momento de distração do pai o garoto colocou a mão no moedor e perdeu os dedos.

Voltando a seu vilarejo, a mulher falou de Lekh Pai à família de Hukum, e estes foram visitá-lo e o levam casa em Nagla Pai. Lekh reconheceu o pai de Huki lin i sendo o homem que operava o moinho e deu corretamente vários detalhes sobre a vida de Hukum, mesmo em jamais ter

estado em Nagla Pai anteriormente. Antes do encontro com aquela senhora, a família de Lekh Pai jamais havia ouvido falar de Hukum Singh e sua família.

A VIDA, SEMPRE HÁ VIDA

Entre os trilhos da ferrovia, a garota Kalamagyi ajudava sua mãe no sustento da família vendendo água, comida e flores aos passageiros que paravam na estação próxima a sua cidade, em Mianmar. Praticamente criada entre os trilhos, Kalamagyi sabia exatamente quais trens paravam naquela estação e quais seguiam direto; sabia exatamente onde os trens mudariam de curso para os trilhos que os levariam à plataforma da estação.

Certo dia, ao avistar o trem que faria ali uma parada, correu pelo trilho central por onde vinha o trem, sabendo que este mudaria de curso um pouco antes e ela ficaria bem perto às janelas para oferecer suas flores aos passageiros. Mas houve um problema e o trem seguiu direto, e, por mais que o maquinista tentasse frear, não conseguiu parar. Kalamagyi não teve tempo de correr: o

primeiro impacto arrancou-lhe a perna direita na altura do joelho e, em seguida, uma das rodas cortou-lhe o corpo ao meio.

Daw Ngwe Kyí conhecia Kalamagyi e sua família. Certa noite Daw Ngwe teve um sonho. Nesse sonho Kalamagyi apareceu e lhe disse que reencarnaria como sua filha. Daw Ngwe não estava grávida, mas dois meses depois engravidou, e teve uma filha.

Ma Khin Htoo nasceu em 26 de julho de 1967, em Takton, Mianmar, e com um grave e raro defeito físico. Sua perna direita se estendia apenas até pouco abaixo do joelho e suas mãos apresentavam pequenas deformações.



Quando Ma Khin começou a falar, lembrou-se espontânea e corretamente de vários aspectos da vida e da morte de Kalamagyi e desenvolveu um apego muito grande à família desta. Ela os visitava com muita freqüência e gostava muito de estar em sua companhia.

MENINA, EU?

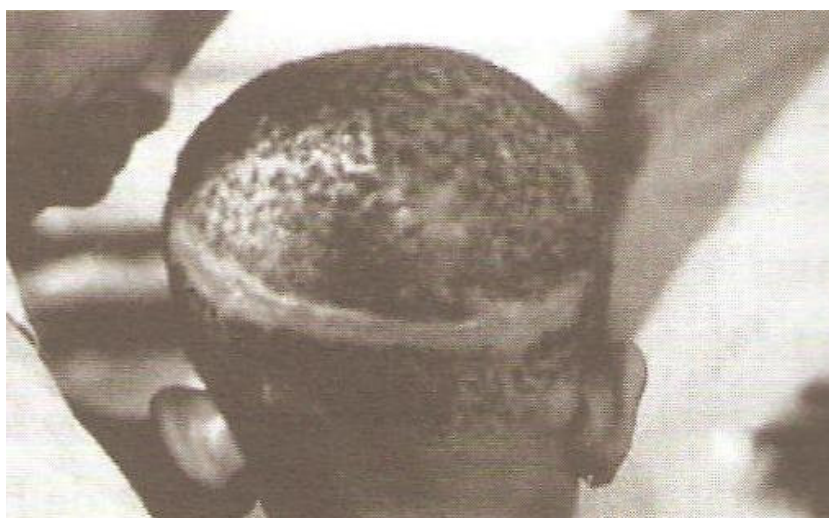
Nsude Agbo era um nigeriano da etnia igbo, cujos membros crêem na reencarnação. Nsude era meio briguento e um dia envolveu-se em uma confusão com um grupo de pessoas. Uma delas trazia um bastão e, no calor da discussão, golpeou Nsude violentamente na nuca. Nsude foi socorrido e levado ao hospital universitário na cidade de Knugu, onde foi operado, mas não resistiu ao ferimento e morreu alguns dias depois, no ano de 1970.

O doutor Stevenson foi ao hospital à procura de relatórios referentes ao atendimento médico e à cirurgia de Nsude Agbo, mas nada encontrou. O pessoal do hospital disse que muitos documentos haviam sido destruídos ou

desaparecido durante a guerra civil nigeriana, de 1967 a 1970.

Como médico que era, o doutor Stevenson disse que indubitavelmente uma cirurgia daquele tipo requereria extensas incisões no crânio para remoção de detritos ósseos e para suturar tecidos e, posteriormente, suturar o crânio e o couro cabeludo.

Jacinta Agbo, igualmente de etnia igbo, nasceu em 1980. Seus familiares a consideram a reencarnação de Nsude Agbo. E a maior certeza do fato para eles é a raríssima marca que a filha trouxe consigo a esta vida. Segundo o doutor Stevenson, que conheceu Jacinta aos dois anos de idade, "a mais extraordinária marca de nascença que já vi". Jacinta traz em sua nuca uma verdadeira cicatriz cirúrgica; buscar na ciência convencional uma explicação é um desafio para o intelecto.



E mais: Jacinta tem traços e trejeitos masculinos. Aos oito anos de idade, dizia que era menino. E, segundo ela mesma, fazia tudo e gostava de fazer tudo o que um menino faz.

O doutor Stevenson e sua equipe investigaram 210 casos de crianças que apresentavam marcas de nascença e defeitos congênitos atribuídos a feridas de vidas passadas. Desses 210 casos, foram encontrados 49 documentos médicos post mortem e, destes, 43 documentos confirmaram a correspondência entre as feridas da pessoa morta e as marcas ou defeitos congênitos do reencarnante.

NOTA EXPLICATIVA

A maioria das centenas de casos de lembranças de vidas passadas que o doutor Stevenson investigou foram de crianças cuja religião ou etnia acreditam na reencarnação, como Índia, Mianmar, os drusos, os igbos, os tlingits etc. Nessas culturas, quando as crianças começam a falar de vidas passadas, são estimuladas pelos familiares a

continuar falando e isso as ajuda a acessar memórias ainda mais profundas em seu inconsciente.

Embora haja muitos casos semelhantes em culturas ocidentais, inclusive alguns casos no Brasil onde o doutor Stevenson tinha como parceiro de investigação o doutor Hernani Andrade, são menos comuns que em culturas lias quais a reencarnação é aceita como um fato. Possivelmente, nas culturas ocidentais, ocorre o inverso que em culturas reencarnacionistas: no Ocidente, quando a criança começa a falar de uma vida passada, é dissuadida de continuar, pois que costumeiramente os adultos atribuem-nas a fantasias de crianças. Então a criança se fecha e nunca mais fala sobre o assunto a ninguém. E todos perdemos uma preciosa oportunidade de nos aprofundarmos um pouquinho mais nos imensos e maravilhosos mistérios de Deus e da vida.

COMO O ESPIRITISMO EXPLICA ESSAS MARCAS E DEFEITOS FÍSICOS

Em O Livro dos Médiuns (Parte Segunda, Cap. 1, Item 53) há a afirmação de que, após a morte física, os desencarnados "acham-se em estado de perturbação; tudo se lhes apresenta confuso em torno; vêem-se perfeitos ou mutilados, conforme o gênero da morte, o corpo que tiveram..."

E por qual processo teriam essas crianças trazido tais marcas ou defeitos de uma vida para outra?

O Espiritismo nos esclarece também sobre a importância do pensamento do espírito reencarnante antes e durante o processo da reencarnação, ou seja, de seu estado mental e emocional enquanto molda seu novo corpo físico no ventre materno.

Vejam, por exemplo, o caso de U Seing Maung (Ma Myint Thein), que teve seus dedos decepados antes de ser assassinado. O decepamento de seus dedos ocorrera poucos momentos antes de sua morte, como a garota de fato disse que foi, e quase em seguida recebeu o golpe fatal que o extrairia do corpo. O decepamento dos dedos (assim como o decepamento da perna da garota pelas rodas do trem ou a fratura do crânio de Nsude Agbo em sua vida anterior) seria indubitavelmente o trauma mais impactante que sofreria enquanto consciente – trauma este que

permaneceria mais vividamente em sua mente após o despertar da morte.

A média de tempo entre a morte e o renascimento nos casos estudados pelo doutor Stevenson foi de aproximadamente três anos. Dependendo do estado de confusão em que se encontrava o espírito, esse tempo não seria suficiente para seu reequilíbrio, e para ele seu corpo (nesse caso o perispírito) era tal como ele o via, defeituoso. E esse "defeito" seria passado ao futuro corpo físico, como realmente o foi nos casos citados.

Visto a intensidade dos traumas sofridos por essas pessoas na hora de seu desencarne, não se torna difícil compreender a presença desses, no dizer de Emmanuel, "aleijões de nascença" em seus corpos físicos atuais.

De acordo com a March of Dimes, organização filantrópica norte-americana dedicada à prevenção de defeitos congênitos, nascimentos prematuros e mortalidade infantil, existem em torno de quatro mil defeitos congênitos conhecidos. Desses quatro mil, 30% são causados por fatores genéticos e ambientais. E o que causa os demais 70%/ Não se sabe! Suas causas são desconhecidas! Considere-se a hipótese da reencarnação, e muitas delas mostrarão sua origem – em outros tempos, em passadas existências.

REENCARNAÇÃO E RELIGIÃO

A reencarnação é um dos pilares das religiões budista e hinduísta, nas quais são encontradas as maiores incidências de lembranças espontâneas de vidas passadas. No Cristianismo, ainda existem algumas referências à reencarnação no Novo Testamento, e havia mais, até o imperador Constantino ordenar sua remoção no século quarto, quando o Império Romano adotou o Cristianismo como religião oficial. No século sexto, o Segundo Concílio de Constantinopla declarou oficialmente que a crença na reencarnação era heresia. O Judaísmo cabalístico crê na reencarnação; e no Talmude o termo "gilgulneshamot" (reencarnação) é mencionado com freqüência. Os drusos, cuja religião tem suas origens no Islã, crêem veementemente na reencarnação, como já dissemos. Eles acreditam que drusos sempre reencarnam como drusos, em meio a seu povo, e logo após a morte. O termo que utilizam para reencarnação é "takamous" que, literalmente, significa

"troca de camisa". O corpo físico é para os drusos o mesmo que é para os espíritas: uma veste que serve para agasalhar o espírito. Portanto, a reencarnação nada mais é que uma troca de roupa da alma.

NECESSIDADE DA REENCARNAÇÃO

As investigações minuciosas de vidas passadas feitas pelo doutor Stevenson, que acabamos de ver neste capítulo, e por outros pesquisadores da atualidade, tais como o doutor James Tucker nos Estados Unidos; o doutor Kirti Swaroop Rawat e a doutora Satwant Pasricha da Índia; o doutor Erlendur Haraldsson, na Islândia; a doutora Antonis Mill , no Canadá; os doutores Jurgen Keil e Titus Rivas na Holanda; o doutor João Alberto Fiorini e Vitor Moura no Brasil) adicionadas às evidências nos milhares de casos de lembranças de vidas passadas expostas pelas regressão da memória, deixam claro a realidade da reencarnação.

Mas por que teríamos de reencarnar? Por que não viver apenas uma vida na Terra e passar o resto da eternidade gozando as delícias do paraíso?

Deixemos aqueles que sabem, os espíritos que se manifestaram na elaboração das Obras Básicas de Allan Kardec, darem a razão da necessidade de reencarnar:

"Como a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corporal, pode acabar de se depurar?"

"Submetendo-se à prova de uma nova existência (reencarnando)", explicam eles. "A alma, ao se depurar, sofre sem dúvida uma transformação, mas para isso é preciso que passe pela prova da vida corporal". "(...) todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem vos manter na ignorância em que eles próprios se encontram (...)". (10)

Os casos extraordinários que acabamos de ver neste capítulo, por si próprios, mostram a eloqüência com a qual a ciência e os fatos comprovam o que o Espiritismo ensina...

Morrer não é o fim!

EPÍLOGO

"O pior cego é aquele que não quer ver", diz o antigo ditado. Não é mais possível duvidar da existência da vida após a morte mediante tantas comprovações. Todos os fenômenos que vimos dão-se diariamente em todas as partes da Terra. Julgá-los simplesmente fantasias da mente humana, como a ciência materialista tende a fazê-lo, implicaria acreditar em uma alucinação em massa de toda a humanidade. Isso não é verdade.

"A Doutrina Espírita, pelas provas patentes que dá da vida futura, da presença em torno de nós daqueles que amamos, da continuidade da sua afeição e da sua solicitude, pelas relações que nos faculta manter com eles, nos oferece uma suprema consolação numa das causas mais legítimas de dor. Com o Espiritismo, não há mais solidão, mais abandono, porquanto o homem mais isolado tem sempre amigos perto de si, com os quais pode conversar".

Para o espírita, isso que nos disse Allan Kardec, há 150 anos, basta para que creia, ou melhor, saiba, que é um espírito imortal, que continuará vivendo inteira e intactamente mesmo após a dissolução de seu corpo físico,

pois sabe que ele não é o corpo. Mas, para aqueles que não são espíritas e que necessitam de provas ainda mais patentes, os relatos e os estudos científicos e sistematizados da atualidade que vimos no decorrer deste livro deixam claro que não vivem apenas uma existência passageira, um momento efêmero entre o nascimento e a morte e nada mais.

As descobertas que esses estudos sistematizados têm feito sobre a sobrevivência da alma vêm cumprir a previsão que fizera nosso codificador há tanto tempo:

"Como a invenção do microscópio descobriu o mundo dos infinitamente pequenos", disse ele, "que não suspeitávamos; como o telescópio nos descobriu os milhares de mundos que não suspeitávamos mais, as comunicações espíritas nos revelam o mundo invisível que nos cerca, que nos acotovela sem cessar e, sem que o saibamos, toma parte em tudo que fazemos. Algum tempo ainda, e a existência desse mundo que é o que nos espera, será também incontestável, como a do mundo microscópico e dos globos perdidos no espaço".

A criação de teorias às quais a ciência materialista recorre para evitar atribuir os fenômenos que vimos aqui à sobrevivência do espírito não muda nossa realidade. Nós somos imortais e não há como desfazer esta verdade. E

todos, incrédulos, céticos, negadores e ateus saberão disso quando chegar sua vez de deixar a vida na Terra, e muitas vozes ecoarão as últimas palavras dos incrédulos, céticos, negadores e ateus do passado.

"Como pude ser tão tolo!" foram as palavras com que Winston Churchill despediu-se de sua vida na Terra.

"Destruam todos os meus livros, eu lhes imploro. O Santo está aqui, esperando por mim", clamou Yaroslowski, então presidente do movimento internacional dos ateus.

A enfermeira de Voltaire, que assistiu ao desencarne do famoso filósofo e escritor francês, disse que nem que lhe oferecessem todo o dinheiro da Europa ela queria ver outro incrédulo morrer. "Passou a noite inteira implorando perdão", disse ela.

"Estou nas chamas!", gritou David Hume, reconhecido filósofo ateu do século 18, na hora de sua morte.

Que a morte não é o fim e que continuaremos vivendo mesmo após o último suspiro é um fato real. Contudo, uma vez novamente reencarnado na Terra, só devemos deixá-la pela vontade de Deus, isto é, temos de cumprir na Terra o tempo que nos foi designado. A vida na Terra é um tipo de campo de treinamentos pesados e dolorosos que têm por finalidade imprimir na alma experiências que só são possíveis quando estamos em um mundo físico.

Nós mesmos, apesar de não lembrarmos disso conscientemente, escolhemos, com a ajuda de nossos anjos guardiões, espíritos protetores e familiares, voltar à Terra para nosso próprio melhoramento. Nós mesmos nos conscientizamos de nossos erros passados e nos propusemos a retornar para repará-los. E fomos agraciados com outra oportunidade.

É comum em algum ponto de nossa vida terrena olharmos para trás e rever nossa vida, certas decisões que tomamos, certos caminhos que escolhemos seguir. Muito freqüentemente nos damos conta de que se houvéssemos feito certas coisas diferente ou tomado outras decisões, estaríamos melhores. E muito comumente pensamos: "Ah, se eu pudesse ter outra chance, se pudesse reviver minha vida, faria muita coisa diferente".

Pois bem, este momento em que nos encontramos, esta vida que neste momento estamos vivendo, independentemente da idade de nosso corpo físico – se novo, de meia-idade ou idoso –, esta encarnação é a outra chance, a outra oportunidade que gostaríamos de ter.

Nós a temos neste exato momento. Este é o exato momento de fazer o que gostaríamos de ter feito e não fizemos, de traçar objetivos, de recomeçar uma nova vida cujos frutos, se não forem colhidos nesta encarnação,

podemos estar certos de que serão colhidos na próxima,
pois nenhum esforço será em vão.

Muita paz!

Fim do livro